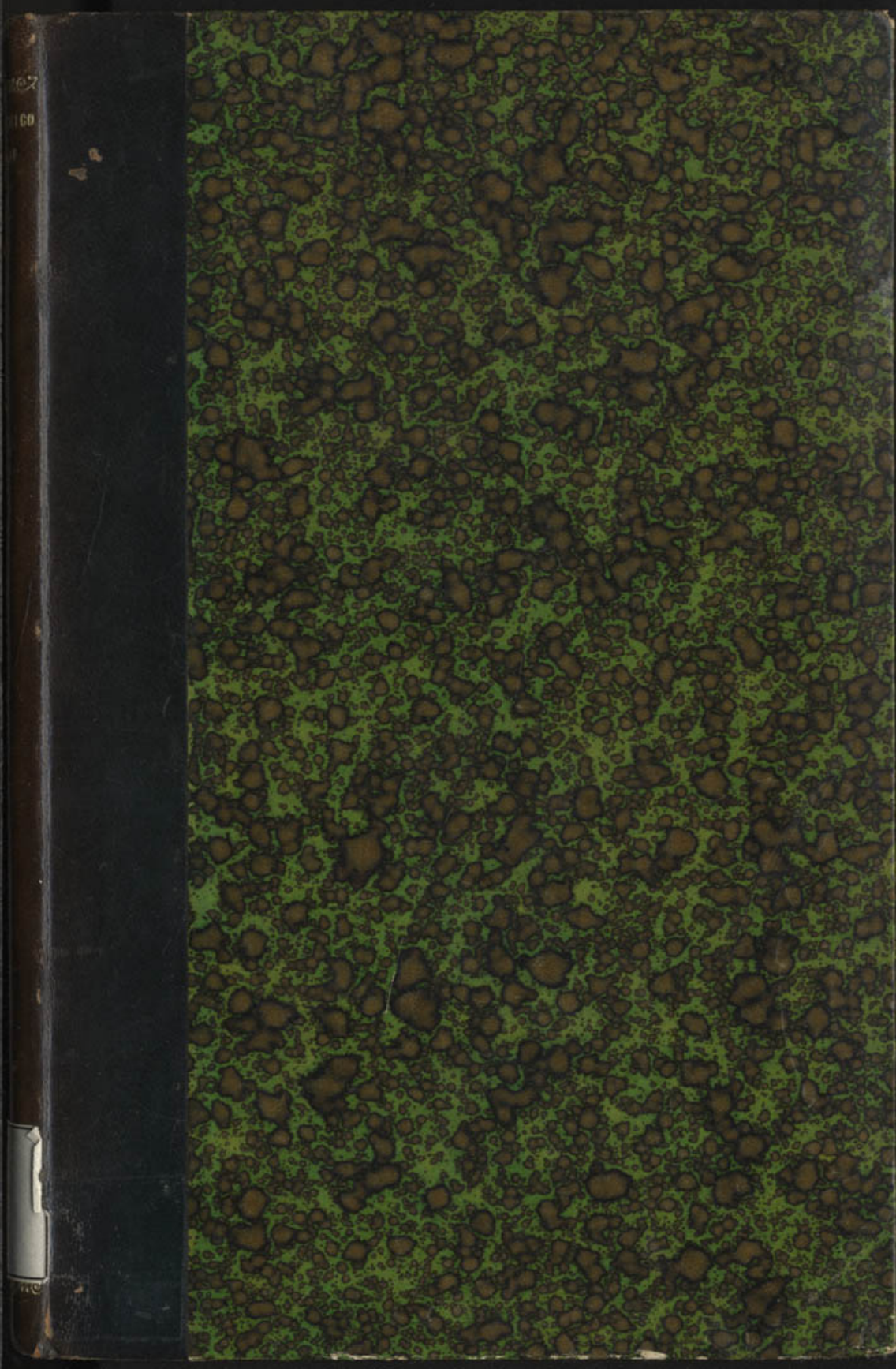




D. Porto



Sala

Gab.

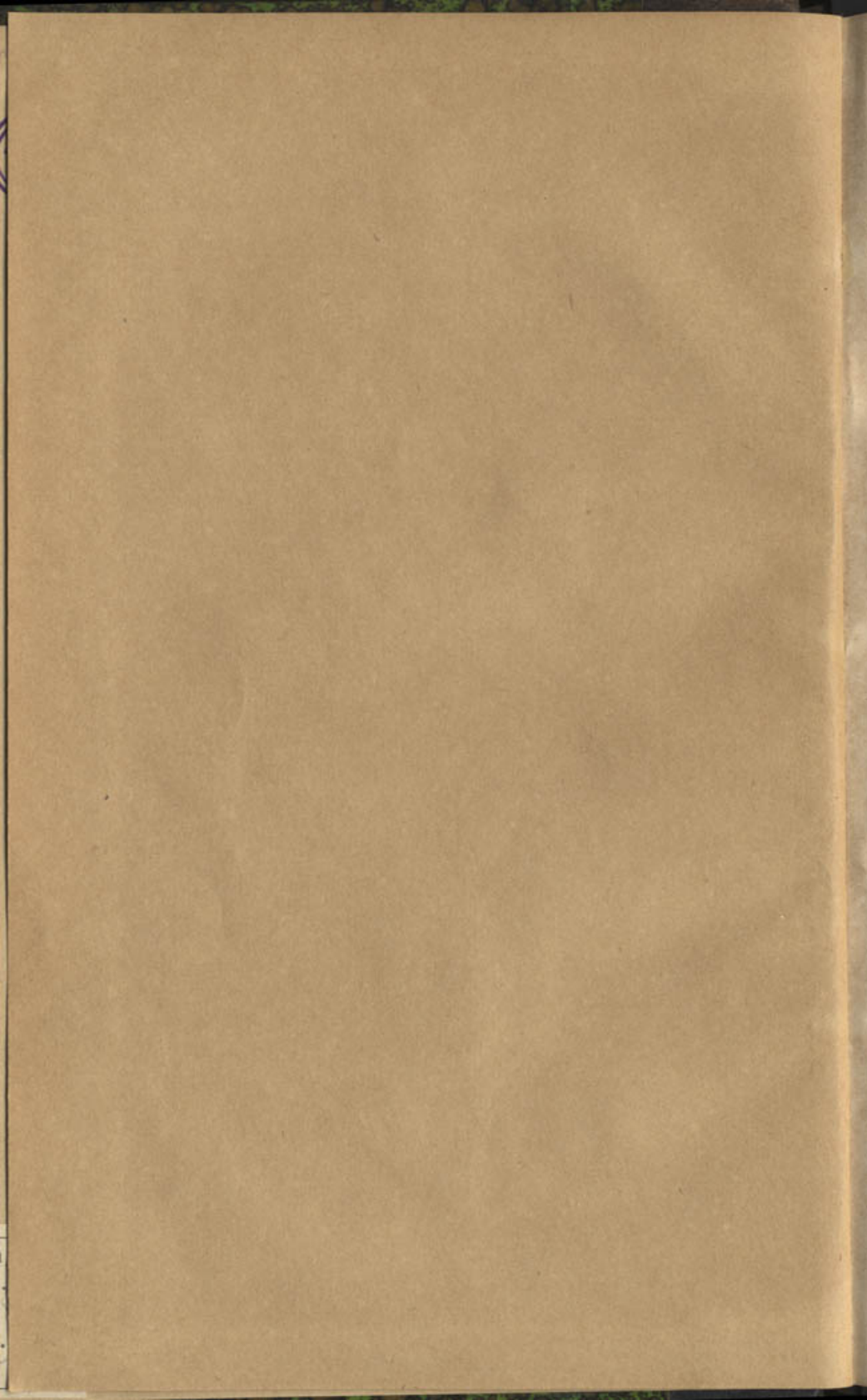
Est.

Tab.

N.º

7
14
20

E-5-70



THEORIA GERAL DA EMIGRAÇÃO

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA O ACTO

DE

CONCLUSÕES MAGNAS

NA

FACULDADE DE DIREITO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

POR

José Frederico Laranjo

COIMBRA

IMPRESSA LITTERARIA

1877

AO

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

P.^E ANTONIO JOSÉ DA SILVA

ARCEDIAGO DO VOUGA NA SÉ CATHEDRAL DE COIMBRA,
EXAMINADOR PRO-SYNODAL,
VICE-REITOR E PROFESSOR DO SEMINARIO EPISCOPAL
DA MESMA CIDADE

Off.

O AUCTOR.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF THE EMPEROR OF THE EAST

OF THE GREAT MONGOL EMPIRE

BY THE

EMPEROR OF THE EAST

OF THE GREAT MONGOL EMPIRE

OF THE GREAT MONGOL EMPIRE

Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr.

Um concurso feliz de circumstancias a que não chamarei fortuitas, porque offenderia com isso a Providencia, fizeram-me sahir da classe da minha familia, a dos que fecundam a terra com o suor que produz o trabalho, para a classe dos que estudam e pensam.

Tirou-me da posição a que naturalmente estava destinado a caridade d'uma familia, de que hoje já não resta senão uma pessoa; obrigaram-me depois a sahir de Portalegre luctas que só eram grandes para mim, porque eu era pequeno, e trouxe-me para Coimbra o incitamento e o auxilio d'alguns amigos, aos quaes todos envio d'aqui o meu reconhecimento.

Em Coimbra entrei no Seminario que V. Ex.^a hoje dirige, e entrei doente do corpo e do espirito, e não sei se já lh'o disse, prevenidissimo contra o Seminario, apprehensivo e tristissimo.

Iam a tal ponto as minhas prevenções que, indicando-se-me quasi ao crepusculo o quarto em que devia ficar, tomei a porta, que era de madeira oleada d'azul e de branco, por uma especie de bastidor de theatro de ripa e de lona, retirei-me addiando a entrada para o dia seguinte, e fui queixar-me da porta ao nosso amigo —

Abilio Augusto da Fonseca Pinto —, cujo nome folgo d'escrever aqui, como o da primeira pessoa que me protegeu em Coimbra.

«É impossível, dizia-me elle, conheço o Seminario, e isso não é assim.»

— Mas se eu vi o quarto atravez da porta — replicava eu. «Seja como fôr, tornava elle, as portas são de madeira.»

No outro dia vi que me enganara; ver o quarto fôra effeito do ralo que costumam ter as portas nas casas d'educação. A minha phantasia era desmentida, e dentro de poucos dias o Seminario começou a ser para mim um seminario d'amigos. Entre elles V. Ex.^a tomou o primeiro lugar; a sua amisade tem sido para mim uma amisade quasi paterna.

Como todos os homens que luctaram, e que vivem constantemente com os livros, eu sou ao mesmo tempo timido e ousado; ousado quando por interesse meu devia ser timido, timido quando por interesse meu devia ser ousado. Como um grande pintor, que corrige os defeitos do discipulo, V. Ex.^a encarrega-se de desfazer os erros e as faltas do meu modo de viver; quando eu durmo, vela

por mim a prudencia e a amisade enthusiastica de V. Ex.^a; e, como obra d'um Benevenuto Cellini, a amisade de V. Ex.^a tem valor sem ter pezo.

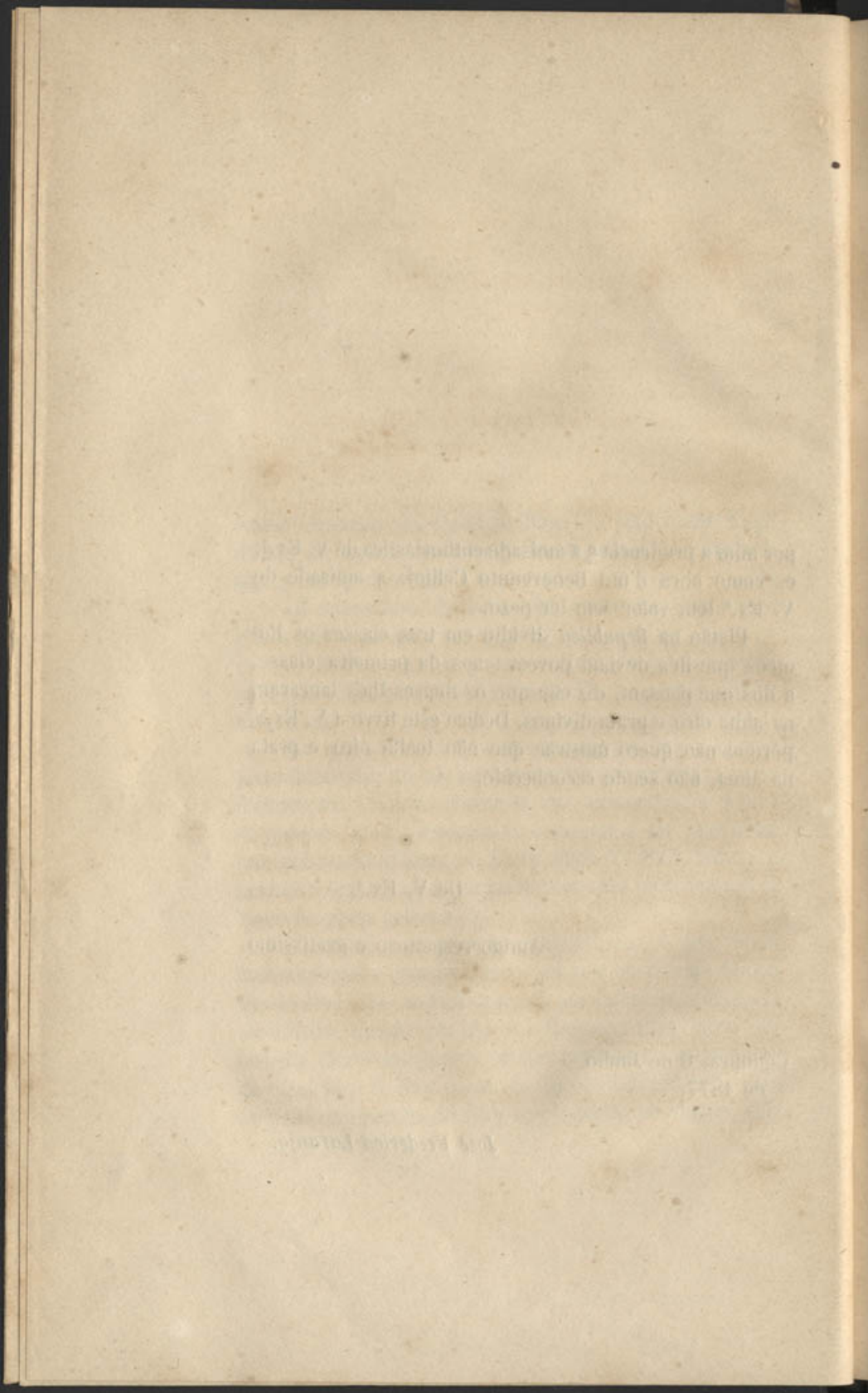
Platão na *Republica* dividiu em tres classes os homens que lh'a deviam povoar; aos da primeira classe, a dos que pensam, diz elle que os deuses lhes lançaram na alma oiro e prata divinos. Dedico este livro a V. Ex.^a, porque não quero mostrar que não tenho oiro e prata na alma, não sendo reconhecido.

De V. Ex.^a

Amigo respeitoso e gratissimo

Coimbra, 6 de Junho
de 1877.

José Frederico Laranjo.



CAPITULO I

SUMMARIO: — Determinação do problema da emigração.
— A emigração condição de vida. — A emigração condição de civilisação.

Um escriptor que tem influido immenso no pensamento moderno, Augusto Comte, abandonando o antigo modo de classificar as sciencias, oppondo-as umas ás outras, como membros d'uma divisão logica, hierarchizou-as todas pela ordem crescente da complicação dos seus phenomenos, determinando-lhes as relações de methodo e desenvolvimento.

Tendo só em vista as sciencias abstractas, fundamentaes, as que têm por objecto a determinação de leis, e não as que servem para applicar essas leis, Augusto Comte organizou a serie seguinte — astronomia, physica, chimica, physiologia ou biologia, physica social ou sociologia; as mathematicas são consideradas como o prologo indispensavel de todas as sciencias, como instrumento geral de conhecimento ¹.

¹ *Philosophie positive*, edit. 1869, tom. 1.º, pag. 56 et 86.

O termo ultimo d'esta serie é, como se vê, a sociologia, e portanto, segundo A. Comte, é ella a mais complicada nos phenomenos e no methodo, a ultima a chegar a um estado de certeza, estado *positivo* na phrase de Comte, a mais difficil de estudar, aquella cujos problemas têm soluções menos simples, menos delimitadas; porque é claro que a uma complicação nos phenomenos d'uma sciencia ha de corresponder nos seus problemas a complicação das soluções.

Esta hierarchia das sciencias, que se podia descobrir pela applicação do methodo de Hegel, e que d'elle resultava, que estava além d'isso quasi indicada nas obras de Saint-Simon, foi combatida por um pensador inglez de primeira ordem, Herbert Spencer, e defendida por Littré ¹; mas as objecções de Spencer não atacaram a asserção da maior difficuldade da sociologia; o proprio Spencer a corroborou e pretendeu demonstral-a num livro intitulado — *Introdução á sciencia social* — ². Podemos, pois, considerar esta affirmacão como definitivamente estabelecida.

Ora, se a sciencia social é a mais complicada e difficil das sciencias, entre os problemas d'ella o problema da emigração é de certo dos mais complicados; e, para o resolver, sequer aproximadamente, é necessario estabelecer-o com precisão, reconhecendo o numero de problemas mais ou menos simples em que se póde decompor o problema total.

¹ Auguste Comte et *La Philosophie positive* par E. Littré. Deuxième édit., pag. 285 et suiv.

² *Introduction à la science sociale* par Herbert Spencer, chap. 4 et suiv.

Em primeiro logar pois — o que quer dizer o termo — emigração — quando se applica ao homem? Cada palavra tem em geral mais d'uma significação; mas d'entre os phenomenos que ella representa, o espirito costuma quasi sempre ligal-a com o mais actual e ordinario; é claro porém que, se a palavra tem muitas significações, foram razões de intima analogia que fizeram com que essas significações todas fossem subsumidas a uma palavra, e que, portanto, para determinar bem uma d'ellas, é necessario, ou pelo menos conveniente, discutil-as todas.

A palavra — emigração — pôde-se applicar aos tres phenomenos seguintes:

1.º — O abandono d'um paiz pela totalidade ou grande parte da massa do povo que o habitava, indo essa massa de povo recahir sobre outro povo, e luctando, em geral, com elle, para conseguir estabelecer-se. Este phenomeno denomina-se mais particularmente — invasão —; o povo não só vae d'uma região para outra, mas em geral vae, espontanea ou fatalmente, contra outro povo.

2.º — Derivação mais ou menos lenta, mais ou menos regular, de parte da população d'um paiz para outro paiz, ou neste haja ou não constituida já uma nacionalidade, com a intenção de se estabelecer ahi pacificamente, para sempre ou por um tempo consideravel.

3.º — Derivação mais ou menos lenta, mais ou menos regular da população dos campos para as cidades, dentro d'uma mesma nação.

D'estres tres phenomenos aquelle que nós hoje ligamos immediatamente com a palavra — emigração —

é o segundo, porque é actualmente o mais importante e o mais visível para nós. Mas os outros dois phenomenos estão intimamente relacionados com este; o primeiro não só porque quasi toda a emigração do segundo grupo se converte em invasão; mas tambem porque quem quizer conhecer o papel da emigração no destino da humanidade tem de a estudar sob todos os seus aspectos; o terceiro, porque é um phenomeno concomitante com o segundo, e é possível que alguma das causas que estabelecem a corrente da população dos campos para as cidades, seja tambem causa na corrente que se fórma d'uma região para outra.

Os escriptores que têm estudado a emigração têm-se esquecido de relacionar o 1.º e o 3.º aspecto com o 2.º; e têm talvez perdido com isso um meio de dar luz ao assumpto, e de o elevarem, das observações desconexas a que tem andado reduzido, a uma theoria fortemente deduzida das leis geraes da Economia Politica.

É claro que o nosso problema principal é a emigração pacifica d'um paiz para outro, e não a emigração-invasão, nem a emigração rustico-urbana; mas, pelas razões que indicámos, consideraremos tambem estas especies de emigrações, e veremos se se póde formar uma theoria geral da emigração, theoria que, applicada depois á emigração de Portugal, nol-a explique.

Como dissemos, e como já se vê pelos tres aspectos da emigração, a questão é complexa; mas essa complexidade mais se desdobra e se affirma, se nos entregarmos a novas considerações.

Emigrar! Quem emigra? A população. Temos, pois,

diante de nós o problema de Malthus, o problema com que sonha toda a Inglaterra, e que influencia o modo de pensar de todos os seus escriptores.

Mas a população não é uma abstracção que se possa considerar d'um modo independente; a população tem uma certa natureza, está debaixo de certas condições physicas, sob uma determinada organização religiosa, politica, economica; e, se é a população que emigra, a natureza da população, as condições que a subordinam subordinam a emigração. A emigração ha de ter causas; essas ou estão na natureza subjectiva da população, ou na natureza das cousas. Temos de determinar estas causas.

Mas a emigração é de algum logar para outro, num e noutro logar ha de produzir effeitos; temos de determinar esses effeitos tanto numa parte como noutra.

Além d'isto, o paiz donde se emigra e o paiz para que se emigra são parte da humanidade, que é um todo organico; a emigração ha de, pois, produzir effeitos na civilisação geral da humanidade. Temos de determinar esses effeitos.

Mas as questões sociaes não são meramente especulativas; não se estudam os phenomenos para simplesmente se lhes induzirem as leis; mas para os modificarmos e dirigirmos, se é possivel. Se, pois, alguns dos effeitos da emigração forem nocivos, temos de investigar se é possivel remover as causas d'esses effeitos, e, estabelecida a possibilidade, procurar os meios.

Portanto o problema geral da emigração é o seguinte: — Pelas relações em que estão com a emigração a natureza da população, as condições physicas em que ella vive, a organização religiosa, politica, economica a

que está sujeita, determinar as causas d'este phenomeno, os seus effeitos na região de que se sahe e na região para que se vae, na civilisação geral da humanidade, e se alguns dos effeitos forem nocivos, procurar o meio de eliminar ou attenuar os prejuizos.

Para explicarem a origem das especies, e entre ellas a da especie humana, duas hypotheses se defrontam: a hypothese biblica, que reputa as especies fixas segundo um typo que pôde variar sim, mas dentro de limites restrictos, e a hypothese da moderna escola evolucionista, que julga que as especies superiores se foram gerando das inferiores sob a pressão, digamos assim, das leis da adaptação ao meio, da herança e da lucta pela existencia. Esta segunda hypothese subsume duas opiniões diversas com relação ao homem, a dos monogenistas, que admittem que o genero humano teve uma só patria primitiva, donde sabiu por evolução d'uma especie anthropoide ha muito extincta ¹, e a dos polygenistas, que faz descender cada especie humana d'uma especie simiana distincta e primitiva, tendo uma habitação especial ². As duas hypotheses e as divisões da segunda têm sido defendidas por escriptores eminentes. A opinião da fixidez têm-n'a sustentado Cuvier, Agassiz, Quatrefages, e abraçava-a A. Comte; a da transformação tem por si uma escola que foi fundada por Lamark, defen-

¹ Vid. *Histoire de la Création des êtres organisés* par Haeckel, trad. par Letourneau, 1874, pag. 613. *Rapport sur les Progrès de l'Anthropologie* par Quatrefages, chap. 2.^e

² Haeckel, obra cit., liç. 23, pag. 594.

dida por Estevão Geoffroi Saint-Hilaire, e que modernamente foi robustecida por Wallace, Darwin, Haeckel, etc.

Quer se admitta a hypothese orthodoxa, ou qualquer das divisões da hypothese evolucionista, o espirito encontra, como consequencia necessaria de qualquer d'ellas, a emigração da humanidade d'uns pontos para outros. Com effeito, se houve um só centro de criação ou de transformação, a humanidade, hoje espalhada por todas as partes do mundo, irradiou d'esse centro para todo elle. E a biblia reconhece essa necessidade de dispersão e sinala-a ¹, e a hypothese monogenista reconhece-a igualmente, e forma-se uma nova sciencia para se determinar a distribuição dos organismos, e portanto do homem á superficie da terra, o seu centro de criação e os centros de emigração ². A opinião polygenista tem tambem como consequencia necessaria a emigração, pois que não admite centros de criação em toda a parte; e porque, ainda que os admittisse, a mistura dos diversos typos das raças humanas, a distribuição irregular d'estas só se explicam pela emigração ³. A emigração encontra-se, pois, na humanidade como um facto essencial, necessario. Se as plantas e os animaes ou hão de emigrar ou perecer; se, para não perecerem, emigram passiva e activamente, o homem, como organismo superior, necessitando de mais espaço, de mais meios de vida, com maioria de razão tem diante de si este dilemma — ou não se reproduzir e morrer, ou reproduzir-se e emi-

¹ Genes., cap. 10, 11 e 12.

² Haeckel, obr. já cit., liq. 23, pag. 612 e seg.

³ Quatrefages, obr. já cit., cap. 4 e cap. 6, pag. 163 e seg., e pag. 192 e seg.

grar. A emigração é uma condição de vida da humanidade — eis a primeira conclusão a que chegamos.

Continuando a considerar a emigração em geral, observemol-a, sob todas as suas faces, nas correntes mais importantes que tem tido, e que deixaram um sulco mais profundo na historia, para continuarmos a determinar-lhe a natureza.

Diversas opiniões se têm apresentado sobre o centro de criação e sobre a direcção das primeiras emigrações, principalmente das que mais nos interessam. Aproveitando todos os elementos que podem resolver este problema, tem-se chegado a marcar algumas regiões da Asia, ou um continente que se encostava a ella e á Australia, que se submergiu, e a que os naturalistas chamam — Lemurien —, como ponto de partida da humanidade; têm-se também traçado certas linhas de direcção das emigrações primevas. Mas nem estes conhecimentos têm um caracter positivo, nem, que o tivessem, aproveitariam ao nosso problema, porque não basta para elle o conhecimento da direcção em que se moveram os povos; é necessario o conhecimento da influencia que esses movimentos exerceram; e esse conhecimento não o ha.

Deixando, pois, as emigrações prehistoricas, consideraremos simplesmente, a largos traços, as emigrações que a luz da historia já allumia; mesmo também porque, para se determinarem as qualidades geraes da emigração, não é necessario estudal-a em toda a linha do seu movimento; basta observal-a através d'uma serie impor-

tante de seculos e os que a historia nos offerece são já bastantes.

Quem olhar para um mappa dos primeiros tempos historicos encontra um sem numero de povos differentes, onde hoje habita ás vezes uma parte só d'uma nação. Reconhece-se com esse lance d'olhos que o homem deixara de ser só familia e tribu, que ainda não era nação e muito menos humanidade. Vendo depois essa multidão de povos a tornarem-se indistinctos, reduzindo-se á unidade sob a pressão da guerra, reconhece-se o papel providencial d'esta, a necessidade das invasões, umas vezes para civilisar os invadidos, outras os invasores.

O territorio limitado pelo rio Indo, mar d'Oman, deserto da Libya, extremo leste e nordeste do Mediterraneo, mar Negro e Caspio pouco mais ou menos, é o campo onde se agitam os povos cuja historia começou a ser conhecida pelos escriptos de Herodoto, e onde se levanta para nós a luz de civilisação, que, caminhando successivamente para o Occidente, se foi, tambem successivamente, volvendo de diluculo em pleno dia.

A historia d'esses povos e dos imperios que elles formaram characterisa-a uma grande instabilidade é uma grande agitação de movimentos, instabilidade e agitação provenientes de serem ainda esses povos tanto pastores como agricolas e de terem como vizinhos ao norte, e outros quasi travados com elles, povos exclusivamente pastores; a vida pastoril communicava a estas sociedades a natureza errante, movel que lhes é propria. Agora é o Egypto que domina; logo povos pastores o invadem e se civilisam ao seu contacto; logo é Thebas que irruê sobre o delta do Nilo e em parte os expulsa, em parte

os escravisa; logo é um d'esses povos escravizados que sabe do Egypto, e mais tarde sob David e Salomão fórma um imperio respeitado; logo é Ninive que domina, dispersa e mistura os povos; logo é Babylonia, e por fim a Persia.

Estes movimentos de norte para sul, de occidente para oriente e de oriente para occidente tinham como effeito a mistura dos povos, e portanto uma fusão maior ou menor, uma tal ou qual unificação. Os povos encontravam-se pela primeira vez com as armas nas mãos; mas as emigrações-invasões provocavam e determinavam depois emigrações pacificas. Ampliado pela guerra o circulo da sociabilidade politica, estava por isso mesmo ampliado o circulo da sociabilidade religiosa, intellectual e economica; e se a extensão da sociabilidade dá a medida, ou é pelo menos uma grande parte da civilização, vê-se que a emigração-invasão e a emigração pacifica são condições essenciaes de civilização; e se a civilização necessita de centros em que se active e donde se irradie, é tambem condição de civilização a emigração rustico-urbana.

Este character civilizador da emigração em todas as suas especies mais se evidencia á proporção que a historia se torna mais definida.

Do mesmo modo que a rotação d'um planeta fórma ás vezes em torno d'elle um anel, que pelo movimento se quebra e vae formar novos planetas; assim d'este mundo oriental, agitado e instavel, se foram destacando parcellas, que estabelecendo-se na peninsula da Thracia se foram civilizando, e tomaram dos novos elementos com que se fundiram e da nova fórma do territorio que occupavam, da novidade do clima, novas e brilhantes

qualidades, e originaram uma civilização diferente da oriental, mais diversificada, mais risonha e mais intensa.

Estas duas civilizações, ainda que uma devesse bastante á outra, mal se conheciam e pequena era a sua influencia reciproca; a guerra approximou-as; os Persas irrompem contra a Grecia, e a Grecia, á excepção da estúpida Sparta, vae com Alexandre até perto do Indo; Athenas deixa-se morrer para dar vida a Alexandria, e, pela emigração pacífica que se segue, prepara-se a fusão das idéas do oriente e do occidente e torna-se maior a área em que os homens se conhecem.

Mas estas conquistas rapidas do oriente e este vôo guerreiro do genio gigante de Alexandre, o heroe cuja vontade mais se harmonisou com a vontade inconsciente do destino, se podiam aproximar os homens, não os podiam unificar tanto quanto o exigiam as necessidades da civilização. A assimilação mutua do genio diverso dos povos, a compenetração das suas varias qualidades, só podia ser o resultado de conquistas feitas gradualmente, de junções feitas pouco a pouco e duradouras; e a Grecia, individualista, dividida, como observa Augusto Comte, pelas condições do seu territorio, que numa pequena superficie apresentava uma grande variedade de peninsulas e ilhas, a Grecia não podia produzir essa unificação ¹.

Quando Alexandre corria da Asia Menor ao Egypto, do Egypto á Syria e á Persia, e, segundo a legenda, propunha aos seus soldados irem até ao Ganges, do Ganges ao mar, do mar á Africa, e pela Africa ás columnas

¹ Aug. Comte — *Philosophie positive*, tom. 5.^o, pag. 174 et 175. *Histoire Romaine* par Mommsen, trad. par E. de Guerle, ed. 1863, tom. 1.^o, pag. 28 et 37.

de Hercules, e darem por limites ao seu imperio os limites do mundo, Roma luctava com os samnitas, a Italia, em parte irmã e filha da Grecia, ia-se unificando pela guerra, e pelas colonias romanas; e depois de unificada reflue tambem para o oriente; assimila a civilisação grega; reune num imperio quasi todos os homens que conhece; torna assim possivel a idéa de humanidade e a religião de Jesus, que proclama a existencia d'ella.

Hoje que domina em philosophia a eschola da selecção natural, dominio que procede de Hegel, acceitar-se-ha facilmente que, misturados uns com os outros diversos povos, á fusão resultante d'essa mistura, cada povo deve communicar a sua qualidade predominante, recebendo as qualidades predominantes dos outros. E foi isto o que aconteceu na combinação resultante da guerra e colonisação romanas; entrava n'ella um povo, o povo judeu cuja qualidade predominante, tenacissima, immorredoura, era a religião; a religião d'este povo, generalisada e humanisada por Jesus, devia predominar na combinação, como predominara dos gregos a arte, dos romanos a politica. Sob o ponto de vista humano, a propagação da religião christã foi um processo de selecção natural, que as emigrações tornaram possivel e necessario.

Neste periodo da historia, a civilisação occupa uma zona de terra mais extensa do oriente a occidente do que do norte a sul; ao oriente e ao norte, porém, havia povos, uns nomadas outros quasi nomadas, que tinham sempre vivido fóra da civilisação, mas tendo-se encontrado e luctado com ella algumas vezes; esses povos precipitam-se uns sobre os outros e todos sobre o imperio romano, estabelecem-se nelle, luctam uns com os

outros, retalham-no em todos os sentidos, até que definem as suas posições respectivas.

O Christianismo, que precisava do imperio romano, precisava tambem dos barbaros. Do mesmo modo que um individuo, educado nas idéas e com os costumes d'uma epocha, não pôde adaptar o espirito ás theorias e costumes d'outra; assim a civilisação greco-romana não podia transformar-se até á medulla em Christianismo. O Christianismo precisava de animos e corações não penetrados da educação pagã, vieram os barbaros. Se o scepticismo religioso da Grecia e de Roma teve na transformação social d'aquelle tempo o papel que A. Comte attribue á eschola critica dos nossos dias, se desorganizou para ser possivel organizar, era necessario que á desorganisação intellectual accrescesse mais ou menos a politica, aliás continuaria a existir no culto o que já não tinha fundamento no coração e no espirito.

Se não se admitte este ponto de vista; se se julga com Littré que sem esta desorganisação a evolução da civilisação seria mais rapida, e que o verdadeiro motivo de queixa da historia contra o regimen imperial é ter deixado penetrar as fronteiras pela invasão barbara ¹; ainda assim ficará provado o que queremos, a importancia das invasões na civilisação.

Se os barbaros não deram elemento nenhum para a civilisação, o que é muito contestavel, é certo que sob a influencia do Christianismo, do direito romano e das letras greco-latinas elles se civilisaram mais depressa do que se civilisariam se não se tivessem fundido com os povos do imperio.

¹ Vid. *Études sur les Barbares et le Moyen-Age* par Littré — *Le Quatrième Siècle* édit. Didier, 1867, pag. 6.

A quêda do imperio romano é ao mesmo tempo o começo d'um novo genesis social, como a invasão dos hellénos na Grecia, a dos romanos na Italia o tinha sido d'um outro; a differença é a seguinte — a base de evolução para a civilisação é agora muito mais extensa na sua área, e os principios que a determinam muito mais profundos.

A base da civilisação grega fôra pouco mais do que uma pequena península, com um cortejo de ilhas em torno de si; a base da civilisação romana tinha sido outra península menos accidentada e mais extensa; a da civilisação que se agora prepara é mais do que a área do imperio romano, por isso a circumferencia d'ella será o mundo.

Do mesmo modo que os gregos se junctaram para reconhecer a sua unidade diante dos muros de Troia, assim os povos da nova civilisação se reconhecem irmãos diante do tumulto de Christo; depois cada um d'esses povos traz uma pedra para a obra do progresso. Portugal e a Hespanha, que já lhe tinham prestado o serviço de sustentarem e repellirem a onda dos arabes, descobrem-lhe, uma a America, outro o novo caminho para as Indias. O mundo alarga-se diante das nações que se querem fazer humanidade.

D'estes dois factos, capitaes na historia moderna, data uma nova era de emigrações-invasões, de emigrações pacificas, e, pelo maior desenvolvimento do commercio e das manufacturas, de emigrações rustico-urbanas.

Pelo espirito de avidez que lançou na Europa, espirito de avidez que renovou a escravatura, e que vae destruindo muitas raças, e que embebeu de egoismo o coração

das nações, ha escriptores que julgam nociva a descoberta da America.

Sem querermos discutir o problema, julgamos que elle se não póde resolver pelos effeitos que já se produziram, e muito menos pelos dos primeiros tempos da descoberta. É verdade que a America desenvolveu o commercialismo; mas é necessario lembrarmo-nos de que o commercialismo desenvolveu a riqueza mobiliaria, que contrabalançou a força da propriedade territorial e apressou a evolução para a liberdade. É ainda necessario lembrarmo-nos de que o commercio e as manufacturas, que elle aviventa, são tambem o mais poderoso agente do desenvolvimento do direito internacional. Foi mesmo o commercio que lhe deu origem, e as manufacturas ampliam-no introduzindo pela divisão do trabalho maior solidariedade entre os homens. As nações da Europa têm hoje um ideal — libertarem-se dos monarchas para se libertarem do regimen militar, e organisarem-se juridicamente em humanidade, do mesmo modo que o individuo se organisou em familia, a familia em municipio, o municipio em nação. Ora a America republicana, a America sem tradições guerreiras, deve, pelo seu peso, contribuir para a realisação d'este ideal, o mais amplo que o homem se tem proposto.

Do esboço que deixamos escripto vê-se que sempre na historia se tem apresentado a emigração que invade e a emigração que colonisa. A emigração rustico-urbana ha-a sempre que ha cidades; como organizações que são, as cidades attrahem e assimilam; são os laboratorios em que se combinam e electrisam, pelo contacto e pelo atrito, os diversos elementos sociaes.

Pela emigração guerra e pela emigração pacifica que

ella provoca, o oriente passa d'uma dispersão a um certo gráu de fusão. Pela emigração colonias e pela emigração guerra a Grecia civilisa-se e civilisa. Pela emigração guerra e pela emigração colonias Roma unifica o mundo. Pela emigração-invasão os barbaros revigorám os povos e preparam uma nova civilisação. Pelas invasões na India e na America, pelas colonias, as nações modernas ampliam o commercio, a industria, a sciencia, a liberdade, e parece que hão de contribuir para se organisarem entre si num estado juridico. Concluimos, pois, que a emigração não é só uma condição de vida, mas tambem uma condição de civilisação na historia da humanidade.

Mas, se a guerra e a emigração são agentes civilisadores, não se segue nem que o sejam sempre, nem que sejam só isto; não está portanto resolvido o problema que estabelecemos; mas as qualidades que determinámos são um elemento de solução.

Se o estadista, que encara as questões, não sob o ponto de vista geral, mas sob o da utilidade da nação que dirige, pôde pôr de parte as relações da emigração com a civilisação geral; o homem de estudo tem de a considerar nas suas relações com a humanidade, com as nações, com os individuos; e se a questão não está suprimida nem resolvida, como base e substancia d'ella, encontramos o problema de Malthus. A emigração, escreve Leroy Beaulieu, não é senão um aspecto do arduo assumpto da população.

CAPITULO II

A população

SUMMARIO: — Resumo das doutrinas de Malthus. — Refutação d'essas doutrinas por Bastiat, por Carey, por Proudhon. — Critica de todos estes escriptores. — Trechos de Adam Smith, de Malthus, de J. B. Say, de Rossi, de Stuart-Mill, de Laing, de Elisée Reclus, testemunhando o facto de ser a indigencia um excitante á demasiada propagação. — Lei d'evolução da população nas suas relações com as subsistencias. — A emigração é uma quantidade que varia principalmente com as organizações economicas.

Como a deusa da mythologia que lançou nas bodas de Peleu e de Thetis o pomo de que sahiu o incendio que arrazou a cidade de Priamo, ou como as fadas que á imitação d'ella puniam um esquecimento com vaticínios de que se desenrolava uma longa serie de desgraças; assim ha escriptores que lançam com um livro um pomo de discordia, intensa e duradoura, no pensamento humano.

Teve um d'estes destinos o livro de Malthus intitulado — *O Principio da População*. — Terror, odio, agitação, quasi delirio no espirito, eis os productos immediatos d'essa obra notavel. Publicada na Inglaterra em 1798, a sua influencia ainda não acabou; e ainda que

Karl Marx a declara feita de roubos e não merecedora da voga que obteve, uma escola moderna, a escola transformista de Darwin, revigora essa voga, reconhecendo que lhe deve o principal e o mais novo dos seus principios — a selecção natural. Cada triumpho que obtem a escola transformista nas sciencias naturaes suppõe-no obtido tambem por Malthus em sociologia.

É esta obra notavel que vamos resumir e analysar.

Eis as suas doutrinas:

Se se quizessem prever os progressos futuros da sociedade, offerecer-se-iam naturalmente duas questões a examinar:

1.^a — Quaes são as causas que têm suspendido até aqui os progressos dos homens, ou o augmento da sua felicidade?

2.^a — Que probabilidade ha de remover, no todo ou em parte, estas causas que põem obstaculo aos nossos progressos?

O auctor reconhece a multiplicidade das causas, cuja determinação constitue o primeiro problema; não pretende enumeral-as todas; mas assevera que a principal é — a tendencia constante que se manifesta em todos os seres vivos a propagarem-se numa proporção que excede a quantidade d'alimentos que estão ao seu alcance.

É uma observação do doutor Franklin, continua Malthus, que não ha nenhum limite no poder reproductivo das plantas e dos animaes, a não ser que, augmentando de numero, se subtrahe mutuamente a subsistencia. Se a face da terra fosse despojada de qualquer outra planta, uma só especie, por exemplo, o funcho, bastaria para a cobrir de verdura; e se não houvesse outros habitantes, uma só nação, por exemplo, a nação ingleza, em poucos seculos a teria povoado.

Malthus reconhece a verdade d'estas asserções. Servindo-nos, para resumirmos, de dois termos da escolastica, velhos, mas expressivos, Malthus reconhece que nas plantas e nos animaes e no homem, o poder virtual de propagação é maior do que o poder real de conservação; portanto ou as plantas, os animaes e o homem não se propagam na proporção do seu poder virtual, ou, se se propagam, não se podem conservar, e augmentará a mortalidade na proporção pelo menos em que se demasiou a propagação.

Nas plantas e nos animaes a propagação não é limitada pela razão, portanto virá a morte restabelecer o equilibrio. Nos homens ha o instincto e a razão; ou esta ha de prevenir o exagero da propagação, ou, como nas plantas e nos animaes, o equilibrio restabelecer-se-ha pela mortalidade.

O ponto de partida de Malthus é incontestavel. É um axioma que os seres não podem ultrapassar os limites que lhes assigna a quantidade existente de subsistencias que lhes são necessarias. O que é preciso é determinar a proporção em que se propaga o homem e a proporção em que augmentam as subsistencias.

Vendo que nos Estados Unidos a população tinha dobrado, independentemente d'emigração, todos os vinte e cinco annos, Malthus estabelece a seguinte lei:—*Quando a população não é suspendida por nenhum obstaculo, vae dobrando todos os vinte e cinco annos e cresce de periodo em periodo segundo uma progressão geometrica.*

Agora resta determinar a proporção em que augmentam os productos. E' menos facil fazel-o, diz Malthus, mas estamos certos que esta proporção é differente da que é applicavel ao augmento da população. Um numero de mil milhões d'homens deve dobrar em vinte e cinco

annos só pelo principio da população, do mesmo modo que um numero de mil homens. Mas não se obterão com a mesma facilidade as subsistencias necessarias para alimentar o augmento de numero. O homem está sujeito a um logar limitado. Quando uma geira de terra se acrescenta a outra geira, até que enfim toda a terra fertil seja occupada, o augmento de subsistencias depende do melhoramento das terras já cultivadas. Este melhoramento, pela natureza de toda e qualquer especie de terreno, não póde fazer progressos sempre crescentes; mas os que fizer, pelo contrario, serão cada vez menos consideraveis.

Á medida que a cultura se estende, as addições annuaes que se podem fazer ao producto medio vão continuamente diminuindo com uma especie de regularidade. Agora para compararmos o augmento da população com o das subsistencias, usemos d'uma supposição, que, por mais inexacta que seja, será pelo menos manifestamente mais favoravel á producção da terra, que nenhum resultado da experiencia.

Supponhamos que as addições annuaes ao producto medio não decrescem e ficam constantemente as mesmas, de maneira que cada periodo de vinte e cinco annos ajunta ao producto annual da Grã-Bretanha uma quantidade igual a todo o seu producto actual. Seguramente o especulador, o mais exagerado, não acreditará que se possa suppôr mais; porque isto bastaria para converter em poucos seculos todo o solo da ilha em jardim.

Appliquemos esta hypothese a toda a terra, de maneira que no fim de cada periodo de vinte e cinco annos todo o alimento que fornece actualmente ao homem a superficie inteira do globo se ajunte á que ella podia

fornecer no começo do mesmo periodo. E' seguramente mais do que tudo o que se tem direito d'esperar dos esforços os mais bem dirigidos da industria humana.

Nós podemos, pois, asseverar partindo do estado actual da terra habitada que — *os meios de subsistencia, nas circumstancias mais favoraveis ao trabalho, não podem nunca augmentar mais rapidamente do que segundo uma progressão arithmetica* ¹.

A consequencia inevitavel d'estas duas leis de progressão geometrica da população e progressão arithmetica das subsistencias é um obstaculo ao augmento da população ou anterior, prevenindo-o, ou posterior, destruindo-o.

Supponhamos que não se impediu que a população augmentasse numa proporção maior do que as subsistencias, os efeitos são os seguintes : — O alimento que bastava a onze milhões d'homens, por exemplo, deverá agora repartir-se por onze milhões e meio ; immediatamente o pobre viverá com mais difficuldades, e muitos serão reduzidos aos mais duros extremos. Terá augmentado o numero dos operarios numa proporção mais forte do que a quantidade do trabalho ; o preço d'este ha de baixar, elevando-se ao mesmo tempo o preço das subsistencias ; acontecerá forçosamente que, para viver como vivia antes, o operario ver-se-ha constrangido a trabalhar mais. Durante este periodo de penuria não se fazem tantos casamentos, e os embaraços que causa uma familia augmentam de tal sorte, que a população pára e torna-se estacionaria. Ao mesmo tempo o baixo preço do

¹ *Essai sur le Principe de Population* par Malthus, trad. Prevost, edit. Guillaumin, 1852, pag. 5 - 11.

trabalho, a abundancia d'operarios e a necessidade em que elles estão d'augmentarem d'actividade, anima os cultivadores a empregarem na terra uma quantidade de trabalho maior do que antes, a arrotearem as terras incultas, até que enfim os meios de subsistencia chegam ao ponto em que estavam na epocha de que se partiu. Então, tornando-se menos penosa a situação do operario, o obstaculo á população cessa. E depois d'um curto periodo repetir-se-hão, relativamente á população, os mesmos movimentos retrogrados e progressivos ¹.

Estabelecidos estes principios de progressão geometrica e progressão arithmetica, da razão inversa em que estão o obstaculo preventivo e o destructivo, e das oscillações regulares da população em periodos mais ou menos regulares, Malthus vae procurar na historia dos diversos povos a confirmação d'elles; percorre para isso os diversos graus da civilisação humana, começando nos habitantes da Terra de Fogo, de Van-Diemen, d'Andaman, e, indo até aos povos mais adiantados da Europa, encontra, em todos, obstaculos á população; mas estabelece que, á proporção que os povos se vão civilisando, os obstaculos preventivos vão augmentando de força, e os destructivos diminuindo ².

Analysando depois os systemas socialistas que já então se tinham apresentado, procura demonstrar que não se remediaria com elles a miseria resultante do augmento da população.

¹ Malthus, obr. cit. pag. 17. Vej. tb. Stuart-Mill, *Principes d'Economie Politique*, trad. par Hussard et Courcelle-Seneuil, trois. edit. tom. 1.^o pag. 222, 223.

² Malthus, obr. cit. pag. 315.

Não a remediaria o augmento da producção; porque augmentaria com ella a população segundo as leis de progressão já determinada.

Nada remediaria uma distribuição mais egual dos productos; seria até prejudicial, porque animaria mais os casamentos e estimularia menos o trabalho; faria portanto que o desequilibrio resultante das duas progressões se dêsse em intervallos menores e com mais força.

Mas a emigração não é remedio?

Traduzimos parte da resposta:

Se nos paizes bem cultivados, a população se torna incommoda parece que a natureza offerece a este mal um remedio bem simples, abrindo a esses povos o caminho da emigração, e convidando-os d'alguma fôrma a transportarem-se a logares desertos ou menos habitados. E como esses paizes são immensos, este recurso parece inexgotavel; este supposto remedio é, porém, um fraco palliativo.

As narrações as mais certas dos estabelecimentos formados em paizes novos, mostram que essas tentativas são acompanhadas de perigos e difficuldades mais graves do que teriam podido experimentar na sua antiga patria aquelles que pretenderam deixal-a.

Os habitos tanto moraes como mechanicos, que convêm á mãe patria, não convêm muitas vezes de nenhum modo a novos estabelecimentos e ás circumstancias imprevistas em que os emigrantes se acham collocados. Além d'isto o primeiro estabelecimento d'uma colonia nova offerece o exemplo d'um paiz muito mais povoado do que o permite o seu producto annual. Portanto, se não recebe soccorros da mãe patria, a colonia irá diminuindo até se nivelar com as subsistencias. A

queda tão frequente dos novos estabelecimentos de colonias é propria para fazer ver quão necessario é que os meios de subsistencia precedam a população.

Quando as colonias já estão estabelecidas e postas em estado de segurança, a difficuldade d'emigrar sem duvida diminue muito; e ainda que, sem contestação, seja uma circumstancia muito feliz para um paiz ter um asylo aberto á sua população excedente, todavia se se pensa que a emigração lhe pôde servir de remedio, é porque a repugnancia de todos os homens em deixar o seu paiz, juncta com a difficuldade de arrotear um solo virgem, nunca permittiu adoptar esta medida d'uma maneira geral.

E', pois, certo que a emigração é absolutamente insufficiente para dar logar a uma população que cresce sem limites. Mas encarada como um expediente parcial e de quando em quando proprio para estender a civilisação e a cultura sobre a face da terra, a emigração parece util e conveniente ¹.

Além d'estas razões que Malthus apresenta quando tracta da emigração, muitas outras ha disseminadas pelo seu livro tendentes todas a provar a inefficacia d'ella para resolver o problema da população.

Malthus e com elle quasi todos os economistas affirmam que depois d'uma guerra, d'uma epidemia, d'uma emigração numerosa, a população cresce com grandissima rapidez.

E é este facto que explica a Malthus como foi que na Italia, no tempo em que os romanos luctavam com ella para a subjugarem, se podiam sempre levantar tan-

¹ Vej. Malthus, obr. cit., liv. 3, cap. 4. Vej. tb. Stuart-Mill, obr. cit. tom. 1.º, pag. 229 e seg.

tos exercitos d'uma parte e d'outra; facto que maravi-
lhava Tito Livio ¹. E' tambem este facto que lhe explica
como foi que o norte da Europa, no tempo das invasões
barbaras, pôde atirar de si hordas sobre hordas sem
que se lhe esgotasse a população ².

Apesar d'estas doutrinas, para Malthus a finalidade
da lei das duas progressões é a emigração. Tudo nos
leva a crêr, escreve elle, que a intenção do creador foi
povoar a terra; mas parece que este fim não se podia
realisar senão dando um augmento mais rapido á popu-
lação que ás subsistencias. A necessidade d'estas não
seria assás urgente, e não daria assás desenvolvimento
às faculdades humanas, se a tendencia da população para
crescer em demasia não lhes augmentasse a intensidade.
Se estas duas quantidades, a população e as subsisten-
cias, crescessem na mesma razão, não vejo que motivo
poderia vencer a preguiça natural do homem e induzil-o
a estender a cultura ³.

No que deixamos escripto estão as idéas fundamen-
taes da obra de Malthus, idéas que podemos consub-
stanciar nos seguintes principios:

1.º — A população não pôde ultrapassar os limites
das subsistencias.

2.º — A população cresce em progressão geome-
trica, as subsistencias em arithmetica.

3.º — Os obstaculos á demasia de população são
preventivos e destructivos; uns estão na razão inversa

¹ Malthus, obr. cit. liv. 1, cap. 14, pag. 142.

² Malthus, obr. cit. liv. 1, cap. 6, pag. 59 a 75.

³ Malthus, ibid. liv. 4, cap. 1, pag. 473.

dos outros; os preventivos augmentam e os destructivos diminuem na proporção do augmento da civilisação.

4.^o — A população procura por meio d'oscillações o equilibrio com as subsistencias.

5.^o — Não são remedios efficazes nem o augmento de producção, nem a distribuição igual dos productos, nem as taxas dos pobres; estes dois ultimos meios augmentam até o disequilibrio entre a população e as subsistencias; e os pobres não têm direito a nenhum d'elles, nem ao trabalho.

6.^o — A emigração apresenta difficuldades, que os pobres não podem vencer por si, e é um excitante que promove o augmento da população.

7.^o — Todas estas leis, que parecem produzir só o mal, têm um fim providencial—augmentar a energia das faculdades humanas, e estender a cultura e a civilisação pela superficie da terra.

A economia politica classica, governamental, digamos assim, ficou quasi toda fiel á grande maioria d'estes principios; fóra d'esta eschola ainda Malthus tem outros sectarios e esses mais arrojados em principios, em palavras e em deducções, são os sectarios da eschola transformista e da selecção natural, e que á força de a estudarem e de verem que sae d'ella o aperfeiçoamento das especies, pretendem quasi que as leis não intervenham perturbando-a no seu officio duplo de carrasco e de aperfeiçoador de raças.

No seio das escholas socialistas e dos economistas americanos, os principios de Malthus acharam vivissima opposição, e por um privilegio, que as boas intenções e as laboriosas investigações de Malthus não mereciam,

n'alguns livros, o epitheto de Malthusiano tornou-se infamante — o synonymo d'uma injuria.

Podem-se ver em Say, no capitulo sobre a população, citados um sem numero d'auctores que seguem as bases primeiras, pelo menos, do systema de Malthus, e essa lista podia dobrar-se de certo.

Com relação ao problema que nos occupa — a emigração —, quasi todos os economistas são concordes em asseverar que ella não faz diminuir, antes pelo contrario activa o augmento da população, e que é um fraco palliativo para os males resultantes da desproporção entre os meios de existencia e a população. Rossi tem mesmo uma comparação pittoresca para indicar esta ultima idéa. A emigração, escreve elle, é sem duvida um meio de restabelecer o nivel da população; mas em que differe elle, a não ser pela lentidão do supplicio e por um augmento d'angustias, d'este outro meio mais simples, — a morte em sua casa? Os philanthropos, aconselhando a emigração, são muito parecidos com aquelles medicos, que, para se desembaraçarem dos doentes os mandam tomar ares ¹. O phenomeno da excitação da população pela emigração parece tão saliente, que mesmo os economistas, não systematicos, os que tractam de colonisação e emigração a proclamam, e ás vezes sem se darem a explicação d'elle, impõem-no de modo que julgamos assistir a alguma cousa em que entra o maravilhoso.

Exposto o systema de Malthus, e indicados os seus

¹ *Cours d'Economie Politique* par M. P. Rossi. Année 1836-1838. Bruxelles, 1851, Dix-Neuvième leç., pag. 242.

parciaes e os seus contrarios, vejamos algumas das refutações que se lhe têm feito. Começemos por Bastiat.

O engenhoso, elegante, mas por vezes sophistico Bastiat, reclamando contra as injurias dirigidas a Malthus, refuta-o todavia.

Se a doutrina de Malthus fosse verdadeira, haveria uma desharmonia no universo, a civilisação estaria na origem e a barbaria no fim dos tempos; a miseria seria progressiva; não o é, Malthus não tem, pois, razão em tudo. A lei de progressão geometrica, considerado o homem independentemente das condições sociaes, é incontestavel; mas a lei de limitação d'esta progressão não foi bem comprehendida por Malthus. Na enunciação dos meios que contrariavam o poder virtual de propagação do homem, Malthus não levou em conta a perfectibilidade e o habito. O homem é perfectivel, e com o seu aperfeiçoamento crescem as suas necessidades physicas, intellectuaes e moraes; a força limitativa do poder de propagação não se apresenta ao homem simplesmente como um esforço de castidade, como um acto de abnegação, mas ainda, e sobretudo, como uma condição de bem-estar, um movimento instinctivo que o livra de decer, de decahir, a elle e á sua familia ¹.

Com effeito chegado a um certo grau de civilisação, costumado á satisfação d'umas certas necessidades, além das necessidades puramente animaes, o habito leva o homem a fazer todos os esforços para que elle e os seus não decaiam, não baixem.

¹ Bastiat, *Harmonies Economiques*, pag. 523, et 519 et suiv.

Numa outra parte das *Harmonias* ¹, já Bastiat tinha notado o poder do habito para sustentar os individuos, e portanto a humanidade, no estado de civilisação a que chegaram. Applicando ao problema de Malthus esta observação tão engenhosa como verdadeira, Bastiat conclue que a tendencia real da humanidade para se propagar tem como limites não os *meios de subsistencia*, mas os *meios d'existencia*; quer dizer — a população não tende a estender-se até onde se estendem os alimentos e os meios d'ocorrer ás mais urgentes e impreteriveis necessidades; tende a limitar-se pelos meios que tem de satisfazer todas as necessidades a cuja satisfação está costumado, e por isso a ficar muito áquem dos alimentos e a deixal-os crescer numa proporção mais rapida que a população; e á proporção que o nivel geral da humanidade se elevar, irá augmentando essa tendencia para se não ultrapassarem os meios d'existencia.

Além d'isto, no isolamento as necessidades são superiores ás faculdades, no estado social as faculdades superiores ás necessidades. Esta superioridade, que cria para cada geração um excedente de riqueza, permite-lhe crear e educar uma geração mais numerosa. Uma geração mais numerosa é uma melhor e mais profunda separação d'occupações, é um novo grau de superioridade das faculdades sobre as necessidades ². Conclue-se que a progressão das subsistencias e da população é no sentido inverso das indicações de Malthus.

Ouçâmos agora Carey :

¹ Pag. 69.

² Bastiat, *Harmonies Economiques*, pag. 533.

Em Carey o odio a Malthus é vivissimo. Como Karl Marx, Carey pensa tambem que poucos livros têm exercido uma influencia maior que o *Principio de população*, que poucos têm tão tenues direitos para exercerem alguma, e que poucos têm sido tão prejudiciaes ao modo geral de pensar; sem que se possa todavia duvidar por um instante sequer de que animaram o auctor intensissimos desejos de ser util aos seus semelhantes ¹.

Aos olhos de Carey, a theoria de Malthus é terrivel nas consequencias, e d'ahi a grandeza do odio com que a encara o economista americano. Demonstrando que a miseria é um resultado da natureza, as doutrinas Malthusianas tendem a desonerar as classes que governam o mundo de toda a responsabilidade possivel a respeito do bem-estar das que lhes ficam abaixo ². Foi por isso que as classes superiores applaudiram Malthus e as inferiores lhe atiraram pedras.

Carey refuta Malthus em tres longos capitulos ³. Como Bastiat, reconhece que se a theoria de Malthus fosse verdadeira, a miseria seria progressiva e progressiva a escravatura. A harmonia natural das cousas leva-o a suspeitar d'erronea essa theoria, que accusa a natureza d'uma contradição violenta. Recorrendo á physiologia comparada, e notando que a fecundidade vae diminuindo á proporção que se vae elevando a escala dos seres, pois que a reproducção dos animaes microscopicos se conta por milhões e billões, a da balêa e do elephante por

¹ Carey, *Principes de la Science Sociale*, trad. par Saint-Germain et Planche, ed. 1861, tom. troisième, pag. 359.

² Carey, obr. cit., pag. 364.

³ Ibidem, *De la Population — Des Subsistances et de la Population — Theorie Malthusienne*.

unidades, deduz a lei — que a fecundidade e o desenvolvimento estão na razão inversa —; e portanto que a fecundidade da raça humana deve diminuir á medida que as faculdades particulares aos individuos d'esta raça se desenvolvem mais ¹. A reproducção não tem pois no homem uma quantidade fixa; o que é attestado pela experiencia. A funcção de reproducção, como todas as funcções da organização humana, está sob a lei de circumstancias e de condições relativas; e ha de variar com a distribuição igual ou desigual do conjuncto da força entre a multidão dos órgãos que compõem o systema infinitamente complicado da structura humana ².

As tendencias de propagação hão de adaptar-se ás circumstancias em que cada individuo e em que toda a sociedade estiver collocada ³.

E quaes são essas circumstancias naturaes e sociaes com que varia o poder de propagação?

Os escravos de plantações da America do Sul, os camponezes ignorantes da Irlanda, todos os trabalhadores que só desenvolvem esforços musculares são muito prolificos. O indiano da America do Norte, que se distingue do escravo e do camponez por uma imaginação activa, um genio livre, sentimentos elevados, um alto estylo d'eloquencia, qualidades que indicam um cerebro vigoroso, é pouco prolifico, e pouco o são tambem os homens d'uma grande actividade d'intelligencia. O patriato da Inglaterra, o senado de Roma, a presidencia

¹ Carey, pag. 255 e 256.

² Ibid., obr. cit. tom. 3, pag. 261.

³ Ibid., pag. 261, 265 e 285.

dos Estados Unidos, a biographia dos homens illustres são uma prova exuberante d'esta asserção ¹. Harmonisa-se com ella a physiologia comparada mostrando que a fecundidade está na razão inversa do desenvolvimento intellectual, e egualmente a analyse chimica manifestando que as cellulas d'esperma do fluido fecundante e a *neurina*, ou parte essencial da substancia cerebral, têm um elemento commum, o phosphoro não oxidado, que os caracteriza especialmente; e o mesmo prova o facto bem conhecido de que uma forte applicação mental é acompanhada d'uma diminuição proporcional de cellulas de esperma; sendo tambem a excessiva producção d'estas ultimas seguida d'um enfraquecimento da energia do cerebro ².

Conclue-se de tudo isto que o trabalho simplesmente muscular favorece a fecundidade da raça humana; e como a civilisação tende a substituir as forças da natureza ao esforço humano, a vida das massas não está no futuro sujeita aos modos mais inferiores do trabalho, e o resultado necessario é este — ou o vigor physico declina e com elle a procreação, ou a energia passa do systema muscular ao nervoso, e produz-se o mesmo effeito ³. A progressão da civilisação tende, pois, não por uma resistencia moral e prudentes reservas sómente, mas por *uma lei que se compenetra com a propria função reproductiva*, a diminuir o poder de propagação da raça humana ⁴. A garantia contra o flagello do excesso

¹ Carey, pag. 293, 294, 301 e 302.

² Ibid., obr. cit., pag. 296, 297 e 298.

³ Ibid., pag. 299 e 300.

⁴ Ibid., pag. 300 e 295.

da população encontrar-se-ha no desenvolvimento do homem verdadeiro, que é distincto do homem-animal da eschola Ricardo-Malthusiana ¹.

Ao mesmo tempo que Carey afirma a diminuição progressiva do poder de propagação do homem, combatendo assim a lei da progressão geometrica de Malthus, afirma tambem que o andamento natural da civilização não diminue, mas augmenta as subsistencias, destruindo por esta fórma a segunda lei da progressão arithmetica.

Vejamos esta refutação.

A lei da progressão arithmetica das subsistencias funda-se no principio, admittido por Malthus, e base da theoria da renda de Ricardo, de que — o homem começou por cultivar os campos mais ferteis e foi successivamente passando aos menos ferteis. Carey nega categoricamente este principio.

Da grande planura da Asia o homem espalha-se sobre o globo ao norte, ao sul, a leste e ao occidente. A cada grau de progresso vemol-o parando e entregando-se ao cultivo dos terrenos elevados e ligeiros — a sêcca Arcadia, a pedregosa Attica, os montes da Etruria e do Samnio, as vertentes dos Alpes, as terras altas da Escocia. A Suissa conta uma população numerosa, ao passo que as ricas terras do baixo Danubio estão desertas; os homens reúnem-se nos declives dos Andes, em quanto os ricos terrenos do Orenoco e do Amazonas permanecem incultos; a França, a Allemanha, a Italia, a

¹ Ibid., pag. 305.

Irlanda, apresentam em escala mais pequena, um estado de coisas semelhante ¹. Numa outra parte da sua obra, no primeiro volume, um capitulo inteiro — *A occupação da terra* — tem por objecto demonstrar que o homem occupa os terrenos elevados primeiro do que os baixos; demonstração que Carey faz percorrendo successiva e minuciosamente a occupação de todos os continentes.

Se a historia demonstra pois que o homem vai dos terrenos menos ferteis para os mais ferteis, que razão haverá para o facto, que não parece consentaneo com a actividade d'um ser intelligente?

Ha a seguinte — O homem começa pela pobreza e, não pela riqueza, e, quando os individuos são pobres, são forçados a escolher os terrenos que *podem*, e não os que *quereriam* cultivar. Ora os terrenos ricos, em virtude da sua propria riqueza, são em geral humidos e d'uma vegetação robustissima, offerecem resistencias que a colonisação no seu começo não pôde vencer, e a que ella só pôde oppôr-se com vantagens quando o progresso fortificou a associação humana e lhe deu armas para lutar com a natureza ². É pois falsa a base da progressão arithmetica das subsistencias de Malthus e da theoria da renda de Ricardo; as subsistencias augmentam proporcionalmente ao progresso do homem.

E este augmento proporcional ao progresso não é

¹ Obr. cit., pag. 328.

² Ibid tom. 1.º, cap. 4, passim, tom. 3.º, cap. 46 a 49 incl. pass. Pôde vêr-se tambem Peshine Smith, *Manuel d'Économie Politique*, trad. par Camille Baquet, ed. 1854, chap. 2.º

só o resultado de se ir passando da cultura de terrenos pobres para os ricos; muitas outras causas contribuem para elle — a elevação da agricultura a sciencia, a substituição do alimento vegetal ao animal, a menor perda de forças humanas, e portanto a menor necessidade de alimentos, pela invenção progressivamente crescente de machinas.

A agricultura é a grande occupação do homem. É a sciencia que exige mais conhecimentos e mais variados, e por isso, é em todos os paizes, a ultima a desenvolver-se. Ha pouco que se constituiu como sciencia com o soccorro de conhecimentos geologicos, chimicos e physiologicos, resultantes de trabalhos modernos ¹.

O feudalismo e a guerra, que são fataes á agricultura, um desaparecendo, a outra diminuindo ou mudando de fórma, contribuem tambem para que ella se desenvolva. E se a agricultura como sciencia, começa só agora a desenvolver-se, e se é impossivel exprimir a differença entre a cultura selvagem, barbara, patriarchal e a cultura civilisada; mais impossivel é calcular o augmento de producção que ha de resultar da completa applicação da sciencia no cultivo da terra.

Os prados artificiaes substituindo uma grande extensão de terra por um tracto diminuto; o systema das alternações de cultura substituindo os afolhamentos; o conhecimento de que determinados vegetaes contêm em muito menor volume maior porção de substancia nutritiva do que outros, e portanto que é preferivel o seu cultivo; o conhecimento de que a terra é inexgotavel, comtanto que se reconheça que ha para ella, como para

¹ Carey, tom. 1.^o, pag. 251.

todos os entes—o circulo vital,—e que é necessario restituir-lhe os elementos que se lhe tirarem, são factos que podem dar uma idéa do que se poderá esperar da agricultura scientifica.

Este progresso da agricultura e das subsistencias resalta vivamente da historia: a fome, que apparecia na historia de periodo em periodo, é hoje um phenomeno que a não occupa; a provisão de subsistencias torna-se mais regular, e até mais independente dos caprichos das estações; as estivas dos alimentos variam menos d'anno para anno ¹.

Com o progresso da agricultura concorre tambem para o augmento da proporção das subsistencias a substituição do alimento animal pelo vegetal, substituição que a civilisação vai effectuando progressivamente. Admittendo (o que é quasi incontestavel) que a media de seis libras de alimento animal seja necessaria por dia a cada individuo que vivesse exclusivamente de carne, e que um acre de terra destinado a crear gado, não produza mais que oito ou dez onças de carne por dia, seriam necessarios dez ou doze acres para a subsistencia d'um individuo por anno; ao passo que um acre de trigo póde sustentar tres, e que, segundo Curwen, um de batatas póde sustentar pelo menos nove; de maneira que um regimen de batatas e de fructos poderia sustentar uma população quasi cem vezes mais consideravel do que um regimen exclusivo de carne ². A mesma tendencia de substituição do reino vegetal ao animal se ob-

¹ Vej. Carey, obr. cit., tom. 1.^o, cap. 8; tom. 2.^o cap. 20; tom. 3.^o cap. 46 a 49, passim.

² Carey, obr. cit., tom. 3, pag. 312, not.

serva em todos os outros meios d'existencia, e é um dos signaes certos do progresso da civilisação. A lã cede o lugar ao algodão, que necessita de menor espaço proporcional para se produzir. Os oleos vegetaes diminuem gradualmente a necessidade dos que se obtêm pela perseguição da baleia e pela creação dos porcos. A gutta-percha e a musselina do encadernador tomam o lugar do couro; o caoutchouc tendê a diminuir a procura das pelles e da lã, e o papel menos custoso substitue-se ao pergaminho. No reino mineral a penna d'aço substitue a penna de pato; os adubos mineraes substituem o estrume animal; o cavallo de ferro toma rapidamente o lugar do que é formado de musculos, d'ossos e de nervos ¹.

Mas não é tudo: quanto melhor é o vestido do homem, tanto menos elle perde do seu corpo, e menor é a sua necessidade d'alimento. Quanto mais se aperfeiçoa o meio de transporte, menos se estraga o fato. Viajando-se n'um wagão de caminho de ferro, dispense-se menos calor animal que viajando a cavallo ².

De todas estas considerações conclue-se que ha na natureza uma tendencia constante para a adaptação da terra ás necessidades d'uma população crescente,—e cada augmento do poder d'associação e de combinação é acompanhado d'uma diminuição na quantidade das materias primas necessarias para a conservação da vida humana, e d'um augmento no que se póde obter como remuneração d'uma quantidade determinada de trabalho ³.

¹ Ibid., pag. 313 e 314.

² Ibid., pag. 313, 314 e 315.

³ Ibid., pag. 315.

Agora resta uma pergunta — Qual é a organização economica que augmenta o poder d'associação e de combinação, com que se produzem os resultados acima indicados?

Carey responde — que o poder de progredir está na razão directa da dessimilhança das partes e da perfeição d'organização, consequencia d'aquella dessimilhança. Portanto a nação em que o commercio, a agricultura e as manufacturas se combinarem está em caminho de progresso, de estabilidade, de ter uma população mais homogenea, economica, intellectual e moralmente; a nação que tôr exclusivamente agricola, manufactora, ou commerciante está no caminho de ser miseravel ella e os seus alliados; faltar-lhe-ha a independencia e a estabilidade; a sua população offerecerá grandes contrastes, e produzir-se-ha n'ella o excesso. A proporção que augmenta a distancia entre as materias primas e as manufacturas, augmenta a differença de preço entre umas e outras, augmenta o preço do transporte, e apparece a miseria e a dependencia. Sejam prova d'isto — a Turquia, Portugal, a Jamaica, a Irlanda e a India. Estes paizes soffreram uma longa applicação do systema que tende a separar o consummador do productor e a reduzir a população a cultivadores pobres d'um lado e a intermedios ladrões do outro ¹.

Uma pergunta ainda: Que influencia têm estas doutrinas sobre o nosso assumpto — a emigração? O que se deduz d'ellas relativamente a tal objecto? O seguinte — A emigração será pequena ou grande, voluntaria ou

¹ Vej. Carey, tom. 3.^o, pag. 267, 275, 276 e passim.

involuntaria, pouco dolorosa ou dolorosíssima, conforme a organização do paiz fôr ou diversidade de trabalhos, ou industria exclusiva e especial ¹. O meio para produzir a diversidade das industrias é o *systema protector* ².

Resumamos ainda Proudhon, o escriptor das contradicções.

Como uma voz que se ouviu na antiguidade gritando — Pan, o grande deus, é morto — voz que assustou o mundo d'então, assim Malthus bradou — a sociedade morre — e por toda a parte se espalhou o terror e se duvidou da providencia.

E porque morre a sociedade? Porque a população cresce segundo uma progressão geometrica, as subsistencias segundo uma progressão arithmetica. Portanto, concluem os economistas, é necessario augmentar a producção, e diminuir a propagação. Mas os economistas esquecem que augmentar a riqueza sem augmentar a população, é tão absurdo como querer diminuir o numero de bôccas augmentando o dos braços.

A producção e a população são uma para a outra effeito e causa; a sociedade desenvolve-se simultaneamente, e em virtude do mesmo principio, em riqueza e em homens. Além d'isto, a propagação é uma condição *sine qua non* da producção. Fazei com que o joven não ame, o proletario não se case senão aos cincoenta annos ou nunca, segundo os conselhos de Malthus e de toda a

¹ Ibid., tom. 1.º, pag. 506 e seg.; tom. 3.º, pag. 333, 342 e seg.

² Ibid., tom. 3, pag. 447.

economia, e o que succederá? N'esse caso, sem a família, quem respeitaria a propriedade, quem quereria produzir? A família, o principio da propagação, é também o grande principio, o grande excitante da produção e da economia, e portanto da capitalisação ¹.

Seria então necessario, continuam os economistas, para que a miseria não fosse fatal, que a paixão que leva á propagação fosse menos geral, menos forte. Mas, se o fosse, a miseria seria ainda maior. A paixão, diz Malthus, é forte e geral, é provavel que seria insufficiente se chegasse a enfraquecer. Com effeito, enfraquecei a paixão, emasculinai o homem, e eu torno a perguntar — quem se sujeitaria á família, e sem familia o que seria da produção? ²

Logo a miseria é fatal se são certas as duas leis de progressão de Malthus.

No estado actual de coisas, as leis de Malthus são certas; até mesmo a segunda está encadeada á primeira necessariamente, e demonstra-se sem se precisar de estatísticas.

Do que depende a geração d'um homem? Da emissão d'um germen, emissão que o genitor é incessantemente excitado a permittir. Mas até ao dia em que o germen fôr capaz de prover por si mesmo á sua subsistencia, este germen custará para incubação, amamentação, alimentação, educação, durante um periodo de dez, quinze, vinte e até vinte e cinco annos, 12, 15, 20 por cento

¹ Vej. *Système des Contradictions Économiques*, troisième édition, tome second, pag. 312-317.

² Ibid., pag. 323.

do que consommem os seus auctores. Ora admittindo que o mesmo par crie quatro, seis, dez ou doze filhos, segue-se com uma evidencia mathematica que o bem-estar d'esses esposos diminuirá de 12, 15, 20, 30, 50 e 80 por cento ¹.

A miseria resulta portanto das duas leis de progressão ?

Não. Eu não sei ainda o que é a miseria ; mas estou certo d'uma coisa, é que ella *antecipa* sobre a producção, e que nos fere antes que a esterilidade do trabalho auctorise os golpes que ella nos dá. Este facto refuta Malthus ².

Ha na humanidade dois periodos principaes — o estado selvagem, estado estacionario em que o homem vive sómente dos productos naturaes do solo e da carne crua dos animaes ; e a civilisação, essencialmente progressiva, em que o homem, transformando a materia, subsiste do producto das suas mãos.

No primeiro periodo a miseria tem por causa a inercia das faculdades do homem. Por um trabalho productivo era possivel, senão eliminar, pelo menos addiar esta miseria, resultante da inercia.

Vejamos agora do que depende a miseria da civilisação.

No primeiro momento da evolução industrial apparece a divisão do trabalho, e, por esta divisão, o trabalho adquire uma fecundidade sobrenatural ; mas ao mesmo tempo o operario embrutece, e depois de ter sollicitado o consummo pela abundancia dos productos, fal-

¹ Ibid., pag. 318 e 319.

² Ibid., pag. 327.

tam-lhe a elle em consequencia da exiguidade dos salarios. Aqui a miseria é o vicio proveniente da maneira por que está organizado o trabalho.

Vêm depois as machinas. Com o soccorro das machinas juncto á divisão do trabalho, o trabalho adquire uma fecundidade illimitada, susceptivel portanto de se accelerar n'um grau desconhecido. Parece pois que as machinas vão triumphar da miseria. Mas não. O bem-estar augmenta para os chefes, o mal para os subalternos, e declara-se a tendencia monstruosa de se pretender dispensar os homens. É pois o excesso dos homens que causa aqui a miseria?

A humanidade mudou a miseria da sua inercia pela miseria das suas combinações. O homem perece pela divisão do trabalho que eleva ao decuplo as suas forças e pelas machinas que as centuplicam.

Á divisão do trabalho e ás machinas junta-se a concorrência. Pela concorrência os productos do trabalho vão sempre diminuindo de preço, ou, o que é a mesma coisa, augmentam continuamente. Pela concorrência cada productur é forçado a produzir por um preço progressivamente decrescente, o que quer dizer — produzir sempre mais do que o consummador pede — por consequencia, garantir á sociedade a subsistencia do dia de amanhã. Num tal systema é pois impossivel que a somma das subsistencias caia abaixo das necessidades da população.

Numa sociedade em que ha a divisão do trabalho, as machinas, a concorrência, a tendencia não é pois crescerem as subsistencias n'uma progressão arithmetica, e a população n'uma progressão geometrica; as subsistencias tendem pelo contrario a crescer na proporção do

quadrado do numero dos trabalhadores. A miseria na civilisação é pois uma antecipação. O pauperismo que ataca o selvagem pela inercia, ataca a civilisação pela acção. O nosso trabalho augmenta sem cessar a nossa indigencia. Antes d'accusarem pois a fatalidade, reformem os economistas as suas *rotinas* ⁴.

Estas considerações, que demonstram que a miseria é uma antecipação sobre a esterilidade do trabalho, são corroboradas por dados estatisticos que levam á mesma conclusão.

Ha cincoenta annos, observa E. Buret e depois d'elle M. Fix, a riqueza nacional na França, quintuplicou ao passo que a população não dobrou. Pergunta-se porque é que a miseria em vez de diminuir proporcionalmente, augmentou? Nestas circumstancias, porque é que ha pobres? Respondam, antes de se inquietarem com a posteridade e de investigarem que numero de habitantes poderão subsistir sobre o globo.

O mesmo se prova d'outro modo.— Em geral as nações occupam na escala do pauperismo o mesmo logar que na da riqueza. Na Inglaterra, conta-se um indigente sobre cinco pessoas; na Belgica e no departamento do Norte um sobre seis; na França um sobre nove; em Hespanha e na Italia um sobre trinta; na Turquia um sobre quarenta; na Russia um sobre cem. A Irlanda e a America do Norte, uma e outra collocadas em condições excepçionaes e oppostas apresentam a primeira a proporção assustadora d'um e mais sobre dois; a se-

⁴ Ibid., pag. 329, 330, 331, 332, 333 e 334.

gunda um e talvez ainda menos sobre mil. A miseria compõe-se exclusivamente do deficit causado pela propriedade á classe trabalhadora. A humanidade é sempre ferida antes que o pão e a terra lhe falte n.

Dizem que se transviam os operarios. Instruam-nos pois os economistas. Dizem que a conducta do operario é má. Póde ser. Mas tracta-se da medida do seu salario e fallam-nos da sua conducta. Dizei-me o que valem quatorze horas de trabalho por dia, e se receiaes errar, com a mão no coração, avaliai vós o vosso, e nós tomaremos para padrão o valor que lhe derdes. Dizem que o capital circulante não está em proporção com a circulação! É verdade. Como ha de elle circular se o consummidor é obrigado a pagar por cinco o que elle mesmo deu por quatro.

No estado de civilisação a miseria resulta exclusivamente do antagonismo economico; o que é pois necessario é procurar o equilibrio entre todos os antagonismos das instituições economicas actuaes; e portanto o unico problema relativo á população é este—Qual é a lei d'equilibrio entre a população e o globo? ¹

No estado de divisão do trabalho, das machinas, do commercio e do credito, a riqueza cresce como o quadrado do numero dos trabalhadores. Mas ao lado d'este duplo movimento da população e da producção, manifesta-se um outro, desconhecido até hoje pelos econo-

¹ Proudhon, *ibid.*, pag. 337. 338, 340, 343 e 344.

mistas, é a aggravação do trabalho, aggravação que resulta necessariamente da theoria de Ricardo. Com effeito augmentando o bem-estar apesar da esterilidade crescente da terra e da multiplicação dos consummidoes, a somma de trabalho augmenta necessariamente para a sociedade e para o individuo.

E qual é o resultado da aggravação do trabalho sobre a população?

Um primeiro facto parece estabelecido — A mesma força, o mesmo principio que preside á creação da especie, preside tambem á dos valores; portanto o trabalho e o amor são antagonicos. Assim Malthus tinha observado que os selvagens da America, levando uma vida cheia de tribulações e angustias são mediocremente inclinados ao amor, mas elle acrescenta que esta frieza diminue rapidamente com a abundancia e o repouso. Um homem d'um vasto saber, Augusto Comte, signala a fecundidade singular da classe indigente, como uma das leis mais notaveis da economia politica. O que se devia tambem notar era que essa classe indigente é por natureza pouco trabalhadora. A castidade é companheira do trabalho. Os homens de meditação são de mediocre capacidade para o amor. Pascal, Leibnitz, Kant, etc., esqueceram-se nas suas contemplações de que eram homens. O sexo advinha estes homens; a tempera d'estes genios inspira-lhe pouco attractivo. Deixa as mulheres, dizia a João Jacques essa gentil Veneziana, e vai estudar mathematica. Este resfriamento progressivo resultante da aggravação do trabalho dará em resultado o equilibrio da população com o globo. Proudhon apresenta ainda outras razões, mas tão subtis e tão mysticas, que por fim elle quasi reconhece que está amontoando nu-

vens para fazer luz, e teias d'aranha para construir estradas, voltando á razão, que lhe parece decisiva, da aggravação do trabalho ¹.

Eis as idéas de Proudhon relativamente á população; com relação á emigração o que pensa elle?

Não o diz, mas é facil deduzil-o dos seus principios. A emigração, como a desproporção da população, tem por causa a má organização economica.

O leitor está provavelmente cansado de tantas allegações a respeito da população; mas quem não viu, diz Stuart Mill, senão as suas idéas viu bem pouco. A logica de nossos paes tinha uma regra — *Cave ab homine unius libri*. A regra está demonstrado que é irracional; conhecimentos profundos são sempre conhecimentos extensos. Exposta a theoria de Malthus, e a refutação de tres homens illustres de campos diversos, vejamos em que se combinam essas refutações, e digamos tambem o que pensamos do problema da população, para d'ahi inferirmos alguma cousa com relação á emigração.

A obra de Malthus, como disse Proudhon, assustou a sociedade e fez duvidar da providencia; é um escriptor dos mais bem intencionados da economia politica attrahiu sobre si as pedradas dos seus conterraneos pobres e a indignação de todos que sentem em si amor ou compaixão por esse martyr que tem, ha seculos, um golgotha de dores, sem que ainda veja um *dia do senhor* que lhe prometta fazel-o resurgir sem cruz, sem chagas e sem miseria.

O susto chegou ao delirio; homens honestos propo-

¹ Proudhon, *ibid.*, pag. 357, 374, 375, 389 e 390.

puzeram remedios infames para cohibir o excesso da propagação, a prostituição, a sodomia, a eradicação do feto, etc. A indignação foi egual ao susto. *Malthusiano*, *Malthusiano*, eis a phrase mais injuriosa do socialismo contra a economia politica.

E não eram as leis das duas progressões que despertavam todos estes clamores; eram sobretudo as consequencias que Malthus deduzia. Ou não exceder as subsistencias, ou morrer; portanto, pobre, ou não te propagues, ou morre. Mas maior producção não livraria da morte? Não. A emigração? Não. Nem uma repartição mais egual de productos? Não. Era ainda peor. Os ricos fazem para ti officio de caixas economicas; no dia da carestia as suas accumulações aliviam-n'a um pouco. Mas nós não temos direito ao trabalho? Não. Nem á esmola? Não. A esmola é até um mal; cria a miseria. Mas então que quereis? — Um homem que nasce n'um mundo já occupado, se a sua familia não tem os meios para o sustentar, ou se a sociedade não precisa do seu trabalho, não tem o menor direito a reclamar uma porção qualquer de alimento e *é realmente de mais sobre a terra*. No grande banquete da natureza não ha meza posta para elle. *A natureza manda-lhe que se vá*, e ella mesma não tarda em executar esta ordem ¹.

Estas palavras escreveu-as Malthus na primeira edição do seu livro; são uma consequencia rigorosissima dos principios anteriores; a eschola economica não quer que se transcrevam, e mostra a segunda edição em

¹ Blanqui, *Histoire de l'Économie Politique*, chap. 35, pag. 124.

que foram supprimidas ¹. Mas, meus senhores, uma consequencia subsiste, embora se não escreva, emquanto subsistem os principios; e os de Malthus são os vossos; o symbolo da vossa sciencia é elle; vós sustentais a harmonia dos interesses, portanto a solidariedade do todo social, e apesar d'isso negais o direito ao trabalho e á esmola, portanto a solidariedade nas dores sociaes. Negados estes dois direitos, junctando a essa negação a affirmação de que a esmola é prejudicial, que direito deixais vós aos indigentes senão o de morrer? As palavras de Malthus estão escriptas nas vossas theorias, e despenham-se d'ellas como uma cataracta que não soffre diques. Supprimindo a crueldade das palavras, Malthus não supprimiu nada; e é o que reconhecem mesmo os economistas menos facciosos e mais sinceros, como por exemplo Adolpho Blanqui, que afirma que as palavras foram supprimidas, mas que o espirito d'ellas ficou ².

Malthus foi refutado. Mas refutaram-se as duas leis de progressão? Nem Bastiat, nem Proudhon, nem Carey, o mais arrojado de todos, negaram que a humanidade, independentemente de todos os obstaculos, dobrasse dentro de vinte e cinco annos; e desde o momento que se não atacou esta proposição, o edificio de Malthus parece que subsiste. Bastiat e Proudhon encarregaram-se de provar as duas progressões de Malthus, chegando até Proudhon a demonstrar a identidade d'uma e d'outra. A que se reduzem pois as refutações de Malthus?

¹ Vej. Bastiat, *Harmonies Économiques*, chap. 16, pag. 499.

² Vej. *Histoire de l'Économie Politique*, par A. Blanqui, quatr. edit., tom. sec., pag. 124.

Bastiat, Proudhon, Carey respondem a Malthus — A população não cresce como vós dizeis. Malthus responde — Eu não digo como ella cresce, digo como ella póde crescer, e o que ha de acontecer se esta possibilidade se realizar toda. Portanto vós não me refutais quando me ensinais como ella cresce.

As duas proposições de Malthus são verdadeiras; mas apesar d'isso nada está perdido. Malthus afirma que a duplicação dos homens em vinte e cinco annos, é, não uma realidade universal, *mas uma possibilidade*; se affirmasse com verdade que era uma realidade permanente com a lei da progressão arithmetica parallela, então assustassemo-n'os, que estavam sentadas a fome e a morte ao nosso lado; mas se se parte d'uma possibilidade, as consequencias são tambem só possibilidade.

E é isto o que dispensa de refutar directamente Malthus, o que permite não combater a primeira proposição. O que se póde dizer a Malthus é o seguinte — A vossa primeira proposição é verdadeira, a segunda queremos suppôr que o seja; mas o problema social sobre população não consiste na affirmacão d'uma possibilidade, mas na determinacão da lei segundo a qual se effectiva essa possibilidade.

E Bastiat, Proudhon, e Carey affirmam que a possibilidade não se effectua d'um modo equal em todas as circumstancias, e todos tres affirmam que a tendencia geral da propagação da população é do maximo para o minimo em relação ás subsistencias; e affirmam isto, Bastiat em nome do habito que impede de decahir e produz a previdencia; Carey em nome da adaptacão das funcções ás circumstancias, e da correlação entre o de-

senvolvimento intellectual e o enfraquecimento do instinto da propagação; Proudhon em nome da aggravação do trabalho.

Concordamos, na generalidade, com estas idéas; a propagação é variavel, e ha de limitar-se ou não pelos *meios d'existencia*, na phrase e no sentido de Bastiat, conforme a população que se propaga não fôr indigente ou o fôr. Se o não fôr, essa população será providente, terá uma vida mais ou menos intellectual, e a sua propagação não será excessiva. Se a população fôr indigente, não terá hábitos que a convidem a não decahir, não terá vida intellectual, propagar-se-ha em excesso.

Ora como a tendencia da civilisação é ir da menos justa para a distribuição mais justa dos productos, da desigualdade para a egualdade, segue-se que a lei da população é — ir do excesso para o não excesso entre ella e os meios d'existencia, produzindo-se por fim o completo equilibrio.

Conforme fôr indigente ou não, dissemos nós. Com effeito, se ha alguma cousa demonstrada em psychologia economica é que é a pobreza do pobre, que é a origem da sua imprevidencia; é que por sua natureza a miseria é prolifica; o indigente tem este nome significativo — proletario.

Tenha paciencia o leitor; havemos de apresentar-lhe alguns testemunhos d'este facto, facto que os economistas viram, mas cujas consequencias não tiraram, e facto que refuta o coração da obra de Malthus.

Adam Smith. — Ainda que sem duvida a pobreza affaste do casamento, entretanto não o impede sempre;

parece até ser favorável á geração. Uma montanhieza quasi a morrer de fome tem muitas vezes mais de vinte filhos; ao passo que uma bella dama, que tem muito cuidado da sua pessoa, é algumas vezes incapaz de ter um só, e em geral acha-se esgotada por dois ou tres partos. A esterelidade, que é tão frequente na alta sociedade, é extremamente rara nas pessoas de condição inferior ¹.

Malthus. — Nas classes superiores da sociedade não ha razão para temer que os casamentos sejam frequentes de mais. Os sentimentos elevados que dão a posição e a educação oppõem sempre, n'essas classes, grandes obstaculos ao casamento, em virtude dos motivos de prudencia que elles suggerem. É necessario fazer nascer nas classes inferiores as luzes e a providencia de que as primeiras são providas ².

J. B. Say. — O operario não sómente não prevê a velhice, mas nem sequer prevê os accidentes, a doença, as enfermidades ³.

Rossi. — Calculou-se que, se os Montmorency se tivessem multiplicado segundo a lei d'augmento que dobra a população em vinte e cinco annos, elles formariam hoje por si sós uma multidão que a Europa com diffi-

¹ Vid. Adam Smith, *De La Richesse des Nations*, trad. de G. Garnier, edit. Guillaumin, 1859, tom. 1.º, liv. 1, chap. 8.º, pag. 188-190.

² Malthus, obr. cit. liv. 4, cap. 9, pag. 523 e 524.

³ J. B. Say, *Traité d'Economie Politique*, edit. Guill., 1841, liv. 1, chap. 15, pag. 139.

culdade poderia conter. Em vez d'isto, eu não sei se existe um só descendente directo do primeiro barão christão; a tal ponto influia sobre as familias nobres o receio de declinarem empobrecendo, receio que deu origem a instituições e a costumes, que a riqueza procurará sempre imitar, ainda a despeito da lei.

Não é no seio da miseria que podem nascer essas prudentes previsões que devem temperar no homem o imperio dos sentidos, e enfraquecer o augmento da população. Aquelle que não tem nada a temer, nem a esperar, não calcula, nem reflecte. O homem que vive de privações apodera-se com empenho de toda a excitação physica que pôde por um instante fazel-o esquecer da sua miseria. O rico sacrifica todas as cousas, e a maior parte dos seus filhos, e sacrifica-se a si mesmo, se é preciso, ao poder da sua familia, ao brilho e á grandeza da sua raça. Essa mãe impassivel, que com um pé no tumulto, no fundo d'um castello, resistia ás lagrimas, ás supplicas das suas filhas e dos seus filhos segundos, que repelliam em vão a vida monastica e a ordem de Malta, pensava por ventura em si mesma, nos seus gozos pessoais? Não; era do futuro, era de seres que lhe eram desconhecidos que ella se preocupava; ella estava sob o imperio tyrannico d'uma idéa. O egoismo da miseria é completamente pessoal. Mais desculpavel que o do rico, é talvez mais aspero ainda e mais absoluto. Aquelle que não tem nada, e que desespera d'um melhor futuro, esse não tem que prever, nem que calcular; não pensa senão no momento presente. Pôde elle dar a vida a seres mais desgraçados do que elle é? Além d'isso, quem teria direito de se queixar? Elle tem vivido sempre, elle, na penuria, dia a dia, sem outro apoio além da Providencia; ella não faltará aos seus filhos. Morrem elles, morrem

ainda jovens, morrem ao nascer? Deus o quiz, e tanto melhor para os que morreram ⁴.

Stuart-Mill. — Á medida que a especie humana se eleva acima da condição dos animaes, a população é contida pelo receio da penuria, mais do que pela penuria real. E quando se não receia a fome, um grande numero de pessoas são influenciadas do mesmo modo pelo receio de perderem o que se chegou a considerar como uma posição razoavel na vida. Até hoje não se têm encontrado senão estes dois motivos assás poderosos na especie humana em geral, para contrariar a tendencia ao desenvolvimento da população. Vê-se geralmente a maior parte dos individuos das classes medias ou pobres, todas as vezes que estão livres de sujeição exterior, casar-se cedo, e quasi por toda a parte ter tantos filhos quantos lhes é possível ter, continuando a conservar a posição social para que nasceram, ou que estão costumados a olhar como tal.

Nas classes medias existe ainda um motivo de repressão que deriva do desejo de fazer mais do que conservar essa posição, do desejo de a melhorar. Mas semelhante motivo raras vezes produz este resultado nos individuos das classes laboriosas. Basta-lhes poderem crear as suas familias como elles mesmos foram creados, e os mais prudentes dão-se ordinariamente por satisfeitos. Muitas vezes mesmo não pensam n'isto; contam com o acaso ou com os recursos da caridade legal ou voluntaria. Os paizes em que a prudencia voluntaria tem sido praticada ha mais tempo e no mais alto grau são a No-

⁴ Rossi, *Cours d'Économie Politique*, année 1836-1838, edit. Bruxelles, 1851, Vingtième leç., pag. 251-253.

ruega e certas partes da Suissa. É digno de nota que estes dois paizes, que se distinguem d'uma maneira tão honrosa, são habitados por pequenos proprietarios territoriaes ¹.

Laing, citado em Carey:— A divisão da terra é para o excesso de população e para a sua consequencia, a ruina da sociedade, um freio que falta completamente num systema social differente. Nas artes, nos ramos d'industria ainda os mais uteis e necessarios, a procura para os trabalhadores não é uma procura visivel, conhecida, continua, apreciavel; mas é-o na agricultura sob a nossa condição social. O trabalho que ha a fazer, a subsistencia que o trabalho obtem do solo a que se applica, são cousas que se vêm, são elementos familiares ao homem que calcula os seus meios d'existencia. O seu campo póde ou não sustentar uma familia? Póde elle ou não casar-se? são perguntas a que cada homem póde responder immediatamente, sem hesitação, sem grande calculo. É o habito de contar com a probabilidade, em que o espirito não tem nada de claro diante de si, que causa os casamentos temerarios, imprevidentes, tanto nas classes baixas como elevadas da sociedade, e produz entre nós (Inglaterra) o excesso da população. Necessariamente a probabilidade ha de entrar no calculo de cada um quando falta a certeza, caso em que estamos, em que, pela nossa distribuição da propriedade, uma subsistencia certa não é senão o apanagio d'um pequeno numero, em vez de ser o dos dois terços da população. Em

¹ Vid. Stuart-Mill, *Principes d'Économie Politique*, trad. Dussard et Seneuil, Troisième edit. tom. 1.^o, liv. 1, chap. 10, § 3, pag. 182, 183, 184.

seguida vêem factos demonstrativos d'estas asserções; depois conclue: — A mais profunda de todas as observações que se têm feito na sciencia economica é a de Salomão: «A ruina do pobre é a sua propria pobreza.» E' a sua pobreza que causa a sua multiplicação excessiva, e a sua multiplicação excessiva causa a sua pobreza. Remediai-lhe a pobreza, fazei com que elle possa, inoculai na massa inteira da sociedade os gostos, os habitos, os sentimentos de providencia que acompanham a posse, abolindo as leis de successão que concentram toda a propriedade numa classe superior, e tereis remediado o excesso da população ⁴.

Élisée Reclus. — A população da França augmentou, mas a proporção do augmento foi muito menor que a de muitas outras nações e nalguns annos mesmo diminuiu. Segundo o recenseamento de 1872 a França perdeu mais de 450:000 habitantes nos seis annos que ha entre este e o de 1866, e isto sem contar a perda resultante da separação da Alsacia-Lorena. Os desastres do anno terrivel não explicam esta diminuição consideravel. Além d'esses desastres ha forçosamente causas profundas de mortalidade ou de diminuição nos nascimentos. Dada população egual, a Inglaterra teria ganho perto de tres milhões d'habitantes, ao passo que a França perdeu meio milhão. E' verdade que desde 1872 a população começou de novo a elevar-se, mas a razão do augmento é tão fraca que, se não muda para mais, só passados muitos seculos a fará dobrar. A França que em 1800

⁴ Laing, *Notes of Traveller*, London, 1854, pag. 33, 165, 166, extractado da obra por vezes citada de Carey, tom. 3.º, pag. 269, 270, 271.

era em população quasi um quinto do grupo europeu, hoje é um decimo; mas se a população cresce menos rapidamente, a proporção dos homens validos é mais consideravel. Quaes as causas d'este phenomeno?

Além d'outras, uma das mais importantes, que se revela bem pelas estatisticas departamentaes, é o desejo que têm os paes de assegurar o bem-estar dos filhos. Em geral os nascimentos são relativamente mais numerosos nos departamentos pobres, que naquelles em que os habitantes vivem bem. A Bretanha, uma das regiões mais pobres da França, é das mais fecundas em familias; na Normandia e Eure, regiões d'agricultura prospera, o numero dos habitantes reduz-se constantemente. Em nenhum departamento da França o numero dos celibatarios é mais consideravel; os seus habitantes estão possuidos do amor quasi monomaniaco do bem-estar ¹.

Este phenomeno da grande fecundidade da classe indigente, phenomeno que uns suppozeram resultado de um estado natural physico, outros d'um estado moral que produz a imprevidencia, e que é talvez devido a uma e a outra cousa, viram-no todos os economistas, mas a maioria d'elles não lhe tirou as consequencias. Se a demasia de propagação é um symptoma da doença — indigencia — atakai esta se quereis debellar aquelle. Não é certo, pois, como affirmava Malthus, que uma producção maior e uma distribuição mais egual dos productos, em vez de resolverem o problema da população, o complicassem. Stuart-Mill, que não é suspeito, Laing, outro In-

¹ Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, tom. 2.^o — *La France*, chap. 14, pag. 839-844.

glez, apresentam a providencia nos pequenos proprietarios territoriaes, e o ultimo mostra a correlação entre aquella qualidade e este estado.

Fazei, pois, que todos possuam; introduzi a justiça nas relações economicas, e cada familia se propagará na proporção dos seus meios. Como o Christo dizia aos discipulos — Procurai primeiro o reino de Deus, e tudo o mais virá como accessorio; assim a sciencia social diz — procurai a justiça, e encontrareis nella a solução de todas as questões.

Sejam, porém, quaes forem as perturbações na ordem economica, é certo, que a evolução é no sentido da injustiça para a justiça, da desigualdade para a egualdade, portanto a lei da população, é, como já dissemos, ir do excesso para o equilibrio relativamente aos meios d'existencia; e como a emigração ha de seguir a evolução da população, segue-se que a emigração ha de ser tambem uma quantidade variavel, e que é necessario seguir as diversas organizações economicas da sociedade, para determinar o modo como ella se produz e portanto as suas causas.

Demonstrado que o progresso da civilização ha de procurar o equilibrio entre a propagação de cada familia e os seus meios, já não insta refutar a segunda lei. Todavia diremos duas palavras das refutações que estudá-mos.

Bastiat rejeita essa lei em nome da superioridade que as faculdades têm sobre as necessidades no estado de sociedade. Proudhon em nome da divisão do trabalho, machinas e concorrência; o que é a mesma idéa de Bastiat sob uma fórmula mais analytica. Carey em nome da differenciação do trabalho; o que é ainda a mesma idéa.

Mas é claro que o trabalho podia dividir-se, as machinas e a concorrência augmentarem sem que o producto augmentasse proporcionalmente, se a terra caminhasse para a pequena productividade. Carey e Proudhon viram isto e por isso foram por diante.

Carey demonstra que a cultura vai dos terrenos menos ricos e acaba pelos mais ricos. Parece-nos, como a Stuart-Mill, que uma affirmação menos de extremos seria mais verdadeira ¹. Mesmo estava mais nos principios de Carey; os terrenos mais estereis não serão também aquelles que offerecerão sempre mais facilidade de cultura, e a humanidade pôde começar pelos mais fracos e ir aos mais ricos logo que tenha forças para isso, abandonando os primeiros cultivados, e voltando a elles quando haja necessidade; chegando até a cultivar por fim os que a principio não podia, nem queria cultivar, porque se apresentavam estereis e não tinha meios de lhes mudar a esterilidade. Parece isto mais verdadeiro.

Com relação aos outros argumentos de Carey, a elevação da agricultura a sciencia, é certo que mal podemos calcular o augmento de producto que ella nos trará. A substituição do alimento animal pelo vegetal é um argumento verdadeiro na generalidade, mas que precisa de ser menos extensivo; a evolução tem-se feito no sentido indicado por Carey; mas não pôde ir até onde parece querer levar-a.

Os habitantes das regiões intertropicaes podem viver com um regimen exclusivamente vegetal sem soffrerem com isso; os das regiões que começam a ser frias precisam de carne, e os das regiões polares precisam de gor-

¹ Vej. Stuart-Mill, obra cit., tom. 1.^o, pag. 209 e seg.

duras ¹. Com relação ao argumento da menor perda de forças e portanto da menor necessidade de alimento, tem de certo algum peso, mas se ha, como quer Proudhon, uma aggravação de trabalho, as cousas contrabalançar-se-iam. A piscicultura parece-nos um recurso immenso e a inspecção do globo não é propria para acordar já receios. E posto que de tudo isto se conclua que a progressão das subsistencias não póde talvez ser tão continua e indefinida como quer Carey, todavia se pelo estudo da propagação se prova que esta tende a equilibrar-se com os meios de existencia sem necessidade de mortalidades anormaes ou emigrações dolorosas, a humanidade não tem que se lamentar da não infinidade d'esse progresso. Sob o ponto de vista da população e das subsistencias um estado estacionario parece-nos, como a Stuart-Mill, conciliavel com a felicidade da humanidade. Se o progresso é uma luta, a felicidade é um equilibrio ².

¹ Vid. Quatrefages, *Rapport sur les Progrés de l'Anthropologie*, edit. de l'Imprimerie Imperiale, 1867, pag. 332.

² Vid. Stuart-Mill, obra cit. pag. 304, tom. 2.^o.

CAPITULO III

Causas economicas da emigração

SUMMARY: — As causas economicas da emigração são as mais importantes. — Deducção das relações dos estados — selvagem, pastoril, agricola, e agricola-industrial e commercial com a mortalidade, a guerra e a emigração. — Confirmação historica d'esta deducção. — Determinação da idéa de progresso segundo Spencer e A. Comte. — Confirmação d'estas idéas pela analyse. — Analyse da doutrina da *escola economica* sobre industrias naturaes e artificiaes. — Demonstração historica da possibilidade de influencia consciente e voluntaria na combinação das industrias. — A combinação das industrias é o maior remedio contra a emigração.

Estabelecendo o problema da emigração, reconhecemos que sendo a população que emigra, a natureza da população e as condições que a subordinam haviam de subordinar a emigração ¹; e no capitulo precedente vimos que a relação entre a população e as subsistencias era uma relação variavel, e por isso a emigração uma quantidade variavel tambem, sendo necessario seguir as

¹ Vej. pag. 5.

diversas organizações economicas da sociedade para determinar as causas d'este phenomeno.

É claro que as causas que assim se determinam, são sómente as causas economicas, e a emigração póde ter muitas causas d'outra natureza. Mas se as condições a que a população está sujeita não são sómente condições economicas, é certo que estas são as que mais influencia podem ter na emigração. A raça a que pertence um povo, a posição e a fôrma do paiz que habita, a sua religião, o seu governo, a sua historia, são condições sociaes importantes, mas que com relação á emigração só a hão de produzir accidentalmente. O equilibrio entre estas condições estabelece-se cedo, e quebra-se com difficuldade, em quanto que o equilibrio entre a população e a producção e distribuição dos meios d'existencia é um ideal que a razão antevê que se hade realizar, mas que nunca se apresentou ainda como realidade. As causas da emigração, as mais geraes, as mais constantes, hão de ser, pois, causas economicas. E em muitas circumstancias até em que a causa mais visivel não pareça economica, a analyse irá descobrir uma causa economica, a que a não economica serviu simplesmente d'auxilio. Por exemplo: — Ha em algumas nações leis que prohibem o casamento aos que não mostrem a possibilidade de subsistir. Esta lei determina muitas emigrações; mas é claro que a condição economica que deu origem á lei e que faz com que ella se applique prohibindo o casamento, concorreu tanto como a lei para a emigração; a causa politica encontra, pois, como antecedente necessario a causa economica.

Entre nós a perspectiva de se alcançar fortuna no Brasil é uma das causas mais poderosas d'emigração;

mas é aos que têm mais sêde que mais se apresentam as miragens; a attracção d'essa perspectiva ha de variar com as circumstancias economicas do paiz. Uma causa, pois, que parece ser tanto moral como economica e externa, tem como condição necessaria uma causa economica interna.

O coração do nosso problema está, pois, na organização economica; são as causas economicas as mais profundas, e é por ellas que devemos começar. Tinha razão Robertson quando escrevia: — Em todas as investigações a respeito do homem em sociedade, os meios de subsistencia são o primeiro objecto que deve fixar a attenção.

Mas se é necessario seguir as diversas organizações economicas da sociedade, quantas são essas? Não é possível, nem é preciso seguir as mais pequenas variações no modo de subsistir da humanidade; basta analysar as mais caracteristicas; e essas podemos reduzi-las aos seguintes estados:

Estado selvagem.

Estado nomada ou pastoril.

Estado sedentario. Este estado pôde ser ou agricola, ou industrial, ou commercial, ou a combinação d'alguns ou de todos estes systemas.

Chamo estado selvagem aquelle estado em que o homem vive total ou principalmente dos productos naturaes, fructos, caça, pesca.

Chamo estado pastoril aquelle em que o homem vive principalmente do leite e da carne dos animaes que apascenta.

Chamo estado sedentario aquelle em que o homem tem como meio principal de subsistencia a agricultura.

Os diversos estados que se podem dar neste estado sedentario, e que enumerámos, têm no seu nome a sua definição.

É uma proposição evidente ou quasi evidente — que uma determinada porção de terreno sustentará uma população menor ou maior conforme o estado d'essa população fôr selvagem, pastoril ou sedentario.

Talvez já não seja visivel, mas demonstraremos, que no estado sedentario uma determinada porção de terreno sustentará uma população menor ou maior conforme a distribuição da propriedade territorial, e conforme a menor ou maior combinação dos tres systemas — agricola, industrial e commercial.

Se a mesma porção de terreno se satura, pois, com quantidades diversas de população, conforme o estado em que a população vive; segue-se que o desequilibrio entre a população e os meios de subsistencia, e por tanto as suas consequencias necessarias, a mortalidade anormal, as guerras, a emigração ou a menor propagação, hão de apparecer mais cedo ou mais tarde, com maior ou menor intensidade, segundo esses diversos estados.

Suppondo agora que um povo selvagem, em desequilibrio intenso com relação ás subsistencias; e em que se dava grande mortalidade; que tinha guerras frequentes ou grande emigração, nos consultava pedindo um remedio para os males que padecia; é claro que seria uma loucura responder-lhe — não morram, não façam guerra, não emigrem. A resposta razoavel, o remedio unico era: — Mudem de vida; em vez de se alimentarem dos fructos, da caça e da pesca, domesticquem animaes, e sustentem-se de leite e carne.

Suppondo que esse povo passava de selvagem a pastoril, passados tempos dar-se-ia o desequilíbrio, e portanto as consequências d'elle. Se nos viesse dizer: — Demo-nos bem com o primeiro remedio que nos indicou, mas agora padecemos outro mal. O nosso terreno primitivo tornou-se insufficiente para os gados de que precisamos; temos d'invadir outros terrenos, e d'essas invasões resultam guerras continuas; o que nos aconselha agora? É claro que seria irrisorio responder — não invadais outros terrenos, não tenhais guerras. A resposta razoavel seria: — Não crieis só gados, agricultai tambem.

Suppondo ainda que esta passagem do estado pastoril para o agricola se effectuava, mas que o desequilíbrio vinha a produzir-se por fim, o povo dir-nos-ia: — Parte dos nossos concidadãos deixa os nossos campos e vai para outras nações; estas emigrações são uma causa de dôres e d'angustias para os que vão e para os que ficam; como se poderá impedir este movimento? Se respondessemos que construíssem uma muralha ou de pedra ou de soldados em torno do paiz; esta resposta seria tão louca como aquell'outras — não morram, não invadam, não guerreiem. A resposta sensata seria: — No estado de civilisação a que chegastes, a população d'um paiz proporciona-se não só ás subsistencias que produz, mas tambem aos braços que pôde empregar; ora vós agricultais só; as materias primas que exportais vão dar trabalho á nação que as importa, as manufactura, e vol-as exporta depois. Além da população que sustenta, o vosso paiz podia sustentar mais uma porção d'individuos igual ao numero dos que converteram as vossas materias primas em manufacturas. Não manufacturastes; essa porção d'individuos ficou sem trabalho; emigrou.

Suppondo que a qualquer d'estas indicações se respondia que não se queria ou que não era possível realizá-la; que os homens do estado selvagem não queriam ou não podiam passar para o estado pastoril; que os do estado pastoril não queriam passar para o estado sedentario; que os do estado sedentario-agricola não queriam ou não podiam passar para um estado de combinação d'indústrias; n'esse caso era necessario volver-lhes: — Pois se não quereis ou se não é possível realizar essas indicações, não é também possível evitar os males de que vos queixais. A grande mortalidade do estado selvagem é claro que era impossível suspendel-a; as invasões e as guerras do estado pastoril era possível comprimil-as; mas, em vez da guerra externa, appareceriam as guerras internas ou a morte pela fome; umas e outra mais dolorosas, menos naturaes, anti-civilisadoras; a emigração do estado agricola era também possível impedil-a; mas em vez da emigração appareceria a guerra externa ou interna, ou a mortalidade anormal pelo excesso da miseria. Repellindo da superficie do corpo social um symptoma sem arrancar a causa que o produzia, substituia-se sómente o symptoma mais natural e menos doloroso, por outro artificial e dolorosissimo. Era abafar vulcões para os converter em tremores de terra.

As idéas que servem de base a estas consequencias parecem-nos, como dissemos, evidentes, pelo menos na maxima parte; todavia é necessario desinvolvel-as. Num capitulo do *Espírito das Leis* ⁴, intitulado — Do numero dos homens na sua relação com o modo por que elles

⁴ Liv. 18, cap. 10.

procuram a subsistencia — Montesquieu escreve: — Quando as nações cultivam as terras, eis em que proporção se acha nellas o numero dos homens. Como o producto d'um terreno inculto está para o producto d'um terreno cultivado, assim o numero de selvagens num paiz está para o numero dos agricultores no outro; e quando o povo que cultiva as terras cultiva tambem as artes, nesse caso a determinação das proporções exigiria bastantes pormenores.

São exactamente estes *pormenores* de que falla Montesquieu, que é necessario apresentar aqui. Mas porque as consequencias do estado selvagem e nomada se apresentam como hypotheses, é necessario tambem verificá-las; o que faremos resumidamente.

Se abrirmos um livro em que se trace o quadro da sociedade selvagem, a obra de Malthus por exemplo, no capitulo terceiro, a *Historia da America* de Robertson no livro quarto, encontraremos que a economia da sociedade nesse estado produz os mais deploraveis effeitos. A difficuldade de encontrar subsistencias diminue a attracção do homem para a mulher, levando-o por isso a maltrata-la continuamente. Nalgumas tribus, a mulher é considerada como um animal de carga, e em quanto o homem perde o dia na dissipação e na preguiça, ella é condemnada a um trabalho incessante. O seu destino é ás vezes tão affrontoso, que a propria ternura maternal a leva a tirar a vida ás filhas para as subtrahir á escravidão intoleravel que seria o seu destino ¹. Ha até regiões em que a passagem da mulher para a mão do ma-

¹ Vid. Robertson, *Histoire d'Amerique*, édit. Maestricht, 1780, tom. 2.^o, liv. 4.^o pag. 303.

rido se faz espiando este uma mulher d'uma tribu inimiga, atordoando-a com a massa, enchendo-a de feridas d'onde sae o sangue lufando, e trazendo-a assim para a sua habitação ¹.

Imagine-se por este prologo o livro da vida da mulher nas suas relações com o homem. O infanticidio, que vemos produzir-se pela ternura, encontra mil outras causas. A mulher procura muitas vezes o aborto pelo uso de certas hervas. Se a mãe morre no periodo d'amamentação, o pai colloca sobre o cadaver o filho vivo, e descai-lhe em cima uma pedra que o esmaga. É que não se encontraria mulher nenhuma que quizesse substituir a mãe como ama ². Se os filhos nascem defeituosos, no defeito vem as mais das vezes a pena de morte; quando a familia a não executa, executa-a a natureza; a lei da selecção natural desenvolve-se aqui em toda a magestade da sua força.

A estas cousas de morte accrescem as epidemias, as fomes, as guerras continuas. Como os animaes de preza com que se semelham, diz Robertson, pelo modo de proverem á sua subsistencia, os povos caçadores não podem viver proximos uns dos outros. Duzentas ou trezentas pessoas occupam muitas vezes territorios mais consideraveis que alguns reinos da Europa ³. Se a caça se dispersa ou desaparece é necessario emigrar. Se se encontram outras tribus, ha guerras, mas estas guerras nunca civilisam; a historia parece demonstrar que, para poder ser civilisadora, é necessario que a lucta se dê entre povos em differentes estados. As guerras são d'ex-

¹ Vid. Malthus, obra cit. cap. 3.^o, pag. 23.

² Malthus, pag. 25.

³ Robertson, liv. 4.^o, pag. 369, 381, 404.

terminio. — Vamos comer a nação tal — eis o grito de guerra, e este grito de tigre é executado sempre que é possível ¹.

A observação confirma, pois, a hypothese que apresentámos. Neste estado ha emigrações, mas differem das nossas em não civilisarem; e é principalmente pelos phenomenos mais terriveis que apresentámos, e não por ellas, que se revela o desequilibrio entre a população e as subsistencias.

Os povos pastores apresentam já um quadro muito diverso. A historia classica dá-nos o conhecimento de povos pastores e dos seus incontros com a civilisação, da influencia que exerceram sobre ella, e que d'ella receberam. Neste estado, a população é muito mais densa, e a subsistencia é mais abundante e menos incerta. O homem ganhou em poder e a mulher em attracção, e por isso é mais considerada. Não se procura o aborto; as mãis não matam os filhos, por amor; se as mãis morrem, os filhos não são sacrificados, e ellas são mais fecundas. Quando se produz o desequilibrio entre a população e as subsistencias, esses povos têm outros recursos que não têm os selvagens.

Como muito bem observaram Malthus e Gibbon, esses povos torna-os formidaveis a faculdade de se moverem em massa e a necessidade d'exercerem muitas vezes esta faculdade para mudarem de pastagens ². As emigrações são frequentes; ás vezes são pacificas; outras vezes, resultando d'ellas encontrarem-se com outros povos, ou nomadas, ou já agricultores, surge a

¹ Malthus, obr. cit. pag. 34.

² Malthus, obr. cit. pag. 60. Gibbon, *Décadence des Romains*, chap. 26.

guerra; da guerra dos povos nomadas com os agricultores resulta às vezes fundirem-se os dois povos; e apparece d'este modo uma sociedade nova, mais variada nos seus instinctos, nos seus habitos, e por isso mesmo mais propria para maiores progressos.

A historia dos Hebreus, no estado de pastores, apresenta-nos emigrações pacificas e emigrações-invasões. A passagem de Abrahão da Chaldea para Chanaan, a separação dos gados de Abrahão e Lot, a ida para o Egypto são exemplos d'emigrações pacificas; a vinda dos Hebreus para a Palestina uma emigração-invasão, como a tinha sido a dos Hycsos no Egypto. Cyro encontra-se e lucta com os povos pastores; Dario combate-os antes de combater os Gregos; os Cimbro e os Teutonios, povos pastores, combatem Roma. Os Hunos, os Germanos eram povos pastores. Os seus rebanhos, diz Tacito d'estes ultimos, são o seu unico thesouro, fazem d'elles todas as suas delicias ¹. A expansão d'estes povos, resultante da falta de subsistencias e dos costumes adquiridos num tal estado de vida, ou d'uma lucta religiosa, como quer Thierry, ² destroe o imperio Romano e origina o mundo moderno. A China tem-se encontrado por vezes com os povos pastores; é contra elles que levantou as suas muralhas, do mesmo modo que as levantaram os Romanos nos confins do seu imperio; e a civilisação moderna está talvez destinada a luctar com os povos nomadas da Asia e a trazel-os para a civilisação.

¹ Tacit, *De Moribus Germanorum*, § 5.

² V. Amédée Thierry, *Tableau de L'Empire Romain* liv. 6.^o, chap. 2.^o

No estado nomada produz-se pois a emigração pacífica e a emigração-invasão, mas principalmente esta e tendo uma intensidade enorme, uma intensidade que derriba imperios.

Passemos ao estado sedentario.

Conta-se d'Alexandre Magno que tendo este conquistador encontrado numa das suas expedições um povo que se sustentava de peixe, elle lhe prohibira continuar a alimentar-se d'aquelle modo. Miguel Chevalier, narrando este facto, pergunta: — Era o capricho d'um vencedor? Não, responde elle, era a preparação d'um futuro. Queria obrigar-os a cultivar os cereaes da Europa, sentindo que assim os encaminhava para a civilisação. A civilisação, diz o mesmo escriptor, data da descoberta e cultura dos cereaes ¹.

Concordamos com estas idéas; mas é claro que numa sociedade que a agricultura tornou sedentaria, ha, como dissemos, a possibilidade de diversos modos d'existencia. Para que a sociedade progrida economicamente, qual é o sentido que deve ter o seu movimento economico?

Esta questão traz consigo outra mais geral: — Em que consiste o progresso? Tendo de determinar em que consiste o progresso num dos modos de ser da sociedade, é conveniente examinar a questão geral; a questão geral e a particular hão de esclarecer-se uma á outra.

Herbert Spencer na sua obra — *Os Primeiros Prin-*

¹ Michel Chevalier, *Cours d'Économie Politique fait au Collège de France*, édit. Bruxel. 1845, pag. 48 et 46.

cipios —, Carey na obra por vezes citada, levantaram esta questão; aquelle sob o ponto de vista geral, este d'um modo mais especial. Retomando uma idea emittida por Harvey, e seguida por Volff e Baer, Herbert Spencer dá do progresso a seguinte definição: — A passagem d'um ente do estado homogeneo, indefinido e incoherente, a um estado de heterogeneidade definida, e em que as diversas partes heterogeneas se ligam entre si de modo que formam uma unidade. — ¹ Interpretando as palavras de Spencer — é a passagem da não individualidade para a individualidade, a passagem da unidade sem variedade á variedade unidade. Spencer demonstra a verdade da sua definição com os factos da astronomia, da geologia, da biologia, da psychologia e da sociologia. Em astronomia admitte-se que o systema solar proveio d'uma nebulosa; portanto uma massa diffusa, uniforme, incoherente, aperfeioou-se passando do estado d'homogeneidade ao d'heterogeneidade unificada ². A terra esteve num estado de fusão; acima d'ella havia uma enorme e incoherente massa de vapores; foi-se aperfeioando solidificando-se-lhe a crusta, dando lugar aos mares e ás terras, distribuindo estas numa infinidade de fórmãs, e por todas estas differenciações, differenciando os climas e as producções ³. Na biologia o mesmo. A composição chimica d'um germen vegetal ou animal é quasi a mesma; esta uniformidade vai desaparecendo, e na mesma proporção os entes se vão dis-

¹ *Les Premiers Principes*, trad. de M. E. Cazelles, pag. 359 et 424.

² *Ibid.*, pag. 329 e 353.

³ *Ibid.*, pag. 354 e 355.

tinguindo; e na escala dos seres os mais perfectos são aquelles em que ha maior complicação d'elementos ¹.

O progresso physico, intellectual e moral do homem, a creatura superior, e tambem a mais heterogenea, prova o mesmo. O organismo humano tem-se diversificado cada vez mais nas subdivisões civilizadas da especie, e a especie, considerada no seu conjuncto, tornou-se mais heterogenea pela multiplicação e differenciação das raças. O Papu, por exemplo, tem o corpo e os braços muito bem desenvolvidos, mas as pernas muito curtas; lembra-nos o quadrumano. No Europeu as pernas e os braços são relativamente heterogeneos ².

Passando do homem considerado individualmente ao homem em sociedade, a mudança do homogeneo em heterogeneo manifesta-se nos progressos da civilização considerada como todo, e no progresso de cada nação. Da indivisão das funcções economicas, e da dos poderes politicos passa-se para a divisão; das linguas syntheticas para as analyticas; da escriptura-pintura á escriptura-phonographica; a poesia, a musica e a dança, que a principio formam um todo, separam-se. O progresso é pois a passagem da homogeneidade á heterogeneidade unificada ³.

Em Carey encontram-se as mesmas ideias diversamente exemplificadas. A perfeição está na razão directa da individualisação. O homem é o mais perfeito dos seres e o mais individualizado, o unico que numa mesma especie, raça, nação, apresenta differenças de gostos, de

¹ Spencer, obr. cit., pag. 356 e seg.

² Ibid., pag. 364.

³ Ibid., pag. 365 a 384.

sentimentos, de faculdades, tão numerosas como as que se encontram no rosto humano. Para que estas diferenças se desinvolvam porém, é necessario que o homem forme uma associação com os homens; e a associação é tanto maior quanto maior é a variedade.

Carey cita de Goethe como expressão das idéas que elle adopta o trecho seguinte: — Quanto mais imperfecto é um ser, tanto mais se semelham entre si as partes que o constituem, e mais essas partes se semelham ao todo. Quanto mais perfeito é, tanto mais dissimilhanes são as partes componentes. No primeiro caso, estas partes são mais ou menos uma reprodução do conjuncto; no segundo são totalmente differentes. Quanto mais as partes se semelham, menos subordinação reciproca existe entre ellas, a subordinação das partes indica um alto grau d'organisação.

Estas palavras de Goethe, diz Carey, são tão verdadeiras applicadas ás sociedades, como aos vegetaes e aos animaes. A differença é a condição essencial para a associação. O agricultor não tem necessidade de fazer trocas com outro agricultor, mas sim com o carpinteiro, o ferreiro, o moleiro, etc. A vida é uma troca de relações, e onde não ha differença d'objectos não pode haver trocas. Para fazer nascer a electricidade são necessarios dois corpos diversos; para o trigo se transformar nos seus elementos é necessario pol-o em contacto com outros. No mundo social como no mundo physico, o poder d'associação está na razão directa da individualisação. Quanto mais rapido é o consummo dos alimentos materiaes ou intellectuaes, mais consideravel será o calor que d'elles deve resultar, e mais rapido tambem o augmento do poder para substituir a quantidade consummida. Para que o consummo siga de perto a produc-

ção é necessario que haja associação, e esta não póde existir sem a diversidade nos modos d'occupação.

Esta verdade manifestar-se-ha evidente a todos aquelles que notarem com que promptidão se espalham as idéas nos paizes em que a agricultura, a industria e o commercio estão combinadas, comparativamente com o que acontece nos paizes puramente agricolas: — a Irlanda, a India, a Jamaica, a Turquia, o Brazil, Portugal ¹.

Estas idéas repetem-se em todo o livro por diversas fórmãs; são, para assim dizer, a idéa eixo da obra de Carey. É necessario combinar as industrias — eis o brado constante do grande ingenho e da vasta erudição do economista americano. A nação que for só agricola será miseravel; Portugal vem sempre citado como exemplo ².

Serão verdadeiros estes principios de Spencer e de Carey? Uma nação só agricola será uma nação, por sua natureza, pouco progressiva, miseravel?

A inducção leva a esta conclusão; mas se podemos verificar o resultado d'essa inducção, não nos contentemos só com ella, verifiquemos.

Infelizmente a verificação vai demonstrar-nos que é verdade o que diz Carey, e que Portugal ou ha de desenvolver as manufacturas ou ha de ser pobre, material e intellectualmente; produzindo-se necessariamente a emigração pela pobreza, e produzindo-se quando a população é ainda diminuta em proporção á d'outras nações da Europa.

¹ Carey, obr. cit., tom. 1.º, pag. 52 a 62.

² Carey, obr. cit., tom. 1.º, pag. 91.

Sendo a subsistencia uma necessidade anterior ás de commodidade e luxo, a industria agricola deve necessariamente preceder as manufacturas. E' o excedente das subsistencias que constitue a subsistencia da cidade, a qual não pôde povoar-se senão á proporção que augmenta esse excedente ¹. Por seu turno a cidade reage sobre o campo, dando valor de troca a um certo numero de materias que até alli o não tinham, ou tinham pouco. Assim por exemplo, em quanto se não fabricarem moveis, a madeira das mattas tem menos valor do que depois de se fabricarem; em quanto se não fabricarem couros, tem menos valor as pelles dos animaes, etc. Vê-se pois que as manufacturas são precisas para se desinvolver a agricultura, para que ella tenha capitaes com que se amplie e aperfeiçoe. Á excepção d' alguns casos anormaes, o desinvolvimento agricola d'um paiz está na razão directa do desinvolvimento das manufacturas nesse paiz ². O leitor pôde convencer-se

¹ Adam Smith, liv. 3.^o cap. 1.^o, pag. 131.

² Em toda a parte, escreve Legoit a pag. 92 da obra intitulada — *Du Progrès des Agglomerations Urbaines* — ha entre estes dois ramos da riqueza publica, a agricultura e as manufacturas, relações tão intimas, ou antes, uma solidariedade tão completa, que a prosperidade d'um determina necessariamente a do outro. A experiencia ensina-nos com effeito que os paizes mais manufactureiros são ao mesmo tempo os mais agricolas — Inglaterra, Belgica, Suissa, Saxe, Allemanha rhenana.

Leonce de Lavergne no *Ensaio sobre a Economia Rural da Inglaterra*, cap. 11, affirma que a causa immediata e mais effectiva, entre as que auxiliaram o adiantamento da agricultura britannica, foi o simultaneo desinvolvimento da mais poderosa industria e do commercio mais rico do

facilmente da reacção util das cidades sobre os campos por um facto a todos visível — os productos dos campos que estão perto das cidades vendem-se muito mais caros do que os que estão longe; á proporção que vai augmentando a distancia entre os campos e os centros industriaes, nessa mesma proporção vai diminuindo o valor do producto agricola, até que chega um ponto em que, sendo esse valor igual ao preço do transporte do producto até á cidade, não se transporta, não se vende, porque, dispendendo o productor, para transportar, uma somma igual á do preço que lhe dariam pelo producto, a recompensa do seu trabalho seria zero.

Se suppozermos a distancia augmentando ainda, para que houvesse a venda, e portanto o transporte, seria necessario que houvesse para o productor uma perda positiva, que o trabalho o empobrecesse. Nota Adam Smith, e todos nós sabemos que fructos que dariam bom rendimento perto d'essas cidades, se deitam aos porcos a uma certa distancia d'ellas. Tudo o que aproximar o producto agricola do producto industrial dará valor ao producto agricola e tornará mais barato o producto industrial. É este o effeito das estradas, dos caminhos de ferro, dos canaes; mas é claro que nada aproxima tanto os productos agricolas dos industriaes,

mundo. Nota o mesmo escriptor que a região fabril por excellencia é a região onde as rendas, os lucros e os salarios ruraes sobem mais alto; concluindo que por toda a parte o preço da renda e do salario agricola serve de seguro indício do desenvolvimento industrial. Os factos evidenciam pois a relação intima, que se descobre pela analyse dos elementos da produção, entre a agricultura e as manufacturas; uma nação não pôde pois aperfeiçoar a sua agricultura sendo só agricola.

como estarem combinadas numa mesma nação a agricultura e as manufacturas. A circulação dos productos é para a sociedade o mesmo que a circulação do sangue é para o homem; ora a circulação faz-se pelo commercio, que pôde ser interior ou exterior; qual d'estes é o mais productivo?

Responda-nos Adam Smith — O capital que se emprega em comprar num lugar do mesmo paiz, para revender noutra o producto da industria d'esse paiz, substitue em geral, a cada operação que elle faz, dois capitães distinctos, que tinham sido ambos empregados, ou na agricultura ou nas manufacturas, e colloca-os assim em estado de continuarem a funcionar. Quando esse capital leva um certo valor de mercadorias para fóra da residencia do mercador, traz-lhe ordinariamente em troca um valor, pelo menos egual noutras mercadorias. Quando ellas são umas e outras o producto da industria nacional, elle substitue então necessariamente, em cada uma d'essas operações dois capitães distinctos empregados ambos em activar o trabalho productivo, e assim os colloca em estado de continuar o mesmo serviço. O capital que envia a Londres obras fabris escossezas e leva para Edimburgo trigo inglez e manufacturas inglezas substitue necessariamente, em cada uma d'essas operações, dois capitães pertencentes a vassallos da Gran-Bretanha, e que foram ambos empregados na sua agricultura ou nas suas manufacturas.

O capital que é empregado em comprar mercadorias estrangeiras para o consummo interior, quando a compra se faz com o producto da industria nacional, substitue tambem, por cada operação d'este genero, dois capitães distinctos, mas dos quaes sómente um é destinado a sustentar a industria nacional. O capital que en-

via a Portugal mercadorias inglezas e que traz para Inglaterra mercadorias portuguezas, não substitue, em cada uma das operações que faz, senão um capital inglez; o outro é um capital portuguez. Assim, ainda quando as trocas do commercio estrangeiro de consummo fossem tão promptas como as do commercio interior, mesmo nesse caso, o capital empregado naquella não daria metade de animação á industria ou ao trabalho productivo do paiz ¹.

São estas mesmas idéas que Carey exprimiu muito bem fazendo distincção entre trafico e commercio, e estabelecendo como lei que o commercio, as trocas, estão na razão directa do seu augmento de poder sobre o instrumento conhecido pelo nome de trafico. ²; quer dizer — a regularidade, rapidez e numero das trocas dos objectos é tanto maior quanto mais se póde dispensar o transporte. Ora é claro que o desenvolvimento do commercio interior, o do poder do commercio sobre o trafico, é impossivel sem a diversificação das industrias num mesmo paiz.

Segue-se de tudo isto que um paiz que não tiver manufacturas ha de ser pobre, que o movimento social ha de ser pequeno. Haverá falta de vida; as faculdades dos individuos d'esse paiz estarão entorpecidas; os corpos e as intelligencias terão o socego da hybernação, a calma do mar morto; e esta pobreza ha de produzir a emigração.

Mas não são simplesmente estas as consequencias;

¹ Adam Smith, liv. 3.^o cap. 5.^o, pag. 121 e 122. Vej. tb., pag. 186 do tom. 2.^o

² Carey, obr. cit., tom. 1.^o, pag. 238 e seg.

ha mais.—Um paiz que não tem manufacturas é um paiz que não tem autonomia real, e que deixará de a ter mesmo apparente, se o interesse ou as condições de equilibrio das outras nações não exigirem a sua independencia politica. Uma nação em que as industrias se não combinam é uma parte d'uma organização e não uma organização. E se se prova que uma nação só agricola não póde sustentar no estrangeiro uma guerra longa e dispendiosa ¹; a mesma razão, a falta de capitais, lhe ha de tornar impossivel uma guerra, ainda interior. E uma nação que não póde sustentar uma guerra dispendiosa, e todas o são hoje, terá em si a razão da sua independencia?

Mas ha mais. Nessa nação só agricola as differenças de preço entre o producto bruto e o producto manufacturado hão de ser grandes. Nem póde deixar de ser. Ahi o producto agricola paga ao producto manufacturado — 1.º o preço das materias primas — 2.º o preço do do transporte d'ellas para a nação que as manufacturou, se não são indigenas d'essa nação — 3.º o preço da manufacturação — 4.º o preço do transporte do producto já manufacturado — 5.º a commissão ao commerciante. Num estado de combinação d'industrias os dois preços de transporte ou quasi se eliminam ou diminuem, a commissão ao commerciante egualmente.

Esta grande differença de preços, tem, entre outros, os effeitos seguintes: Se se lançarem contribuições directas, que vão recahir sobre a agricultura, cujo producto tem pouco valor de troca, a agricultura, não podendo sustental-as, definhará. Se se lançarem contribuições in-

¹ Adam Smith, obr. cit., tom. 2.º, pag. 198 e 199.

directas, produzir-se-hão os effeitos funestos que os economistas notam nestes impostos; a consequencia será impossibilidade d'obras publicas importantes ou dividas publicas enormes.

Concluimos que numa nação só agricola, pela falta de productos diversos e equivalentes, haverá poucas trocas; pelas poucas trocas pouca produção, mesmo de productos agricolas; pouca independencia politica tanto interna como externa; pouco movimento intellectual; poucas obras publicas; muita pobreza e grande emigração.

Mas não está ainda completa a analyse; dissemos, e resta demonstrar que esta emigração se dará quando a população fôr ainda deminuta comparado o territorio d'esse paiz com o territorio e população das nações manufactoras.

O estado sedentario agricola tem sido sempre um estado de divisão do territorio d'um paiz em propriedades singulares e exclusivas; neste estado, quando a agricultura não estiver combinada com as outras industrias, a população constará: 1.º dos proprietarios e suas familias — 2.º dos individuos e suas familias que durante todo o anno se podem empregar na agricultura; — 3.º dos individuos e suas familias que se entregarem ás pequenas manufacturas, que ainda nesse estado só agricola são indispensaveis e existem sempre num paiz.

Ora os proprietarios, e suas familias, serão mais ou menos, conforme o systema de divisão da propriedade; os trabalhadores agricolas mais ou menos, conforme a qualidade e o systema da cultura. Mesmo a propriedade ha de dividir-se mais ou menos conforme a

natureza da cultura. É claro que a criação de gados e o cultivo de cereaes occupam muito menos individuos e produzem a tendencia para muito menos divisão da propriedade do que a vinha e a horticulura. Num estado agricola pois o paiz ha de ser saturado de população mais cedo ou mais tarde, conforme as leis da successão da propriedade e a natureza da cultura.

Mas supponhamos que esse paiz só agricola tem, como deve ter, um excedente para exportar, por exemplo: lã, pelles, farrapos, cortiça, mineraes no estado natural, etc. Supponhamos que de toda a lã produzida a decima parte se manufactura no paiz, e que se empregam em a manufacturar 1.000 homens; que das pelles se manufactura tambem no paiz a decima parte, e se empregam 1.000 pessoas; dos farrapos igualmente se reduz a papel no paiz a decima parte, e se empregam outras 1.000 pessoas; dos mineraes no estado natural egualmente se depura a decima parte, e se empregam 1.000 pessoas; é claro que o paiz neste estado sustentará mais 5.000 pessoas ou mais 5.000 familias, se o salario de cada pessoa chegar para uma familia, do que se exportasse toda a sua lã, todas as pelles, todos os farrapos, toda a cortiça, todo o minerio.

Se em vez d'exportar as nove partes de cada um dos productos que mencionámos, as manufacturar todas, é claro que dará trabalho a mais 45.000 pessoas; e portanto que o territorio só estará saturado de população com a população primitiva da agricultura, mais a população exigida e sustentada pela decima parte do producto manufacturado, mais a população exigida e sustentada pelas outras nove partes do mesmo producto. A emigração dar-se-ha pois sómente, quando a po-

pulação fôr muito mais depressa, o movimento social muito mais rapido, a nação muito mais rica e mais forte do que quando se entregava sómente á agricultura.

E são visiveis as vantagens d'esta densidade de população, d'esta rapidez de movimento, d'esta riqueza e força da nação. Do mesmo modo que não é indifferente a um homem extrair-se-lhe sangue quando está chlorotico ou quando está plethorico; assim não é indifferente a uma nação emigrar-lhe a população quando tem pouca ou quando tem muita.

Além d'isto, quando a nação não tem diversidade d'industrias, as aptidões diversas dos individuos d'esse paiz não encontram trabalho harmonico com ellas; e, ou não se desenvolvem e se vão entregar a trabalhos em que são maus ou mediocres, ou, para obdecerem á sua vocação, emigram.

O paiz que não tiver manufacturas, ha de, como Portugal, ter d'um lado uma população agricola pobre e ignorante, e do outro uma população de funcionarios tambem pobres, e, por isso mesmo, tambem ignorantes. Como terá artistas esse paiz? Quem lhes dará pelos prodigios da arte o necessario para os desenvolver? Como terá sabios? Quem lhes dará pela sciencia o necessario para a adquirir e manifestar? Em que movimento social irão uns e outros buscar os factos que lhes dêem sentimentos e idéas?

Mas a analyse não está ainda completa. No estado só agricola, estado inferior d'organisação, as diversas partes do paiz são pouco dependentes umas das outras; ha entre os interesses e entre os individuos pouca solidariiedade.

E isto é harmonico com os principios que vimos ácerca da relação em que a solidariedade das partes está com a perfeição do organismo; a pouca perfeição d'este corresponde pouca solidariedade d'aquellas. Os vermes, animaes da escala inferior, têm pouca solidariedade nas partes; os anneis d'uma tenia separam-se e de cada annel se gera outra tenia; separai os membros d'um homem e vede se vos ficam homens.

Na nação só agricola, a perda que houver numa parte não se irá repercutir em todas, portanto não haverá grandes crises, e por este lado a emigração será menor do que a d'outras nações. Mas esta vantagem é passageira; e por não ser visivel a ligação dos interesses será tambem difficil a educação social da nação.

E se as nações que têm industria têm crises; e se essas crises produzem a emigração; essas nações podem dirigir os emigrados para as suas colonias e diminuir-lhes ahí as dores da emigração, tendo feito pelos seus capitães os trabalhos preparatorios da colonisação — estradas, canaes, medição de terrenos, etc.; ao passo que a nação só agricola, pobre de capitães, difficilmente poderá desviar-os para as colonias para se entregar ahí a trabalhos que faltam na metropole.

Estas idéas que temos apresentado são confirmadas pela experiencia. No nosso paiz, por exemplo, nação agricola, o movimento social é pequeno comparativamente ao d'outros estados menores. A nossa autonomia é pouco segura, a maioria das nações considera-nos como uma dependencia da Inglaterra. A differença entre o preço dos productos agricolas e dos productos manufacturados é grande; é sabido que, na França, a mobilia, o vestuario, apesar dos salarios mais elevados dos

operarios, custam menos do que entre nós. A impossibilidade d'obras publicas importantes é evidente; para se construirem os nossos caminhos de ferro, foram necessarias companhias estrangeiras; não ha canaes importantes; ao passo que a Hollanda encontra capitaes para dissecar o lago Harlem, e espera incontral-os para dissecar o Zuider-zeu.

Com relação a população, a Belgica, num território de 29.500 kilometros quadrados tem 5.000.000 de habitantes; e Portugal com 93.000 kilometros quadrados tem só 4.500.000. A agricultura não combinada com as manufacturas, fez com que cada kilometro quadrado se saturasse com 48 habitantes; a combinação das industrias fez com que essa saturação só se produzisse com 173 habitantes ¹.

Temos percorrido os efeitos economicos do estado agricola exclusivo ou quasi exclusivo, incontramos unicamente esta vantagem — a menor intensidade das crises; mas dissemos tambem que esta vantagem relativa é passageira; e é isto que resta demonstrar.

A industria actualmente é industria de produção capitalista, e tem como instrumentos a divisão do trabalho e as machinas. O primeiro effeito da divisão do trabalho e principalmente das machinas, quando se introduzem de novo, é lançar fóra do trabalho uma parte dos trabalhadores e depreciar o trabalho dos outros. Mas o preço do producto diminue e o consummo augmenta, augmenta por isso a produção, tomam-se por isso mais

¹ *Tableau Statistique des États Européens, Géographie* par E. Cortambert, edit. 1876, pag. 784.

trabalhadores ; mas a machina aperfeiçoa-se de novo, de novo são despedidos.

Mas pela ligação das industrias umas com as outras, em todas as industrias se vão introduzindo machinas, e se vai dando este preamar e baixamar de trabalhadores. E como no estado de centralisação da industria, o mercado é o mundo, e a força do consummo não se póde calcular, as machinas produzem muitas vezes de mais, muitos productos não se vendem, as fabricas cahem, os operarios ficam sem trabalho.

Como tambem as materias primas vêm em geral de pontos muito distantes, todas as commoções que se derem nesses pontos hão de se repercutir fortemente nos centros industriaes, produzindo crises que deixarão sem trabalho milhares e milhares d'operarios. Neste estado a emigração apresentará uma intensidade enorme, quasi que a intensidade da emigração do estado nomada ¹.

E é com effeito o que tem acontecido na Inglaterra.—O segundo impulso para a emigração, escreve Julio Duval, ² nota-se de 1823 a 1833; corresponde á crise provocada pela introduccção das machinas de fiar movidas pelo vapor. Em 1825 e 1826, milhares d'operarios sem emprego soffriam fome e cahiam na miseria. Desde 1827 o parlamento e a nação inteira se combinaram em favorecer a emigração, para as colonias, de 95:000 individuos que se julgavam substituidos com vantagem pelos engenhos mechanicos. Constituiu-se uma commissão e uma direcção, e a pressão exercida sobre

¹ Sobre machinas e seus effeitos pódem ver-se os capit. 14 e 15 da obra de Carl Marx, *O Capital*. Póde ver-se tambem o *Instituto* n.º 8 do vol. 20, seg. serie.

² *Histoire de L'Émigration*, édit. de 1862, pag. 12.

as classes operarias pela penuria e pelos conselhos ou pelos soccorros publicos traduziu-se por uma alta muito sensivel do movimento d'expatriação, que chegou ao seu maximo em 1832 (103:140). Mas as oscillações da industria e os progressos da mechanica devidos ao desenvolvimento da produção, effeito d'um consummo sobreexcitado pelo bom mercado, reclamaram no fim d'alguns annos um numero tão grande de braços como no tempo da pequena industria. Contida durante algum tempo, a emigração continuou desde 1838 a 1842 por um terceiro impulso que a elevou mais do que o precedente.

Aqui temos o fluxo e refluxo de que fallámos.

Mas no estado de centralisação das industrias, ha ainda outra causa para se produzir a emigração d'um modo intenso. — Circumstancias particulares, escreve Adam Smith, ¹ têm algumas vezes tornado certos paizes tão povoados, que todo o territorio, semelhante ao da visinhança d'uma grande cidade, não póde produzir ao mesmo tempo as forragens e o trigo que o consummo exige. Por preferencia pois empregaram-se as terras na produção das forragens, como mais volumosas e mais difficeis de transportar ao longe; e o alimento da massa do povo, o trigo, importa-se principalmente dos paizes estrangeiros. Tal é actualmente a situação da Hollanda, e tal parece ter sido a d'uma parte consideravel da antiga Italia, durante a prosperidade dos romanos. — Este facto que Adam Smith nota na Hollanda e na antiga Italia, velo-hia o grande pensador, se vivesse agora, reproduzir-se na Gran-Bretanha, despovoando a sua Escossia. — Um homem — prégava na Escossia novo

¹ Obr. cit. liv. 1, cap. 11, pag. 267.

Pedro eremita da cruzada — emigração —, basta para guardar 500 carneiros. ¹ Fique pois um homem por cada cada 500 carneiros que a terra póde sustentar, o resto emigre.

Mas estas crises horribéis que num momento deixam sem pão 25:000 famílias; que trocam uma povoação d'homens por uma povoação de carneiros, serão resultado necessario da combinação das industrias?

Não são — respondemos affoitamente. Estes effeitos produzem-se exactamente por não estarem combinadas as industrias em todas as nações; por ser a Inglaterra a fabrica universal. A proporção que as nações forem progredindo em riqueza e em luzes, ir-se-hão levantando em todas ellas as industrias que lhes forem naturaes, e nessa mesma proporção irão decahindo as industrias da Inglaterra, e irão diminuindo as crises. Sendo mais restricto o mercado das manufacturas de cada nação, é mais possivel calcular a força do consummo, e por isso da producção, e retirar assim uma causa de perturbações.

Mas, ainda que permanecessem as mesmas, reparando-se pelo mundo os abalos que actualmente se condensam num pequeno espaço, tornar-se-hão insensíveis ou menores; e serão mais os meios de os remediar. A evolução industrial tende fatalmente a supprimir o capitalista, e formar entre os operarios sociedades cooperativas de producção; e dada esta suppressão, os operarios teriam meios de remediar as perturbações e d'aguardar, sem emigrarem, a volta do estado normal.

Não venha o sorriso ou a ira dos interesses taxar-

¹ V. Julio Duval, obr. cit. pag. 26.

nos d'utopista e de revolucionario, por affirmarmos que a industria tende e ha de libertar-se do capitalista; dizemol-o com Stuart Mill, ¹ e dil-o-ha todo o que estudar a direcção da evolução industrial, direcção que os seculos têm vindo accentuando sempre no mesmo sentido. A leitura d'algumas obras d'um escriptor insuspeito, o Conde de Paris, poderá manifestar as mudanças que já se vão operando na organização do trabalho, e como começa a realizar-se o que aos olhos da *escola economica* era um impossivel ².

Concluimos: — Quer-se evitar a emigração, quando a população é relativamente pequena? Combinem-se as industrias, alliem-se a agricultura, as manufacturas e o commercio. Se a falta de combinação das industrias é a maior causa d'emigração, a combinação d'ellas é o maior remedio. E não se julgue que vimos aqui dar uma novidade excentrica. Não é talvez ordinaria a insistencia pertinaz d'esta idéa em todos os economistas,

¹ No tom. 2.º, liv. 4.º, cap. 7.º, § 4 pag. 318 dos *Principios d'Economia Politica*, de Stuart-Mill, edicç. que já citámos, lê-se o seguinte: — Se o progresso continua o seu caminho, é muito provavel que o estado de salariado não será dentro em pouco senão o dos operarios que, pelo seu abaixamento moral, se tornarem indignos da independencia, e que as relações de patrão para operario serão substituidas pela associação, sob uma ou duas fórmás: associação temporaria, em certos casos, dos operarios com o empregario; noutros casos, e por fim em todos, associação dos trabalhadores entre si.

² Leiam-se as obras do Conde de Paris — *Les Associations ouvrières en Angleterre* — *De la Situation des ouvriers en Angleterre*.

mas é ordinario reconhecer, independentemente de todo e qualquer systema preadmittido, que a introdução das manufacturas é um remedio para a emigração.

Um rei da Inglaterra, Guilherme 3.^o, respondeu á uma ignobil representação do Parlamento contra as manufacturas florescentes da Irlanda com o programma ainda mais ignobil — *I wil do all that in me is, to discourage the wollen manufactures in Ireland* — *Eu heide fazer tudo o que em mim estiver para desanimar toda e qualquer manufactura na Irlanda.* — Á America prohibiu-se-lhe construir forjas e fornos para fabricar aço; prohibiu-se-lhe fazer um prego, uma argola, uma ferradura ¹. Foi esta prohibição da industria, e não uma questão d'impostos, pensa Leroy-Beaulieu, que fez revoltar os Estados Unidos.

Com relação á Irlanda, o ignobil plano de Guilherme III, seguido com a tenacidade e com o egoismo de tigre da Inglaterra, tornou aquella desgraçada ilha exclusivamente agricola, horrorosamente miseravel. Por fim julgou-se que a emigração era o unico remedio, e dos pulpitos começou-se a prégar:— Emigrai. E em cinco annos emigrou com effeito a oitava parte da população total ².

Depois de produzir a miséria, a Inglaterra aconselhava aos miseraveis que se retirassem para que não a perturbassem com os uivos da fome. Apresentando este tristissimo quadro, Julio Duval escreve — A emigração da Irlanda é a consequencia d'uma necessidade bem comprehendida, e que não poderia ser um pouco atte-

¹ Leroy-Beaulieu — *De la Colonisation chez les Peuples Modernes*, chap. 4.^o, pag. 131 et 132.

² Julio Duval, obr. cit., pag. 19.

nuada, mas de nenhum modo supprimida, senão por um vasto desenvolvimento de trabalhos industriaes ¹.

É necessario combinar as industrias. Entre a Inglaterra e as outras nações ha o seguinte dilemma — Ou as outras nações hão de combinar as industrias, ou a Inglaterra as ha de reduzir a Irlandas.

Mas não basta dizer: — É necessario combinar as industrias; é necessario saber se é possivel dar origem a esta combinação, e quaes os meios proprios para a desenvolver.

Entre os defeitos que nota no systema protector, um que a *escola economica* nunca ommitte é que desvia o paiz em que se estabelece das industrias que lhe são naturaes para outras que o não são. Esta observação suppõe pois que ha trabalhos naturaes a um paiz e trabalhos naturaes a outros; e esta proposição é irrecusavel.

Pelo que respeita á agricultura, é pouco difficil de ver que ha ramos d'esta industria que são proprios d'uma região, ramos proprios d'outras. Cada vegetal e cada animal tem uma certa zona, fóra da qual não subsiste, ou pelo menos não subsiste sem que o custo de producção exceda o que póde render; e na mesma latitude, a diversa composição dos terrenos e muitas outras circumstancias tornam-os mais proprios para umas do que para outras producções. Um paiz empo-braceria, querendo, para ter tudo de casa, obrigar os seus terrenos a produzirem todas as especies de cereaes e de fructos.

¹ Ibid., pag. 22.

Mas, se é facil determinar o que é natural na agricultura, surgem difficuldades immensas na determinação do que é natural nas manufacturas; não pôde porém deixar de se admittir, mesmo pela relação estreita entre a agricultura e as manufacturas, entre umas e outras e o consummo, que ha leis naturaes na determinação da séde das diversas industrias, e que um paiz empobreceria tambem se se quizesse entregar a manufacturas para que não tem elementos.

Mas como determinar quaes as industrias naturaes e quaes não? Serão naturaes a um paiz todas as industrias que nelle prosperam e não naturaes todas as que não prosperam? Neste caso a realidade seria o criterio da possibilidade e da conveniencia; e desconhecer-se-hia que o homem pôde modificar até um certo ponto os phenomenos sociaes, e que manufacturas que não seriam naturaes a um paiz numa época o podem ser noutra. Com relação á modificação dos phenomenos sociaes pelo homem, Augusto Comte estabeleceu como lei que — á proporção que se iam complicando os phenomenos das sciencias, maior era o grau possivel d'intervenção e modificação da parte do homem ¹.

O homem, que não modifica os phenomenos astronomicos, já modifica os da physica, mais os da chimica, mais os da vida, e, seguindo a mesma lei, mais deve modificar os da sociedade. A medicina e a sociologia fundam-se mesmo na possibilidade de modificar; sem ella uma e a outra seriam irrisorias; e a historia economica demonstra a possibilidade e a realidade de

¹ *Cours de Philosophie Positive*, trois. edit., tom. 2.^e, leçon 28, pag. 292 et suiv., tom 3.^e, pag. 46 et suiv.

taes modificações. Não se póde pois sempre esperar que as industrias se desenvolvam por si; nem são unicamente naturaes a um paiz as industrias que ahi existem; nem parece que se possa sempre dizer que uma industria seja natural a um paiz pelo facto d'ahi existir, ainda que a existencia seja sempre um forte argumento a favor da sua razão de ser.

Numa industria manufactora ha os seguintes elementos — a materia que se transforma, — os individuos que a transformam, — os meios de que se servem para a transformar, — o consummo do producto; — paralelo e equivalente a todos estes elementos ha o capital necessario para comprar a materia prima, para a transformar e para a transportar antes e depois de manufacturada.

Concebe-se facilmente que d'estes elementos — materia prima, — transformação, — meios de transformação, — consummo, — um tenha mais importancia do que os outros, variando até esta importancia com as especies das industrias; e é visivel que a industria deve seguir a séde do elemento mais importante. Industrias ha em que o valor da materia prima do producto comparado com o do trabalho condensado no mesmo producto é insignificante; neste caso a consideração do logar em que se produz a materia prima é insignificante tambem; a industria buscará para séde o logar em que ha os individuos aptos para a transformação, ou o logar do consummo.

Supponhamos que procurou o logar do consummo; se o consummo, em virtude do desenvolvimento da riqueza, se desenvolver em muitos pontos, nesses pontos,

se poderá desenvolver e se tornará natural essa industria, que até ahí o não era.

Mas sendo uma industria nova mais fraca que uma industria já ha muito existente, esta industria nova, natural e conveniente, perecerá se a não protegerem.

Se o elemento mais importante fôr o dos individuos aptos para a transformação, a industria irá com elles para onde elles forem. Se o elemento mais importante fôr a materia prima, a séde natural da industria será a da producção da materia prima sobre que ella se exerce; mas, se forem muitos os paizes em que a materia prima se produz, serão muitos os paizes em que essa industria é natural; e se num d'elles ella tiver começado primeiro, a força adquirida d'essa industria nesse paiz não deixará desenvolver a dos outros, se não a protegerem.

A conclusão d'estas idéas é que não se podem num paiz desenvolver quaesquer industrias; mas que ha muitas vezes numa localidade industrias latentes, que é necessario chamar á vida e proteger durante um tempo mais ou menos longo, conforme as circumstancias de concorrência da industria nacional com as estrangeiras.

A determinação da séde natural das industrias e dos meios proprios para fazer com que ellas se desenvolvam na sua séde natural é um estudo pouco adiantado na economia politica. Incontram-se em Roscher algumas idéas sobre este assumpto; e dos phenomenos geographicos das diversas industrias deduz elle diversas leis, as mais geraes das quaes são — que num estado de pequena divisão de trabalho no seio d'uma industria é a proximidade do consummo que a deve guiar principalmente na escolha da sua séde; — e que — á pro-

porção que a divisão do trabalho faz progressos, a industria procura de preferencia a proximidade das vantagens de produção. — Para se determinarem as vantagens da produção é necessario classificar as industrias conforme o preço dos seus productos depende principalmente da materia prima, do capital, ou do trabalho que nelles se empregaram; porque é o predominio d'um ou d'outro d'estes factores da produção que deve decidir da escolha da localidade, a não se dar o caso de se combinarem todos tres ¹. Estabelece tambem Roscher que industrias não naturaes a um paiz num tempo podem tornar-se naturaes noutro, e vice-versa ². Estabelece que, ao contrario do que parece natural, as manufacturas que provêm do commercio estrangeiro se desenvolvem primeiro do que as provenientes das materias primas que ha no paiz; ³ e que as industrias de luxo se desenvolvem primeiro do que as industrias comuns ⁴. Aconselha aos paizes de cereaes que dirijam o mais cedo possivel a sua industria, nos cereaes que se destinam á exportação, para a moagem, e para a moagem fina; porque assim diminuem o transporte e prejudicam menos a agricultura ⁵. Reconhece a boa influencia da intervenção de Colbert na industria franceza e a d'outros na industria dos seus paizes, ⁶ e em

¹ *V. Recherches sur divers sujets d'Économie Politique*, par W. Roscher trad. de L'Allemand, Paris, Guillaumin, 1872, pag. 134, 154, 155.

² Roscher *Ibid.* pag. 190.

³ *Ibid.*, pag. 206 e 202.

⁴ *Ibid.*, pag. 206 e seg.

⁵ *Ibid.*, pag. 200 a 204.

⁶ *Ibid.*, pag. 207 e 203.

geral que os governos podem ajudar o desenvolvimento das indústrias, e o deverão e quererão fazer sempre que sejam superiores á massa do povo que dirigem ¹.

Estas inducções dos phenomenos geographicos são concordes com as idéas de que as precedemos. A influencia reflectida do homem no desenvolvimento das indústrias é uma realidade incontestavel, e a vantagem de tal influencia, para tal desenvolvimento, incontestavel tambem. O conselho de Roscher aos paizes de cereaes suppõe o principio em que temos insistido — que, para beneficio da agricultura, augmento da população e prosperidade d'um paiz, é necessario diminuir, o maximo possivel, o custo do transporte nas materias que se exportam; — portanto a vantagem d'exportar materias manufacturadas, em vez de materias brutas. Todo o paiz que exporta materias primas e as importa manufacturadas está no caso da Inglaterra, quando era simplesmente agricola, da qual se dizia que — Os estrangeiros lhe compravam uma pelle de raposa por um farthing e lhe vendiam a cauda por um schelling ².

É necessario combinar as indústrias, e é possivel influir nessa combinação. O que resta agora é determinar os modos d'esta influencia.

A historia economica das nações, cujas indústrias são e têm sido as mais adiantadas; mesmo a das nações que seguem estas primeiras com passos mais lentos, demonstra que as mais das vezes as indústrias não

¹ Ibid., pag. 129 a 138.

² V. Carey. obr. cit., tom. 1.º pag. 462.

se foram estabelecer espontaneamente nas localidades a que eram naturaes; mas que foram esforços reflectidos que determinaram o seu estabelecimento. A França e a Inglaterra são uma prova exuberante d'isto, e os meios que a historia d'estas duas nações revela mais efficazes para fazer desenvolver as industrias onde ellas são possiveis podem reduzir-se a duas classes: — 1.^a Meios instructivos. — 2.^a Meios legislativos. Compreendo na primeira tudo o que tende a dar a uma nação os conhecimentos necessarios para se entregar ás manufacturas, comô por exemplo — a introdução no paiz d'industriaes d'uma nação mais adiantada; — a instrucção dos nacionaes nos processos da industria mandada adquirir nos paizes estrangeiros; — as escholas profissionais; — as conferencias, as instrucções escriptas — e as exposições. A segunda classe comprehende os meios de protecção ás industrias que não poderiam lutar com as estrangeiras; meios que têm sido variados, mas os mais importantes e os mais efficazes dos quaes são — imposição de direitos á entrada das manufacturas estrangeiras, direitos taes que estas não se possam vender por um preço mais baixo, e ás vezes só por preço mais elevado, do que os productos das manufacturas nacionaes; premios honorificos, e a principio mesmo d'outra ordem, aos que introduzirem alguma industria, ou a levarem a um certo grau de desenvolvimento.

Além d'estes meios ha um outro que não se póde talvez subsumir a nenhuma d'estas classes, mas que tem uma influencia poderosa, se não para crear, pelo menos para animar e augmentar — é a moda. Tornar moda os productos da industria nacional é um dos melhores e dos mais innocentes meios de a proteger.

Foi na Italia que começou a civilização litteraria e industrial dos povos modernos. Quando o rei da França, Carlos viii, passou os Alpes, a florescencia da industria e das artes na Italia maravilhou-o; e, retirando-se, trouxe para França artefactos e artistas, ficando ahi alguns d'estes e deixando-lhe todos o exemplo do seu gosto e o modelo das suas obras ¹.

Os reis que se seguiram a Carlos viii seguiram-lhe as pisadas, distinguindo-se entre elles Francisco i, o amigo de Leonardo de Vinci, d'Andrè del Sarto e de Benevenuto Cellini, que estiveram em França ². Bernardo Palissy vendo uma taça de faiança, sem duvida, diz Levasseur, vinda da Italia, onde se guardava havia seculos o segredo da fabricação, ³ eleva-se ás alturas d'um homem de genio na arte e na sciencia. Catherina de Medicis manda vir operarios de diversas industrias e protege-os ⁴. Os judeus expulsos da Hespanha ensinam a França a commerciar com o Levante; ⁵ mas as luctas religiosas fazem emigrar um grande numero de manufactureiros, e a industria decahe ⁶.

No termo d'estas luctas, o rei que mereceu a Voltaire um poema pretendeu reanimar e desenvolver mais a industria franceza; a seu pedido Olivier de Serres publica — o *Tratado da colheita da seda pela criação dos*

¹ Vid. *Histoire des Classes ouvrières en France*, par M. E. Levasseur, edit. Guillaumin, 1859, tom. second, liv. 5.^e, chap. 1, pag. 5 et 6.

² Ibid., pag. 10 e seg.

³ Ibid., pag. 21.

⁴ Ibid., pag. 30.

⁵ Ibid., pag. 38.

⁶ Ibid., pag. 49.

vermes que a fabricam —; fazem-se grandes plantações de amoreiras, e os proprios curas são encarregados de as distribuir pelos campos. Sully não approva estes planos do monarcha, e sustenta que cada clima tinha produções particulares, e que era loucura querer inverter a ordem da natureza ¹.

Da Italia vieram artistas para ensinar a tecer a seda; ² e a França adquiriu assim uma industria brilhante. Sob os auspicios do mesmo rei, elevam-se manufacturas de pannos, de vidros, de couros dourados, d'esguiões, de rendas. Os manufactureiros são animados, uns com dinheiros, outros com privilegios, outros com titulos de nobreza, e estabelecendo mesmo muitos na galeria do Louvre ³.

O genio industrial de Henrique iv encontrou um successor em Colbert. Querendo proteger e desenvolver a industria estuda as condições do paiz e o estado do commercio em geral; depois publica para as diversas profissões regulamentos, que ás vezes eram manuaes technicos ⁴. No palacio dos Gobelinos estabelece manufacturas, para cujas obras o pintor Lebrun fornecia modelos ⁵. Attrahe de Veneza vidraceiros, mineiros da Suecia, latoeiros da Bohemia, tecelões de pannos finos da Hollanda ⁶. Dá maior animação á industria da seda; cria uma fabrica de crepes, outra de fio d'ouro, outra de alcatrão; explora minas, constroe fornos e fundições ⁷.

¹ Levasseur, obr. cit. liv. 6, cap. 1, pag. 140.

² Ibid., pag. 140.

³ Ibid., pag. 140 e seg. e pag. 159.

⁴ Ibid., liv. 6, cap. 2, pag. 173 e 182.

⁵ Ibid., pag. 196.

⁶ Ibid., pag. 200, 210, 213 e 214.

⁷ Ibid., pag. 206, 207, 213, 215, etc.

Embaixadores, bispos, curas, freiras, todos eram empregados por Colbert em prégear e realizar pela palavra, pelo exemplo e pela protecção aos artistas e operários esta cruzada industrial ¹. A introdução de novas indústrias, diz Levasseur, a propagação do trabalho industrial nos campos, a emancipação da grande indústria, eis tres benefícios que a França deve ás manufacturas creadas por Colbert ².

Mas este movimento d'artistas d'outras nações para a França, esta incitação á industria pela instrucção, pelos premios, pelas honras, se foram julgados por Colbert e pelos seus antecessores sufficientes para a introdução das indústrias, não o foram para a sua conservação.

Se uma industria, a principio, custa mais do que rende, é claro que essa industria não pôde luctar, sem perecer, com indústrias estrangeiras mais adiantadas.

Na idade media, já os reis da França tinham promulgado alguns decretos para proteger as fabricas do meio dia contra a concorrência estrangeira. Francisco I renovou estes decretos. Henrique IV, por um edicto de janeiro de 1599, prohibia a entrada dos estofos estrangeiros, principalmente de seda, e permittia a importação, e prohibia severamente a exportação das materias primas correspondentes ³. Por um edicto de 18 de novembro de 1664, Colbert reviu as antigas tarifas, com o fim, diz Levasseur, da protecção das indústrias pelas alfândegas, mas com um espirito de liberalidade e com uma intelligencia dos interesses da França que se não pode

¹ Levasseur, obr. cit., tom. 2.º, pag. 173, 199, 201, 202, 210, etc.

² Ibid., liv. 6, cap. 3, pag. 216.

³ Ibid., liv. 6, cap. 1, pag. 147.

desconhecer ¹. Outro decreto de 18 d'abril de 1667 augmentou consideravelmente os direitos d'entrada d'um grande numero de mercadorias ². Esta ultima tarifa foi uma causa de guerra com a Hollanda, e a paz de Nimegue restabeleceu a de 1664.

Em 1685 Luiz xiv revoga o edicto de Nantes. O movimento d'operarios que houvera das outras nações para a França desde Carlos viii até Colbert produz-se agora em sentido inverso; e com os operarios estabelecem-se industrias nos paizes protestantes em que elles se fixaram.

A Hollanda, escreve Levasseur, teve chapelheiros, fabricantes de pannos, de pellucias, de veludos, de sedas, de moarés, e deixou de pedir á França esses objectos que até alli tinha sido obrigada a comprar-lhe.

A Inglaterra teve fabricas de papel, de tapetes, de cambraias, etc. O Brandeburgo recolheu generosamente pintores, architectos, fabricantes de pannos de Sédan e do Languedoc, de chapéus de castor, de meias de tear, e começou a ser um paiz manufactureiro ³.

Vejamos agora a Inglaterra:

No começo do seculo xiv, diz Carey, as exportações da Inglaterra consistiam em lã, pelles e estanho. Procurava-se obter a clientella das outras nações para estas materias primas concedendo privilegios aos seus negociantes ⁴. A Hollanda e as cidades hanseaticas em geral eram quem principalmente commerciava com a Inglaterra; esta

¹ Levasseur, liv. 6, cap. 4, pag. 232.

² Ibid., liv. 6, cap. 4, pag. 235 e 236.

³ Ibid., liv. 6, cap. 6, pag. 286.

⁴ Carey, obr. cit., tom. 1.^o, cap. 16, pag. 452.

por fim cansou-se dos privilegios que lhes concedia, por meio dos quaes inundavam o paiz de pannos fabricados na Allemanha e impediam o estabelecimento ou o augmento das manufacturas, ¹ como tambem o desenvolvimento da marinha; porque eram navios d'estas cidades, e mormente da Hollanda, que faziam todo o commercio da Inglaterra.

Organisou-se então um systema de medidas proprias para fortificar a marinha e crear as manufacturas no paiz; e a estes dois fins o egoismo da Inglaterra accrescentou um outro, o de desanimar as manufacturas em todos os paizes que podesse.

Os meios de que a Inglaterra se serviu para fortificar a sua marinha foram as celebres leis conhecidas pelo nome de — *Actos de navegação* —, pelas quaes, em geral, só se permittia a importação em navios inglezes, sendo ingleza a maioria da tripulação ².

Para crear e desenvolver as manufacturas, a Inglaterra serviu-se principalmente da introdução d'operarios e artistas, da imposição de direitos, ou da prohibição absoluta, á entrada das manufacturas estrangeiras e de premios á exportação das nacionaes. Á força attractiva da centralisação das industrias nas Flandres, na Hollanda e na Allemanha, diz Carey, a Inglaterra oppoz um systema de contra-attracção sufficiente, não só para lhe permittir conservar a aptidão industrial que já possuia, mas ainda para attrahir a que lhe faltava ³.

¹ Blanqui, *Histoire de l'Économie Politique*, tom. 1.^{er}, chap. 10, pag. 208.

² Vid. Adam Smith, tom. 2.^o, liv. 4, cap. 7, pag. 356 e seg.

³ Carey, obr. cit., tom. 1.^o, pag. 463.

Como na França, o resultado d'estas medidas foi não só o desenvolvimento da marinha e das manufacturas, mas tambem guerras com a Hollanda.

A Inglaterra porém não se contentou com as leis de protecção á navegação e industria nacionaes; a estas leis accresceram outras que prohibiam a exportação das machinas e a sahida d'operarios, e que impediam as colonias de manufacturarem. Já vimos um rei da Inglaterra dizer que fará tudo o que poder para desanimar as manufacturas na Irlanda; já vimos prohibir-se á America Ingleza a fabricação sequer d'um prego. Systema identico se applicou ao Indostão. Por meio de tratados artoeiros conseguiu-se o mesmo com as nações que não eram colonias, como Portugal, Turquia, etc.

Da execução d'este ultimo plano da Inglaterra, a Irlanda recolheu a miseria; a America revoltou-se para se livrar d'ella; o Indostão viu as suas planicies alvejarem com os ossos dos seus manufactureiros; a Turquia está sendo jogada pelas nações; Portugal é este paiz pobre em que faltam os capitaes, a população proporcional, o pensamento proprio, a autonomia real.

Como todas as nações que vivem de rapina, rapina pela guerra, ou pelo trafico, como a antiga Roma, a Inglaterra ficou a mulher monstro sobre cuja cabeça brilha o ouro da Australia e os diamantes de Golconda, a cujo collo e a cujo peito se enrolam as martas e os arminhos; mas de cuja cintura pende um vestido d'andrajos, apanhados no enxurro que lava as ruas de todas as nações.

A introduccão d'artistas, a protecção ás manufacturas nacionaes daria o desenvolvimento regular das forças productivas da Inglaterra; o plano de impedir as manufacturas nos outros paizes deu essa centralisação

espantosa, gerando crises terríveis, que, felizmente, têm encontrado na colonisação uma especie de valvula de segurança.

Modernamente as nações têm recorrido ás exposições como um meio d'aperfeiçoarem as suas industrias e d'incontrarem mercados para ellas. Os operarios e artistas observam e estudam; e, se se conhecem inferiores sob qualquer aspecto industrial, as nações tomam as medidas necessarias para que essa inferioridade desapareça; foi assim que a Inglaterra, conhecendo pelas exposições de Paris e de Londres, que os seus productos eram inferiores na elegancia e ornatos aos da França, estabeleceu escholas de desenho em toda a parte onde a industria as podia aproveitar, e, não se contentando só com isto, mandava instrucções ás fabricas e encarregava diversos professores de fazerem conferencias.

Pela historia do desenvolvimento das industrias nestas duas nações vê-se que é possível e que tem sido real a intervenção reflectida dos governos na criação e progresso das manufacturas; a historia de quasi todas as outras nações prova o mesmo. Nunca uma nação teve um grande rei ou um grande ministro que se não esforcassem por introduzir nella as manufacturas possíveis, se as não tinha. Pedro Grande,¹ Catherina II,² o Marquez de Pombal, são provas d'isto.

As leis de protecção são uma necessidade e uma utilidade quando prudentemente applicadas. A eschola

¹ Voltaire, *Histoire de l'Empire de Russie*, sous Pierre-le-Grand.

² Vid. Malthus, obra cit. liv. 1.^o, cap. 9, pag. 106.

economica argumenta contra estas leis. Herdou de Sully a idéa-teima que elle oppunha ás tentativas industriaes de Henrique iv, e não vê as contradições dos seus argumentos, nem a opposição em que elles estão com os factos.

O bloqueio continental deu um grande desenvolvimento ás industrias de todas as nações que concorreram para elle 1.

É tambem sabido que as industrias se desenvolvem mais cedo nos paizes que têm nas suas montanhas barreiras naturaes que dificultam o commercio com outras regiões. Na nova Hespanha, escreve Leroy-Beaulieu, a industria appareceu muito cedo, em parte por causa da densidade da população e da habilidade dos indianos para as obras manuaes, em parte por causa do pessimo estado dos caminhos que separavam os platós das costas e que augmentavam as difficuldades do transporte, assim como os preços das mercadorias que vinham da Europa. Nos Estados-Unidos foi o anno de 1806 o ponto de partida da industria nacional, porque, então, os regulamentos severos da Inglaterra e da França tornaram quasi impossivel o commercio dos neutros; o anno de 1812 e a guerra com a Inglaterra produziram tambem os mesmos effeitos. Pode-se dizer que este estado de coisas teve na America uma influencia analoga á dos direitos protectores impostos ás mercadorias europeas em favor da União 2.

1 Blanqui, *Histoire de L'Économie Politique*, chap. 37, pag. 159 et 160. Frederico List citado na obr. por vezes mencionada de Carey, tomo 2.º, pag. 124.

2 *De la Colonisation chez les peuples modernes*, liv. deux., chap. 2, pag. 578.

Estes dois factos isolados e o systema segundo o qual se desenvolveu a industria na maioria das nações não provarão o poder protector inherente aos direitos d'entrada das manufacturas estrangeiras? A eschola economica objecta que o consummidor tem de pagar o producto mais caro, os erros em que se tem cahido, as guerras que têm resultado, o desvio do natural para o artificial. A primeira objecção é o erro d'um calculo; a segunda o delirio d'um sceptico; a terceira a hysteria d'uma mulher; a quarta o abuso d'uma palavra.

É verdade que o consummidor a principio compra mais caro; mas como o consummidor é tambem forçosamente productor, se, como productor elle vender tambem mais caro, póde ser que calculado tudo fique melhor do que comprando mais barato e vendendo tambem mais barato. E é o que realmente succede muitas vezes. Compram-se os productos manufacturados mais caros a principio, mas vendem-se mais caras as materias primas e o trabalho, e fica-se neste estado mais habilitado a comprar o producto manufacturado mais caro do que no outro a compral-o mais barato.

Com relação aos erros, porque o espirito póde errar, virão dizer-lhe que não pense? Relativamente ás guerras, a França e a Belgica, observa Carey, têm sido retalhadas pela guerra e têm-se sempre conservado na classe das nações mais prosperas; Portugal tem quasi sempre escapado á guerra e é pobre. Não valem as industrias da França e da Inglaterra as suas guerras com a Hollanda? Não vale a prosperidade dos Estados-Unidos a guerra da independencia? Se no Indostão, na Turquia, em Portugal, se podessem implantar e se implantassem as industrias, não lhes valeriam ellas uma guerra que podessem ter com a Inglaterra? Uma guerra pelas in-

dustrias é uma guerra pela independencia, e a nação que não quer lutar por ella, não tem o direito de ser nação.

Ácerca do desvio do natural, é verdade que ha regiões industriaes; mas o que diria a eschola economica a quem lhe fizesse a seguinte proposta — o trigo é indigena da Mesopotamia, as batatas da America, as cerejeiras da Asia Menor, etc.; nunca se viu trigo, nem cerejeiras, nem batatas, nascerem espontaneamente na Europa; não semeemos pois nenhum d'estes vegetaes, não façamos coisas artificiaes; cultivemos nos campos da Europa o que elles produzem naturalmente?

São naturaes a um paiz não só as industrias que lá se desenvolvem espontaneamente, mas tambem as que se podem desenvolver por meio da intervenção voluntaria e reflectida, sem prejudicarem outras que rendessem mais; do mesmo modo que lhe são naturaes não só os vegetaes primitivos, mas tambem os que lá se podem acclimatar sob as condições seguintes — que o custo de producção seja inferior ao valor do producto, e que não tomem o logar d'outros que rendessem mais.

Em geral pois é possivel combinar as industrias por meio d'esforços reflectidos, destruindo assim a causa mais permanente e activa da emigração nos paizes pouco povoados, supprimindo ou minorando as crises industriaes, tirando á emigração a intensidade que ella adquire nos paizes em que se centralisam as manufacturas. Se a falta de combinação das industrias é a maior causa d'emigração, a combinação d'ellas é o maior remedio.

CAPITULO IV

Mais causas d'emigração

SUMMARY: — Estado actual de liberdade, centralisação e guerra. — Producção da emigração por estes estados. Remedios. — O desequilibrio religioso causa d'emigração. Remedios. — Relação das raças com a emigração e a colonisação. — Sustos da raça latina. Meios de attenuar o predominio que resulta para a raça anglo-saxonia e germanica da sua extensão pela emigração. — Phase d'expansão de cada povo causa d'emigração. — Attracção dos que emigram sobre os que ficam e meios de lhe diminuir a força. — Condições physicas e circumstancias accidentaes causas d'emigração. — Synthese.

Depois da organização economica, a causa que maior influencia tem sobre a emigração, principalmente sobre a emigração lenta e pacifica d'uma nação para outra, e sobre a emigração rustico-urbana é a organização politica; mesmo porque, em grande parte, a organização politica resolve-se em organização economica. Cada forma de governo tem com effeito um systema economico proprio. Proudhon notava que ha uma relação intima entre a constituição do Estado e a propriedade; ¹ Saint-Simon

¹ Proudhon, *Theorie de la Propriété*, chap. 8, pag. 200.

estabelece em these que não ha mudança na ordem social sem mudança na propriedade;¹ e a historia confirma com uma exhuberancia, que dispensa a enumeração dos factos, esta relação entre a politica e a economia das sociedades; relação não de simultaneidade só, mas de profunda causalidade.

Basta um simples volver d'olhos do espirito para ver, por exemplo, que as formas democraticas do governo são incompativeis com os morgados; estaria d'um lado a força e do outro o governo; o que é absurdo.

Se pois as formas de governo estão correlacionadas com as formas economicas, e se a emigração se relaciona com umas e com outras, seria necessario proceder aqui do mesmo modo que procedemos com a organização economica; quer dizer — seria necessario percorrer as diversas formas politicas, mostrar a influencia de cada uma na propriedade e na emigração. Mas seria longo este trabalho, e não seria todo base necessaria, como o antecedente, para uma solução eminentemente pratica; limitar-nos-hemos por isso a tratar especialmente da forma de governo que tem hoje a maioria dos povos da Europa, e a examinar a sua influencia sobre as tres especies d'emigração.

Collocada num periodo d'espontaneidade pela invasão dos barbaros, a sociedade Europea recommçou a sua existencia, mas sem que se perdesse a civilização antiga. Esta representava-se principalmente numa synthese moral, o Christianismo, e numa synthese juridica, o Direito Romano. O Christianismo trazia ao mundo a idéa de —

¹ *Oeuvres choisies de Saint-Simon*, tom. 2.^e, chap. 12, pag. 323.

humanidade; o Direito Romano a idéa — de nação, e pelas tradições dos municipios romanos tambem a idéa de — cidade. Os barbaros fortificaram esta ultima idéa; e, pela mesma força d'espontaneidade do seu estado barbaro, lançaram no meio social a idéa de — individuo.

Coexistindo assim todos estes elementos, a historia tinha de ser necessariamente a lucta de todos elles, o esforço de cada um para tomar na sociedade o logar a que tinha direito. Era fatal a ebulição de todos estes reagentes, ebulição que só deve socegar, quando de todos elles tiver resultado, como combinação, um organismo social em que todos tenham incontrado o seu centro de gravidade, em que nenhum negue os outros mais do que é necessario para se afirmar a si.

E desde a quêda do imperio romano do occidente, a historia tem sido realmente esta lucta. Representava-se a humanidade no papa; a nação no rei; a cidade no municipio; o individuo no senhor feudal. A lucta começou entre o feudalismo e o municipio, auxiliando os reis o municipio.

Destruído o feudalismo, defrontaram-se o municipio e a nação; a nação, o rei, destruiu o municipio.

Mas da egualdade perante o rei passou-se á egualdade perante a lei; e formaram-se constituições em que se inscreveram os direitos do homem, os direitos do *individuo*. Estão pois reconhecidos de novo os direitos do individuo; conhece-se já tambem que se negou e se destruiu de mais quando se subordinaram completamente os municipios; conhece-se tambem que do mesmo modo que os individuos entre si e os municipios entre si passaram d'um estado não juridico para um estado juridico, assim as nações entre si devem passar do estado não

juridico em que se conservam para um estado de direito; quer dizer — sente-se e conhece-se já a necessidade d'organisar juridicamente a humanidade, d'abolir a guerra internacional, e de a substituir pela justiça.

É este o estado actual da maioria dos povos da Europa; está constituida a nação; estão determinados os direitos individuaes; sente-se a necessidade de resuscitar o municipio e de organisar a humanidade. A nação e os individuos eis as duas entidades autonomas da actualidade; é o que se reconhece facilmente abrindo qualquer constituição politica; todas ellas têm duas partes distinctas, a parte relativa á forma do governo, e a parte relativa aos direitos individuaes; em nenhuma se determinam os direitos d'esta entidade tão natural como o individuo e como a nação, o municipio. Estamos num estado de liberdade, mas tambem de centralisação.

Entre estes dois poderes — Estado-nação e individuo, entre estas duas entidades com senhoria propria, não ha intermedio. O parlamento e a imprensa, duas forças que parecem destinadas a contrabalançar a força do poder executivo, neste estado de centralisação, são duas forças excessivamente corruptiveis e profundamente corruptas; o poder legislativo, que devia ser o primeiro em ordem e em importancia, é secundario; o poder executivo que devia ser secundario, é o primeiro; é elle que governa realmente; a linguagem foi justa chamando-lhe — o governo.

O primeiro effeito que resulta d'este estado de cousas, governo d'um lado e individuos do outro, é que os individuos são muitissimo fracos em frente do governo; os direitos dos individuos estão na constituição; mas o Estado, se quizer, póde esquecer-se d'elles, e ser arbitrario. A historia hodierna, mostrando grandissimas dif-

ferenças de liberdade em povos que têm constituições eguaes, é uma prova de que, no estado actual de centralisação, o respeito dos direitos individuaes não resulta só da determinação d'esses direitos, mas tambem de circumstancias exteriores e accidentaes. No estado de centralisação ha pois grande possibilidade de arbitrariedade da parte dos governos, e portanto uma causa latente de emigração. Esta possibilidade tem-se effectivado muitas vezes, desenvolvendo-se a emigração.

Mas se continuamos a analyse, incontramos causas mais accentuadas de emigração.

Fourier, Saint-Simon, Carey e alguns outros escriptores pretenderam applicar á sociedade a lei d'attracção de Newton; e com relação á população é innegavel que quanto mais consideravel é o numero dos homens reunidos num espaço dado, tanto maior é a força d'attracção que esse centro exerce.

Carey pergunta depois — Sendo isto assim, porque é que não tendem todos os homens a reunir-se sobre um ponto unico? Responde — Em virtude da mesma lei. Centros ainda que mais pequenos neutralisam, pela menor distancia, parte da força attractiva dos centros maiores.

Mas é claro que os centros menores hão de ir perdendo a sua força attractiva, e portanto neutralisadora, á proporção que augmentar a força attractiva da capital. Ora se a capital tiver como apanagio exclusivo d'ella o poder, as honras, a fama, os prazeres; se a maioria das funcções sociaes se centralisar ahi, todos os que ambicionarem o poder, todos os que aspirarem ás honras ou á fama, todos os que procurarem os prazeres irão para a capital; as provincias ficarão sem homens de activi-

dade social, ambiciosos de poder; sem homens de talento, sedentos de gloria; sem instrucção portanto; as bellas artes, as industrias seguirão esta mesma direcção; o credito acompanhará todos estes elementos; e os grandes proprietarios, deixando as provincias em que têm as propriedades buscarão no centro as commodidades e os prazeres.

Se os que amam o poder se reúnem na capital, a concorrência entre elles será ali muito maior do que seria na provincia, e portanto mais tenaz a lucta, maior complicação de meios para se obter resultado, mais intrigas, maior corrupção, mais revoltas, menor perfeição no desempenho dos encargos, porque ficam mais complicados, e tambem, para a maioria, menos poder real do que o que alcançariam num estado de descentralisação. Homens prejudiciaes na centralisação d'uma capital seriam ás vezes proveitosissimos nas provincias; e se a centralisação dos ambiciosos de poder na capital dá para a capital estes resultados; para as provincias produz este outro — falta d'iniciativa nas coisas publicas, pessima administração, indifferença, inercia.

Com a centralisação dos talentos dão-se resultados analogos: maior concorrência, maior complicação dos meios, mais intriga, mais corrupção, e tambem, para a maioria menor influencia real do que a que poderiam exercer nas provincias; nestas ignorancia e indifferença pela instrucção.

Com a centralisação das industrias dão-se os resultados que no capitulo precedente apontámos á falta de combinação d'ellas — diminuição no valor da terra e no valor do trabalho. Identicos resultados se produzem com a centralisação do credito.

Com a ausencia dos grandes proprietarios das provincias para a capital dá-se o triste effeito de não se restituirem a uma localidade os elementos que ella produz; o capital formado numa parte vai gastar-se noutra, e portanto diminuição de circulação e de vida no logar da producção.

Esta analyse, que podiamos verificar com a historia, reduz-se á synthese seguinte — Num ponto ha grande diversidade de trabalhos, em todos os outros quasi homogeneidade d'elles. Relembrando os principios do capitulo anterior, vê-se que os effeitos necessarios são — Excepto num ponto, pouca circulação, pouco capital, pouca instrucção, pouca iniciativa, salarios baixos, e como consequencia de tudo isto, emigração permanente e lenta dos campos para as cidades, das provincias para a capital, da nação para o estrangeiro.

Mas ha ainda um outro effeito da centralisação que é necessario signalar, porque á emigração permanente e lenta accrescenta uma emigração accidental, mas intensa.

Pela centralisação dos talentos e da instrucção na capital, pela rapidez da circulação ahi, pela pouca circulação nas provincias, as idéas na capital são muitissimo diversas das idéas das provincias. Ora numa nação, uma unidade politica d'espaco, os espiritos devem estar na mesma temperatura intellectual, isto é, devem estar em homogeneidade de civilisação. Se as cabeças estiverem muito em desaccordo, estarão em muito desaccordo o coração e os braços; não poderá haver coexistencia social.

Num pomar amadurecem mais cedo os fructos mais expostos ao sol; acontece o mesmo com as nações; a parte que está mais exposta ao sol da instrucção está já

madura para um ideal, quando outra parte não tem ainda olhos para o ver sem medo e com amor; uns vêem a idéa nova, e vêem-na sorrindo; parece-lhe a columna de fogo da terra da promessa, e dizem — caminhemos; — outros, porque vêem a uma luz tenuíssima, tomam a columna de fogo por um espectro, e recuam; e este desequilíbrio intellectual produz as revoluções, como o desequilíbrio da atmosphera produz as tempestades.

A centralisação das industrias e das artes reforça estes effeitos da centralisação da instrucção; é, indirectamente, tambem centralisação d'instrucção. É sabido que as manufacturas e as artes produzem idéas democraticas politica e socialmente, a agricultura pelo contrario é conservadora. Se pois as sciencias, as artes e as manufacturas se reunirem num ponto e nos outros só houver a agricultura, as idéas hão de ser forçosamente umas na capital, outras nas provincias, e a guerra civil ha de produzir-se por fim.

Este desequilíbrio d'idéas, resultante da centralisação directa e indirecta da instrucção, é um dos males que padecem e que perturba hoje quasi todas as nações da Europa. Entre nós, o Porto faz a revolução de 1820; por ignorancia, o povo defende uma ordem de coisas completamente contraria aos seus interesses. Paris faz a revolução socialista de 1848, as provincias enviam deputados que a destroem. Cadix derriba Isabel II, o norte responde batalhando pelo Carlismo. Dar-se-hiam estes factos se diminuísse a centralisação? É claro que estes abalos produzem a emigração intensa. Em qual-quer paiz ha sempre um grande numero d'individuos que não querem tomar parte nas suas dissensões, e que fogem a ella se podem; e dos que tomam parte, os que

foram ou que vêem que serão vencidos fogem também. O augmento d'emigração da Hispanha para Portugal e para outras nações desde o começo das suas dissensões recentes é uma prova d'isto.

A estas causas d'emigração accrescem duas outras bastante activas, o recrutamento e as guerras. O enfraquecimento do espirito militar; a severidade da antiga disciplina, que foi produzindo uma aversão á vida de soldado, aversão que se tornou instinctiva, e que não enfraquece apesar das modificações que se têm feito nessa disciplina; os obstaculos que o recrutamento impõe natural ou legalmente ao casamento; a separação do soldado da sua familia; a intuição da influencia desmoralisadora da vida dos quarteis, tudo isto irrita o espirito e o dispõe para a emigração, mesmo naquelles paizes que estão menos sujeitos á guerra; mais porém nos que o estão mais. Como porém a emigração é prohibida em todos ou em quasi todos os Estados desde uma certa idade até se estar livre do recrutamento; a emigração, por esta causa, torna-se clandestina. As estatisticas demonstram que é a Allemanha a parte da Europa em que estas causas têm mais força ¹.

A emigração resultante da centralisação administrativa, que provoca a das sciencias, das artes e das industrias; das luctas civis produzidas pelo desequilibro das idéas; do horror ao recrutamento e á guerra e da guerra, dá-se, como temos visto, mesmo nos Estados cuja forma de governo é liberal, nos Estados cujas constitui-

¹ Vej. Julio Duval, *Histoire de L'Emigration*, chap. 2.^o pag. 63; chap. 5.^o, pag. 82, chap. 14.^o, pag. 94, etc.

ções reconhecem os direitos naturaes a que a revolução franceza chamou os direitos do homem. Se a fôrma e a essencia do governo é despotica, mais ou menos, como na maioria dos povos de raça germanica, se esses direitos não são respeitados, a emigração recrudesce. Na maioria dos Estados da Allemanha, a nação do pensamento livre e da actividade escrava, os casamentos são demorados pela conscripção, impedidos pela necessidade legal de se demonstrar d'um modo determinado pela lei a possibilidade de sustentar a familia. Em grande parte d'esses Estados o regimen das antigas corporações d'artes e officios está ou estava ainda ha pouco de pé. Turgot e a noite de 4 d'Agosto de 1789 passaram desconhecidas para os governos Allemães. Estas difficuldades impostas ao casamento, esta falta de liberdade de industria, a sua legislação sobre propriedade são nestes paizes causas poderosas d'emigração. Os Allemães declaram-se fatigados da Europa, e para fugirem ás vexações dos seus governos, emigram para a America ⁴.

Determinadas estas causas politicas d'emigração é facil indicar o remedio. Nos Estados mais ou menos despoticos passar do despotismo para a liberdade; nos estados liberaes em que a administração está centralisada descentralisala. A emigração resultante da aversão ao recrutamento parece impossivel eliminala, sem eliminar o recrutamento; parece mesmo que pelo declinar progressivo do espirito militar esta causa se tornará cada vez mais activa. Assim é; mas pôde minorar-se a

⁴ Julio Duval, obr. cit., cap. 2.º pag. 60 e 61, cap. 13.º pag. 94, chap. 14.º pag. 95.

força crescente d'esta causa afastando os recrutados o menos possivel das terras de que são naturaes. Todos sabem que os soldados novos pedem quasi sempre para ficarem pertencendo ao corpo que está mais proximo das suas localidades. Um regimen que conciliasse a vida militar, actualmente improductiva, com a vida industrial, talvez dêsse tambem o mesmo resultado ¹.

2.^a Organização religiosa. — A organização religiosa subordina tambem a emigração, produzindo-a d'um modo mais intenso, mas com menos permanencia do que a organização politica.

A religião é um complexo de sentimentos e de idéas e actos que ligam os homens uns com os outros, ligando-os com Deus. A religião é, para assim dizer, a temperatura moral espontanea do espirito dos povos.

A historia demonstra que as religiões são idéas scientificas, que, para se propagarem, se fizeram sentimento, e que no estado de sentimento são base para nova evolução scientifica superior, que, por seu turno se fará sentimento tambem; demonstra tambem a historia que as religiões são os circulos mais extensos de sociabilidade humana. A Judéa estava politicamente dividida em tribus, quando a religião já tinha traçado o circulo-nação; os povos da Europa são politicamente nações; a religião traçou já um circulo muito mais extenso.

E se é sob a fôrma religiosa que as idéas adquirem um maior ambito, é tambem sob esta fôrma que

¹ Sobre a applicação do exercito á producção póde ler-se o *Curso d'Economia Politica*, feito no collegio de França por Miguel Chevalier, licção 10.^a até á 18.^a

ganham mais força. É mesmo esta que, pela expansão, explica a grandeza da circumferencia que ellas traçam. Esta força das idéas religiosas no seu começo produz muitas vezes a emigração-invasão. Edgar Quinet no seu livro o *Genio das Religiões* explica pela religião muitas das guerras da Persia; Agostinho Thyerri pretende que a descida dos Godos para o centro da Europa foi o resultado d'uma luta religiosa; os Arabes deveram á religião a expansão que os trouxe da Arabia até ás Gallias; os Europeos a força que os arrastou para as cruzadas.

Se a religião é um circulo de sociabilidade mais extenso do que o circulo politico, o circulo politico, o Estado, a nação, deve estar dentro d'uma mesma religião. E para a coexistencia social é necessaria com effeito a unidade religiosa, mormente quando a religião está em todo o seu vigor. A diversidade de religião numa mesma nação só não offerece grandes perigos quando se tem chegado a um periodo de reflexão, em que é possível a tolerancia. Ainda porém assim a unidade religiosa era preferivel; a tolerancia é um estado de esforço imposto pela reflexão ao espirito, estado que é facil quebrar quando haja algumas crenças da parte dos que se *toleram*. A propria palavra escolhida por todas as nações para designar o respeito pelas crenças religiosas diversas — tolerancia — é muito significativa. Tolerar é soffrer com resignação uma necessidade dolorosa, por se reconhecer, que é necessidade.

Esta necessidade d'unidade religiosa numa nação é quasi sempre satisfeita na formação das nações; mas sendo cada religião um systema d'idéas theologicas, moraes e rituaes; e produzindo-se fatalmente a evolução

n essas idéas, pela força mesmo d'ellas, se a evolução não tiver a mesma rapidez em toda a nação, ha de produzir-se por fim o desequilibrio religioso; e hão de apparecer as perseguições e as guerras, perseguições e guerras mais atrozes e encarniçadas do que as politicas, porque o povo toma a iniciativa nellas, e porque são de todos os dias.

D'estas perseguições e guerras ha de resultar a emigração ou escolhida pelos que emigram, ou forçada; e a historia da Europa está com effeito cheia d'emigrações d'esta ordem. Em toda a parte onde se quebrou o equilibrio religioso incontramol-as.

Começando pela peninsula é escusado relembrar a expulsão dos judeus e dos mouros de Portugal e da Hispanha; já neste mesmo escripto fallámos das emigrações provenientes das luctas religiosas da França, que remataram por fim na revogação do edicto de Nantes; as perseguições religiosas na Inglaterra produziram a emigração que começou a colonisação dos Estados-Unidos; actualmente mesmo o desequilibrio religioso é causa de emigrações na Allemanha⁴.

Estas emigrações differem muito nos effeitos das emigrações de causa economica. A ruim organização economica faz sahir os pobres; mas quando a religião se torna causa d'emigração sahem pobres e ricos e principalmente os ricos; uma emigração de causa religiosa pôde abater de repente a civilisação d'um paiz; pôde ir com uns o capital, com outros a industria, com outros a sciencia; e a nação de que se emigra mudar, para assim dizer, de clave economica. Pelas conquistas sobre os arabes e pela sua expulsão, a Hispanha, por exem-

⁴ Julio Duval, obr. cit., pag. 63 e 64.

plo, passou do estado agrícola-industrial ao estado pastoril. A *mesta* é em parte resultado e manifestação do decahimento d'um estado superior noutro inferior.

Nesta especie d'emigração encontra-se um facto curioso proprio para demonstrar a inconveniencia d'impedir directamente a emigração, e como o desequilibrio que se manifestava por ella se vai manifestar, quando a repulsam, por outros phenomenos mais terriveis. Hampden, Pym, Bradshaw, Cromwel, descontentes politica e religiosamente estavam já no navio que os havia de levar para a America, quando uma ordem de Carlos I impediu a partida. A resposta a Carlos I foi a revolução, e o cadafalso. Cromwel que se queria afastar vence-o, vê-o decapitar d'uma janella, e senta-se no throno d'onde tinha emanado a ordem que lhe prohibia emigrar.

Se o desequilibrio religioso é uma causa d'emigração, o remedio contra esta emigração é fazer que esse desequilibrio se não produza, e, para se não produzir, que a evolução das idéas religiosas tenha a mesma rapidez em toda a nação, e para isso é necessaria a maxima descentralisação da instrucção, e que a nação seja o mais homogenea possivel sob todas as outras condições. Povos de diversas raças, sem estarem intimamente fundidos, facilmente cahem num desequilibrio religioso.

3.^a Raças.— Sem discutirmos aqui os numerosos problemas relativos ás raças, as diversas classificações que se têm feito d'ellas, a influencia que se lhes tem attribuido na variedade da historia, é certo que as raças se manifestam nella d'um modo diverso. Para o nosso assumpto basta-nos a classificação mais vulgar das raças em — branca, mongolica, ethyopica, americana e malaia.

A primeira occupa quasi toda a Europa, o sudoeste da Asia e o littoral norte da Africa, e por meio de colonias tem-se espalhado por quasi toda a America, por uma grande parte da Oceania, por quasi todo o littoral da Africa e ainda pelo oriente da Asia.

A raça mongolica habita o oriente e norte da Asia, uma parte da Europa comprehendida entre o Ural e o Volga e o Dwina do Norte e a Laponia, e tambem o extremo norte da America. Tem uma civilisação antiga, mas que faz contraste, pela immobildade, com a civilisação variavel e progressiva da raça branca. Emigra, mas salariando o seu trabalho á raça branca, não fórma, como esta, colonias que lhe pertençam.

A raça negra occupa quasi toda a Africa e a parte da Oceania chamada Melanesia. Desde que é conhecida tem-se conservado quasi sempre no mesmo estado selvagem ou quasi selvagem, signalando todavia tendencias para a civilisação naquellas partes em que o clima a favorece; apresentando-se mais civilisada nas regiões que a elevação do terreno, as aguas que dão origem aos rios importantes e as chuvas tornam mais proprias para o desenvolvimento humano. Não emigra para fóra das regiões a que é natural; mas a raça branca, escravizando-a, sob o pretexto da inferioridade e da necessidade, espalhou-a principalmente pela America; e cruzando-se com ella originou uma raça mixta.

A raça malaia, referindo-se-lhe a polynesiana, occupa uma pequena parte do sudeste da Asia, as partes da Oceania denominadas Micronesia e Polynesia; parece propria para a civilisação, mas diminue em cultura á proporção que se afasta da Asia, e tende a deperecer em presença da raça branca.

A raça americana espalha-se por toda a America

continental e insular, á excepção do extremo norte; chegara nalguns dos seus povos a um estado de civilisação; mas a maioria era de selvagens na sua maxima parte com menos tendencia para a civilisação do que a raça negra. Parte tem desaparecido deante da raça branca, parte occupa territorios encravados por ella ou limitando-a.

Já se vê que das raças que ennumerámos só duas emigram, e só uma é colonisadora. Póde, é verdade, dizer-se que não é a raça a causa d'estas differenças, mas sim a phase historica diversa em que estas raças estão, e que a raça mongolica seria colonisadora se não estivesse em presença da raça branca. Não queremos discutir estas questões; signalamos simplesmente estas relações entre as raças e a emigração.

Se d'esta primeira divisão passamos ás subdivisões da raça branca incontramos nellas differenças muito pronunciadas, se não em relação á emigração em si, pelo menos em relação á sua aptidão colonisadora e aos modos e effeitos das suas emigrações; e se entre a raça e a emigração não se póde marcar com segurança uma relação de causalidade, póde de certo marcar-se entre a raça e a diversidade d'aptidões colonisadoras.

A raça branca póde subdividir-se em duas familias — Semitica e Japhetica. Não mencionaremos aqui todos os povos pertencentes a estas duas divisões, mas só os que mais importam para o nosso assumpto. Representam a familia Semitica os arabes e os judeus. Os povos mais

importantes da segunda familia são os povos da Europa, que se podem classificar em —

Iberos — comprehendendo um meio milhão de homens que habitam nas provincias Vascongadas e numa pequena parte do Bearn e Gasconha até quasi ao rio Adur.

Gaulezes — comprehendendo a Bretanha, o paiz de Galles, a maior parte da Irlanda e da Escossia.

Greco-latinos — comprehendendo os francezes, os hispanhoes, os portuguezes, os italianos, os gregos, os albanezes, e os roumanos.

Germanos — comprehendendo os allemães, os scandinavos (Dinamarca, Suecia e Noruega) e os anglo-saxo-nios.

Slavos — comprehendendo parte da Russia, parte da Austria e da Turquia, e os povos do Caucaso.

Em que relação estão estes povos com a emigração ?

Os arabes e os judeus têm uma grande tendencia para a expansão, os arabes porém em massa, formando nações e assimilando e assimilando-se aos povos em meio dos quaes se estabeleceram. As condições physicas da Arabia impedem este povo de manifestar as brillhantes qualidades de que é dotado, qualidades que se desenvolvem, como aconteceu na Hispanha e na Mesopotamia, ao contacto d'uma natureza mais benevola. Os judeus espalham-se por todo o mundo, mas sem assimilarem e sem se deixarem assimilar, qualidades que se revelam em todo o decurso da sua historia; são proprios para o commercio e para as finanças; o que, em parte, se revela tambem já nos seus primeiros tempos. Na raça Semitica os arabes estão em certo modo para

os judeus, como na branca os francezes e os allemães para os inglezes.

Com relação aos povos da Europa, Julio Duval escreve — Se se divide a Europa em duas metades quasi eguaes de norte a sul, seguindo o 15º grau de longitude a leste de Paris, ver-se-ha que o phenomeno social de que nos occupamos se produz, em regra geral, na região occidental, e só por excepções secundarias e accidentaes, na região oriental¹.

Com effeito os slavos emigram pouco; mas seria um erro attribuir isto á raça; a pouca densidade da população e outras circumstancias bastam para explicar esta differença. Com relação aos outros povos, Julio Duval apresenta o quadro seguinte da sua emigração proporcional².

Irlanda	1 por	44 habitantes
Hesse Eleitoral.....	1 por	79 »
Meklemburgo.....	1 por	85 »
Reino Unido.....	1 por	113 »
Bade.....	1 por	101 »
Hesse Gran-ducal.....	1 por	181 »
Wurtemberg.....	1 por	214 »
Baviera.....	1 por	253 »
Suissa.....	1 por	300 »
Brunswick.....	1 por	304 »
Portugal.....	1 por	437 »
Oldemburgo.....	1 por	543 »
Noruega.....	1 por	455 »
Allemanha.....	1 por	533 »

¹ Julio Duval, obr. cit., cap. 35, pag. 173.

² Ibid., pag. 174.

Belgica	1 por	572 habitantes	
Dinamarca	1 por	616	»
Hanovre	1 por	737	»
Prussia	1 por	880	»
Hollanda	1 por	888	»
Hispanha	1 por	1.929	»
França	1 por	2.196	»
Suecia	1 por	2.253	»
Italia	1 por	5.500	»
Austria	1 por	19.000	»

Da inspecção d'este quadro, onde povos remotos pela raça estão proximos uns dos outros na proporção da emigração, vê-se que a raça tem uma influencia diminuta na emigração em si, apesar d'affirmarem alguns anthropologistas que a grande tendencia para a emigração é um caracteristico da parte da raça branca que tem cabellos loiros e olhos azues. Mas se a influencia da raça na emigração em si é pouco importante, já assim não é, como dissemos, nas aptidões que os diversos povos da Europa desenvolvem na emigração.

A raça germanica propriamente dicta (os allemães), escreve Julio Duval, é cosmopolita por instincto, e dissemina-se de boa vontade em todos os logares propicios aos brancos; a zona torrida fal-a recuar menos do que a qualquer outra raça. É terreno para cultivar que ella procura, e installa-se onde quer que o encontra ¹. Os outros povos, pertencentes a esta raça, têm, á excepção dos inglezes, mais ou menos estas qualidades.

A raça anglo-saxonia, escreve o mesmo auctor, ainda que derivada do tronco germanico, tomou, sob a pres-

¹ Julio Duval, obr. cit., cap. 58, pag. 355.

são forte d'uma sociedade insular, um caracter mais exclusivo. Além do solo, ella exige circumstancias que se adaptem aos seus costumes, ás suas leis, ao seu culto; estabelecer-se-ha, pois, nos paizes britannicos, ou d'origem ou de condição actual (Estados-Unidos, colonias inglezas), ou em paizes inteiramente vagos, como a Austrália. Sente-se pouco á vontade onde ha um povo já estabelecido (a India, o Cabo, a Ilha Maurícia, o Canadá e a Nova Zelandia). Extermina, opprime ou transige segundo a resistencia que encontra, e raras vezes concilia a amizade dos seus visinhos e dos seus vassallos ¹.

A raça latina, cujos representantes mais brilhantes são os francezes, assimila com facilidade, e colonisa a custo. Menos individualista do que a anglo-saxonia; concentrando-se menos na familia do que os allemães; identificando-se mais com a nação e com o paiz, em geral aprazivel, difficilmente deixa uma e outro para sempre; e por isso mesmo não é muito propria para a colonisação. Estas qualidades, que são communs a esta raça em geral, soffrem variações com cada um dos povos que a compõem; assim os francezes e os italianos são talvez os que possuem maior poder d'assimilação e menos tenacidade colonisadora; os portuguezes e os hispanhoes são mais colonisadores; mas estes ultimos, pela sua altivez um pouco selvagem, como lhe chama Duval, ² assimilam menos do que os portuguezes; mas a sua emigração talvez colonise mais.

Dada esta differença nas raças com relação a emi-

¹ Julio Duval, *ibid.* pag. 355 e 356.

² *Ibid.* cap. 13, pag. 160.

gração e a colonisação, póde perguntar-se se ella tende a estabelecer o predomínio d'umas sobre as outras, e, no caso affirmativo, qual seria o meio de neutralisar ou atenuar esse predomínio?

Os anglo-saxonios e os allemães propriamente ditos são os povos que mais emigram; a França e com ella a raça latina, que a principio viram tranquillamente o phenomeno, hoje que a eschola Hegeliana e Darwiniana proclamam como lei suprema a lucta pela vida e a legitimidade dos resultados d'essa lucta, e que o horizonte politico reflecte já as côres sombrias d'esta doutrina terrivel, hoje, dizemos, assusta-se, e pela voz dos seus sabios mostra o que receia.

Ha perto d'oito annos, escreve o dr. Bertillon, Prevost Paradol lançava um grito de susto ao aspecto da sorte de que a nossa raça lhe parecia ameaçada. Pela America do Norte e pela Australia a raça ingleza é senhora do mundo. Antes de dois seculos a nossa raça será inundada pela maré ascendente da raça anglo-saxonia. Quando muito a França pesará no mundo anglo-saxonio tanto como Athenas pesava outr'ora no mundo romano.

Bertillon compara por seu turno o peso provavel da França e da Allemanha. A Allemanha não tem colonias, mas a Allemanha invade a propria Europa, a principio pacifica e imperceptivelmente, e depois com as armas na mão.

A Allemanha introduz subrepticamente uma multidão de colonos allemães nos paizes que a rodeiam, depois declara que esses paizes são allemães como aconteceu com o Slesvig e o Holstein; ou, se o não póde fazer, pelo menos em caso de guerra, a emigração allemã combatte as nações em que estivera com todas as vantagens

que dão o conhecimento do paiz e a intelligencia da lingua ¹.

Se comparada com as outras raças sob a relação de numero, a raça latina decrescer, decrescerá na força militar e na força da industria, porque o seu mercado será menos extenso. Encarada a questão da emigração sob o ponto de vista da lucta das raças e dos povos hão de predominar os que mais emigrarem e colonisarem. Como neutralisar ou attenuar este predomínio?

Os escriptores que hoje se aterram com o pouco augmento da população franceza, intendem que a emigração era um meio de o elevar. Concluem que os francezes devem emigrar mais ²; mas o que os levará a isso?

A miseria, causa primordial d'emigração, não fez declaração de domicilio na França, e já sabemos e confessa-o tambem Bertillon, que a elevação do nivel social, a posse da propriedade, diminuem a fecundidade ³. Ha, porém, outra causa d'emigração, a ambição, o espirito d'iniciativa; é este espirito d'iniciativa que a raça latina tem de desenvolver. Como? Um dos meios que evitam a emigração da miseria é tambem o que promove a da ambição, porque promove a iniciativa individual, é a descentralisação.

¹ Dr. Bertillon, *La Colonisation de l'Europe par les Allemands*, dans *La Reforme Économique*, tom. 1.^{er}, 15 Novembre.

² Dr. Bertillon, *La Colonisation de l'Europe par les Allemands*, etc.

³ Dr. Bertillon, *La Natalité française et les causes de son affaiblissement*, dans la *Revue Scientifique*, n.^o 39, 24 Mars 1877.

A raça latina nunca egualará no *self-governement* a raça anglo-saxonia, nem a allemã no desapego com que deixa a patria para ir colonisar. Coube em sorte ás raças do norte o particularismo, que se lhe revela até no que ha de mais contrario a esta qualidade, na religião.

Nós temos no sangue, pelo principio da hereditariade, as tendencias unitarias da antiga e da moderna Roma; somos os representantes do bello, da moral, da justiça, de tudo o que é unidade, mas não do interesse proprio equilibrando-se a si mesmo. E, como representante principal da raça inteira, a França, a nação que soffre as dores de parto de todas as grandes idéas, o Christo das nações, é uma d'aquellas a que mais falta a aptidão colonisadora.

Não para egualar, mas para nos distanciarmos o menos possivel das raças do norte, descentralisemos. Vida ás communas. Agora são uma creação da lei, só podem fazer o que a lei lhes permite que façam; diga a lei sómente o que lhes é prohibido fazer, e dê-se-lhes liberdade em tudo o mais. É um meio de garantir os direitos individuaes, de robustecer a idéa de patria enfraquecida pelo exagero da idéa d'humanidade, de accender na luz das idéas o facho da politica, de dar iniciativa aos individuos, e por ella promover a combinação da maior proporção dos nascimentos e da emigração. O grau de respeito, escreve Leroy-Beaulieu, que mostra um povo pelas attribuições dos corpos municipaes é a melhor medida da sua aptidão colonisadora ¹.

4.^a Phase historica. — Em geral cada povo tem na

¹ *De la Colonisation chez les Peuples Modernes*, liv. deux, chap. 3, pag. 591.

sua historia um periodo d'energia, em que a imaginação lhe percorre com impeto o campo das concepções arrojadas, e, seguindo-a, a vontade executa prodigios, que maraviham as outras nações. É a epocha, em que, segundo Hegel, a *idéa* reside n'essa nação, só ella tem direitos, e os mais povos não passam de testemunhas da sua gloria, cuja aureola os deslumbra e os sustenta, como na theologia christã, os anjos e os justos se sustentam dos reflexos luminosos da visão de Deus.

Essas epochas d'energia são ás vezes epochas de lucta com os povos visinhos; mas se a lucta acaba, a força do movimento adquirido produz muitas vezes a emigração e a colonisação. Portugal e a Hispanha dão um exemplo frisante da emigração d'esta ordem.

Esta emigração e colonisação serão proveitosas para as nações de que derivam? Gloriosas decerto, e quasi sempre ou sempre uteis para a humanidade. Se a humanidade é um organismo, se a historia tem um plano, se fórma um todo em que se descobrem leis de evolução e direcção, cada nação, como parte d'esse organismo e d'esse todo, contribue para o vivificar com os esplendores da sua heroicidade, envolvendo-se por elles num manto de gloria, mas como esses animaes que morrem para se propagarem, deixando ir nelles muitas vezes a maxima parte das suas forças vitaes.

Parece, pois, que estas emigrações da phase d'expansão dos povos são muitas vezes prejudiciaes aos povos de que se originam; mas apesar d'isto é impossivel, e, se fosse possivel, era inconveniente reprimil-as; eliminava-se da historia d'uma nação a expressão da sua natureza e do seu meio, descingia-se-lhe da frente a sua corôa de gloria, seccava-se um confluente do progresso da humanidade.

E, todavia, este perigo que ha para cada nação no desenvolvimento pleno do seu genio póde ser perigo de vida, e é-o sempre de decadencia. As causas que elevam os povos, que os sublimam, e lhes dão a apothese do tempo em que foram grandes e a apothese da historia, são as mesmas que lhes formam o plano inclinado por onde se precipitam na existencia vulgar ou na morte. Do mesmo modo que os astrónomos dizem que o sol, á força de irradiar calor e luz, ha de esfriar e apagar-se, tomando-lhe depois a extensão enorme do corpo o que são agora pequenissimas manchas, assim nos factos brilhantes de cada nação ha uma pequena mancha que, alargando-se, lhe servirá de mortalha; mas a nação, como o sol, terá cumprido o seu destino. Se para os homens e para as nações a gloria que lhes resalta do genio póde ser só flores ou cruz, nas mãos da humanidade toda as flores fazem-se ao depois fructos, a cruz converte-se em redempção.

As nações perecem ou decahem pelas mesmas causas que as elevaram, é uma verdade para os hegelianos, uma verdade para os positivistas, e sobretudo uma verdade para a historia.

Um hegeliano diria que o espirito do universo, o espirito absoluto, se manifesta no espirito das nações, mas que sendo cada uma d'ellas finita, um ponto do espaço e um momento do tempo em que se realisa a historia, não póde cada uma de per si realisar-o na plenitude da sua verdade; que o espirito se retira d'ellas e que as mesmas instituições, os mesmos instrumentos que outr'ora fizeram a sua grandeza e o seu poder, se voltam contra ella, e apressam o seu decahimento e a sua dissolução ¹.

¹ *Philosophie de l'Esprit* de He gel, trad. par Vera, edit. Paris 1870, pag. LXVII, LXVIII, et pag. 428, 429 et suiv.

Um positivista diria — A vida é um equilibrio de elementos. Nos homens e nos povos o genio é o predominio d'um elemento sobre todos os outros; até um certo limite o genio vai augmentando na proporção do disequilibrio; mas este disequilibrio que causou a grandeza, pela continuidade do seu influxo, ha de trazer a desorganisação.

Sorrindo a Hegel e a Comte, a historia mostra que sempre que se pretende explicar a decadencia d'um povo, as bases principaes d'explicação se encontram no ponto mais brilhante da historia d'esse povo. Todos os homens e todas as cousas têm os defeitos das suas qualidades. Para a ontologia e para a historia é nos principios da vida que se contém os principios da morte.

O resultado pratico d'estas idéas é que um povo que manifesta com brilho, num periodo d'espontaneidade, o que nelle havia de essencial e necessario e proveitoso para a humanidade, precisa depois, se quer continuar a viver, de estudar na sua historia quaes são os principios morbidos contidos nas causas que o elevaram, para os contrariar, e alcançar assim o equilibrio de todos os seus elementos. Se é da proporção no numero e na distancia dos planetas que resultava para Pythagoras a musica das espheras, é da proporção nos elementos que as compõem, que resulta tambem a harmonia das sociedades.

Estes principios incontrarão a sua plena applicação quando tratarmos de Portugal.

5.^a Attracção da emigração. — A attracção exercida pelos que emigram sobre os que ficam, é tambem uma causa d'emigração. A este respeito incontramos em Julio

Duval o seguinte facto — Annunciava-se ultimamente que tendo um habitante do ducado de Saxe-Coburgo-Gotha voltado á sua patria com 11 ou 12.000 francos, havendo partido sem um soldo para a California, resultou d'isso uma tal febre d'emigração, que pobres jornaleiros gastaram loucamente as pequenas economias que tinham feito até então, na esperança d'incontrarem tambem thesouros na California ¹.

Portugal conhece bem o poder d'esta causa, mesmo quando a volta d'um emigrado, que vem rico, não vem reforçal-a. Mas esta attracção, como já dissemos, ha de variar segundo as condições economicas, politicas, religiosas e naturaes do paiz. Todavia esta attracção pôde irritar estas causas d'emigração, e leval-as a produzirem-n'a em muito maior escala do que a produziriam por si, accrescentando á necessidade a ambição, ou fazendo apparecer a ambição mesmo onde não existe a necessidade.

Para diminuir a força a esta causa, é necessario melhorar todas aquellas condições, e é necessario que se dê ao povo o conhecimento claro do que é a emigração, do que se pôde soffrir e do que se pôde alcançar, das condições a que andam inherentes as probabilidades de se ser feliz ou desgraçado. A riqueza que se estabelece ao pé da casa dá nos olhos, fascina e arrasta; as mortes e as doenças pelo clima ou pela miseria separa-as da vista a vasta extensão do oceano. É necessario que os habitantes d'um paiz não corram para a emigração no estado d'embriaguez; e irão sempre neste estado se forem ignorantes. O governo por meio das escholas, pela distribuição de folhetos escriptos com clareza e es-

¹ Julio Duval, obr. cit., cap. 12, pag. 92.

pirito de verdade, e utilizando tambem para este fim os parochos, que são os que podem fazer mais, dará ao povo os conhecimentos necessarios para que os que se determinam a emigrar se determinem com liberdade. Temos diante de nós um livro publicado em Washington cujo titulo é — *Special Report on Immigration* —; traz informações sobre os preços e rendas da terra, especies de productos, facilidade d'accessão ao mercado, capital necessario para o custeio agricola, trabalho que se procura nos diversos Estados.

Se os paizes de destino crêem no dever de esclarecer os estranhos que entram, as nações de que se sahe têm ainda mais o dever d'esclarecerem os naturaes que partem; e se se accendem pharoes para se evitarem naufragios, espalhem-se os conhecimentos precisos para não se emigrar ás cegas, que é evitar naufragios tambem.

6.^a Condições physicas e circumstancias accidentaes — As condições physicas do paiz influem tambem na emigração. As ilhas dispõem mais para a emigração do que os continentes, e as regiões maritimas d'um paiz mais do que o interior. No interior a facilidade ou difficuldade de communicações hão de tambem facilitar ou difficultar a emigração. A esterilidade d'um territorio, permanente ou periodica ou accidental, contribuirá tambem para ella. Regra geral, concorre para a emigração tudo o que difficulta a subsistencia e tudo o que facilita o transporte; sem os aperfeiçoamentos modernos da navegação era mesmo impossivel, ainda que se tornasse necessario, o movimento hodierno da emigração.

Concorre, dissemos, para a emigração tudo o que

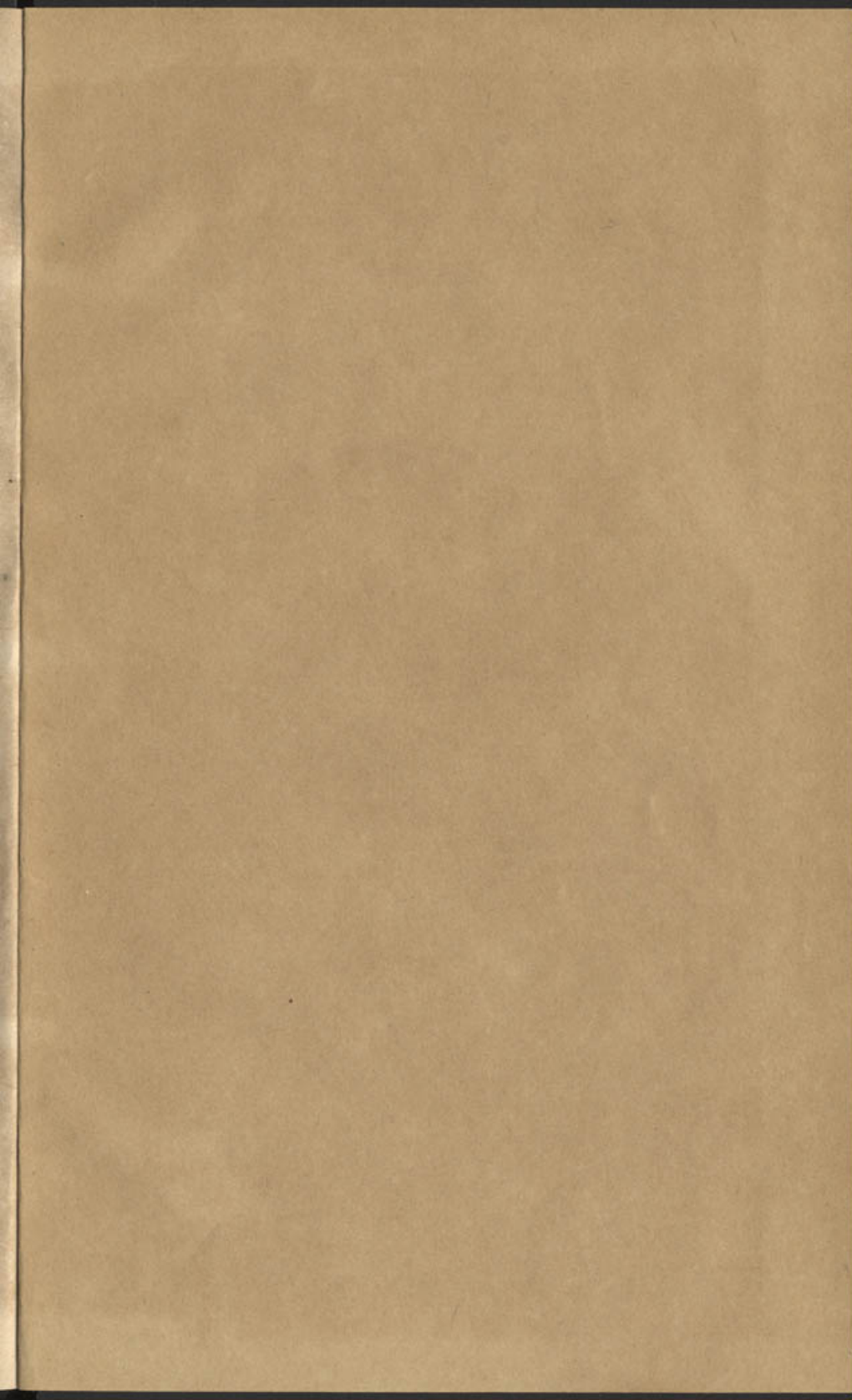
difficulta a existencia no paiz d'origem e tudo o que facilita o transporte; os desequilibrios economico, politico, religioso etc., concorrem para a emigração do primeiro modo; as regiões maritimas, a facilidade de communicações, o habito da iniciativa individual concorrem para a emigração do segundo modo. Vê-se pois que as causas da emigração se podem reduzir a duas classes — causas que a provocam e causas que a facilitam. E é visivel que os effeitos d'estas duas classes de causas são muitissimo diversos. É sobre as causas que provocam, sobre os desequilibrios, que é preciso actuar para actuar d'um modo util sobre a emigração. Destruir, para impedir a emigração, as causas que a facilitam, ficando a subsistir as que a provocam é fazer recrudes-cer o mal, que se manifestaria não pela emigração, mas por phenomenos mais terriveis. Era, para seccar as agoas d'um rio, entulhar o leito por onde ellas derivavam com placidez, ou, como já dissemos, abafar vulções para os converter em tremores de terra ¹.

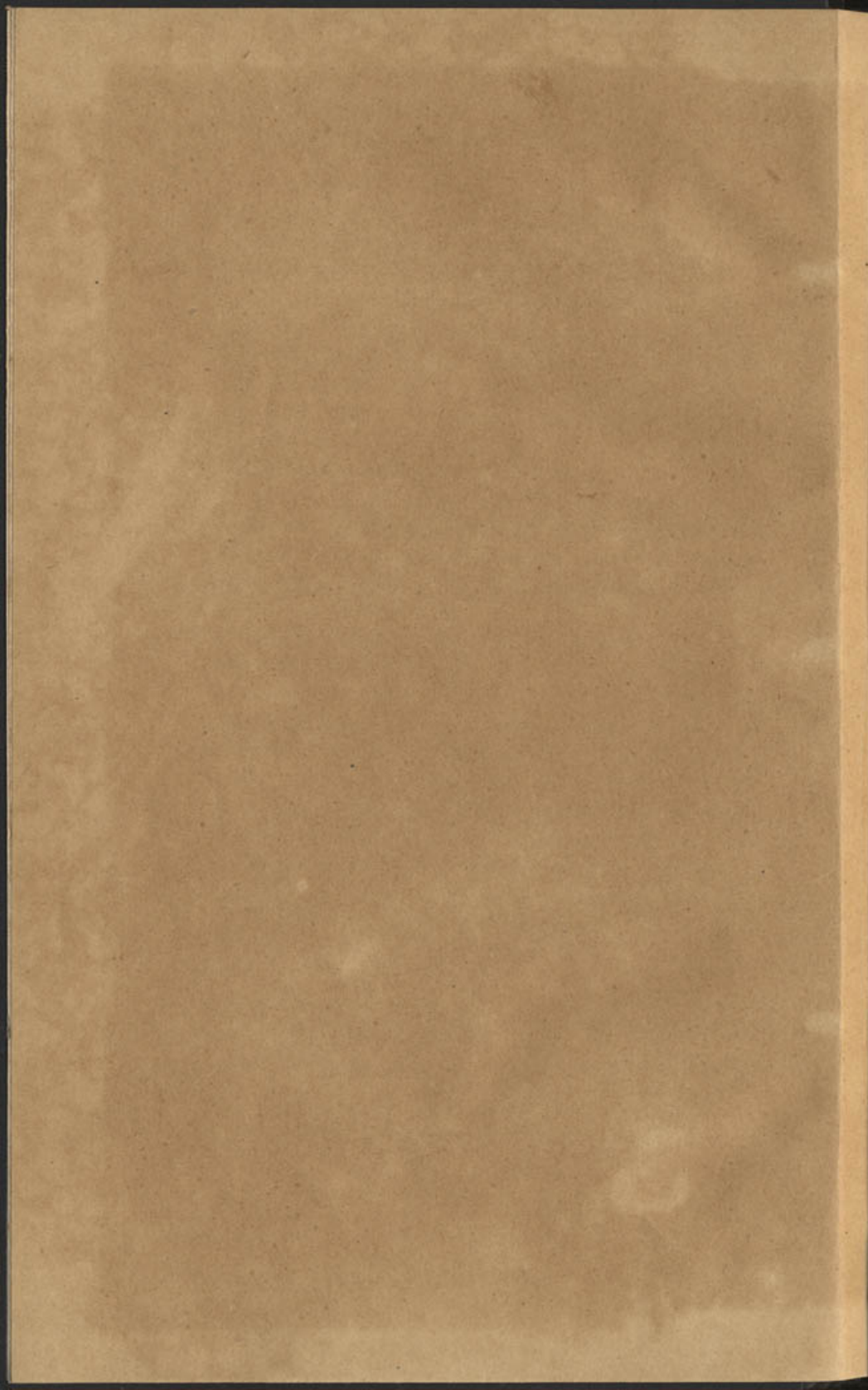
Classificadas nos dois grupos que mencionámos as causas da emigração, resta buscar a formula geral, se a ha, dos remedios que se podem oppôr ás causas da primeira classe. Quem attender ao que escrevemos verá que a idéa que continuamente se apresenta como remedio para a emigração é a differenciação harmonica da sociedade pela combinação intima e proxima de todos os elementos sociaes. Esta idéa apresentou-se na causa economica, sob o aspecto de combinação d'industrias; na causa politica, sob o aspecto de dessiminação do exercicio da soberania e dessiminação da instrucção;

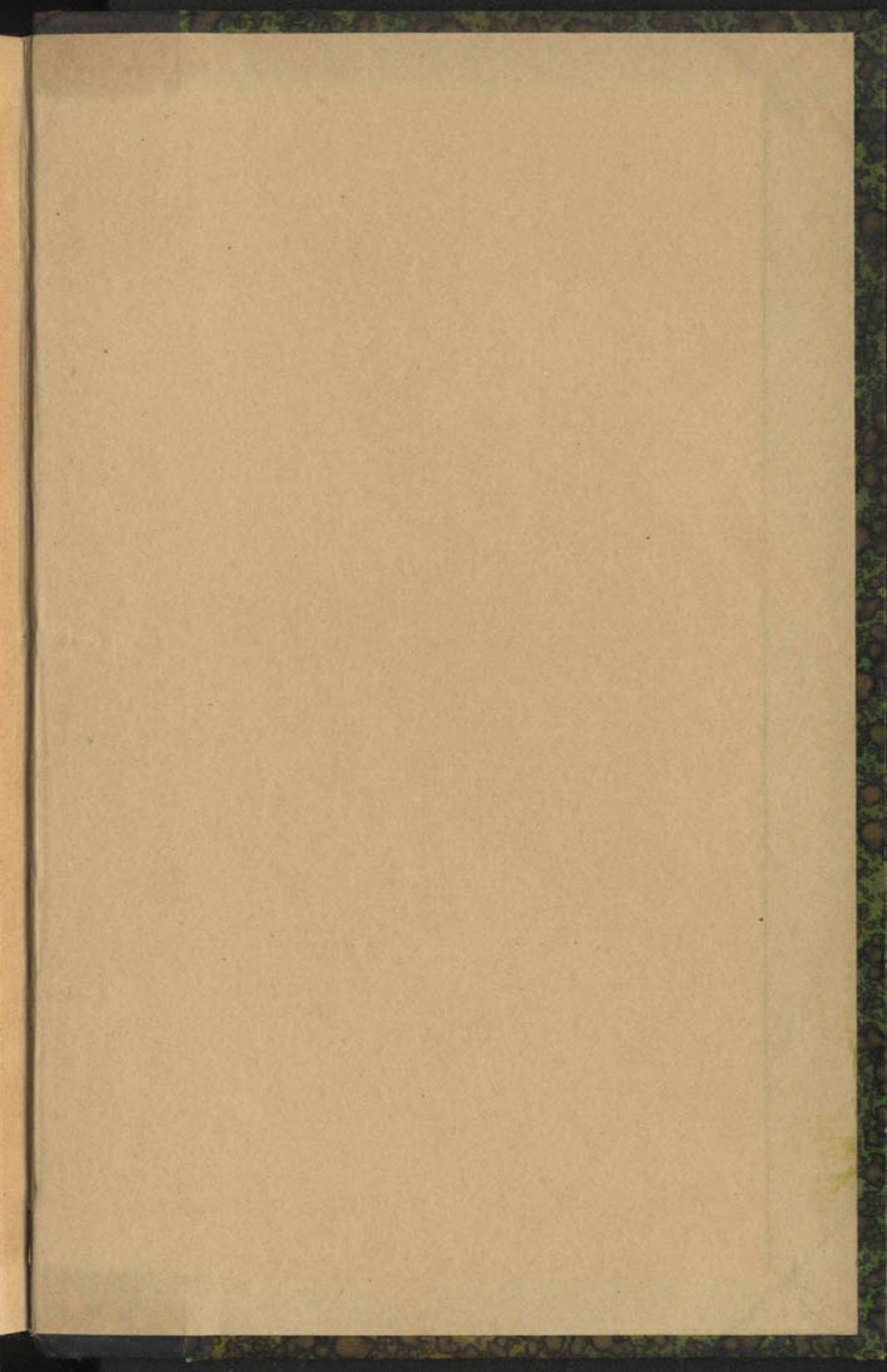
¹ Vej. pag. 65.

na causa religiosa, sob o mesmo aspecto da maxima egualdade d'instrucção em todos os pontos d'um paiz e da fusão das raças que o habitam; nas raças, ainda sob o aspecto da combinação da autonomia do Estado com a do municipio e do individuo; na phase historica, sob o do estudo das qualidades d'um povo, para as combinar, sem permittir o exagerado predominio d'uma; na da attracção dos emigrantes sobre os que ficam, ainda sob o aspecto da combinação das industrias e das autonomias, conjunctamente com a diffusão da instrucção. Fazei de cada nação uma unidade, mas unidade resultante não de homogeneidade das suas partes, mas de variedade que se harmonisa, e tendes resolvido, quanto é possível resolvel-o, o problema da emigração.

Os meios para alcançar essa unidade variam. Uma vez poderá ser o systema protector, outras a extensão do mercado, outras o desenvolvimento do credito, ou todos, ou alguns d'estes meios combinados. O politico é que tem d'estabelecer o problema em vista das circumstancias especiaes da nação em que elle se levanta. Com a differença dos *dados* hão de differir as soluções. O que é constante é o fim que o problema tem em vista — procurar a justa proporção dos elementos sociaes.









Sal
Gab
Est
Tab
N°

THE

J. FREDERICK

CARANJE

THEODORIA GENERAL DOA EMIGRAÇÃO

Sala
Cala

Get

ESL.
Tah

100.



2000